

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

JAQUELINE DE MOURA SOUZA

**CAMINHOS DE CORA: A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO DE
*POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS DE 1965 A 1985***

GOIÁS-GO
2025

JAQUELINE DE MOURA SOUZA

**CAMINHOS DE CORA: A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO DE
*POEMAS DOS BECOS DE GOLÁS E ESTÓRIAS MAIS DE 1965 A 1985***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) da Universidade Estadual de Goiás como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Língua, Literatura e Interculturalidade.

Área de concentração: Estudos de Literatura e Interculturalidade.

Linha de pesquisa: LP2 – Estudos Literários e Interculturalidade.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Maria de Melo Araújo.

GOIÁS-GO
2025

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome completo JAQUELINE DE MOURA SOUZA

E-mail INFO@JAQUELINEMOURA.COM

Dados do trabalho

Título CAMINHOS DE CORA: A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO DE "POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS" DE 1965 A 1985.

Tipo:

Tese Dissertação

Curso/Programa Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade

Concorda com a liberação documento

SIM NÃO

¹ Período de embargo é de até **um ano** a partir da data de defesa.

Goiás-GO, 25 de maio de 2025.

Documento assinado digitalmente
 **JAQUELINE DE MOURA SOUZA**
 Data: 24/05/2025 14:14:46-0300
 Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Assinatura autor(a)

Documento assinado digitalmente
 **MARCIA MARIA DE MELO ARAUJO**
 Data: 26/05/2025 15:13:01-0300
 Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Assinatura do orientador(a)

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

S729c	<p>Souza, Jaqueline de Moura.</p> <p>Caminhos de Cora : a estética da recepção de “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais” de 1965 a 1985 [manuscrito] / Jaqueline de Moura Souza. – Goiás, GO, 2025.</p> <p>133 f. ; il.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Márcia Maria de Melo Araújo.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2025.</p> <p>1. Literatura goiana - poesia. 1.1. Estética da recepção. 1.1.1. Leitor. 1.2. Cora Coralina. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.</p> <p>CDU: 82-09(817.3)</p>
-------	--

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu
UEG CÂMPUS CORA CORALINA

Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000

Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

ATA DE EXAME DE DEFESA 10/2025

Aos vinte e oito dias do mês de março de dois mil e vinte e cinco às quinze horas, realizou-se o Exame de Defesa da dissertação da mestranda Jaqueline de Moura Souza, intitulado “Caminhos de Cora: a estética da recepção de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais de 1965 a 1985*”. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dra. Márcia Maria de Melo Araújo – Presidente – (POSLLI/UEG), Dr. Clóvis Carvalho Brito (UnB), Dra. Nismária Alves David (POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pela mestranda e sua orientadora. Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, a presidente da banca examinadora, proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi (X) aprovada, () aprovada com ressalvas, () reprovada com as seguintes exigências (se houver):

Cumpridas as formalidades de pauta, às ____ 17h ____ a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

Goiás-GO, __28__ de ____ março ____ de 2025.

Documento assinado digitalmente
MARCIA MARIA DE MELO ARAUJO
Data: 05/06/2025 08:16:53-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

ofa. Dra. Márcia Maria de Melo Araújo (POSLLI/UEG)

Documento assinado digitalmente
CLOVIS CARVALHO BRITTO
Data: 05/06/2025 08:24:47-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Clóvis Carvalho Brito (UnB)

Documento assinado digitalmente
NISMARIA ALVES DAVID
Data: 05/06/2025 21:45:34-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª. Dra. Nismária Alves David (POSLLI/UEG)

A todos os meus ancestrais que não tiveram a oportunidade de frequentar escolas e universidades.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Afonso de Souza e Francisca Luiz de Moura Souza, cujo apoio incondicional e dedicação incansável se traduziram em gestos diários, como cuidar de minhas tarefas domésticas, para que eu pudesse dedicar mais tempo à jornada acadêmica.

Ao amigo Julimar Felix da Silva, por seu apoio emocional e incentivo.

À amiga Profa. Dra. Selma Aparecida Leite de Andrade, que direcionou meu olhar à academia.

À Profa. Dra. Márcia Maria de Melo Araújo que, ao me apresentar *Cora Coralina: o mito de Aninha*, modificou não apenas meu objeto de pesquisa, mas também meu olhar sobre a vida.

Ao Prof. Dr. Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves, por ampliar minha visão sobre o acesso a fontes primárias, proporcionando as ferramentas necessárias para o início de minha pesquisa.

À Profa. Dra. Nismária Alves David, por suas recomendações de leitura.

Ao Prof. Dr. Clóvis Carvalho Britto, pela riqueza ofertada em *Cora Coralina: Raízes de Aninha* e pela generosidade de contribuir com a lapidação deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Samuel Carlos Melo, que me proporcionou novas lentes para enxergar a poesia. Também por sua sabedoria, sensatez e exemplo de liderança e gestão, como coordenador do POSLLI, para mim uma constante inspiração.

À Fundação Cultural Frei Simão Dorvi, que detém o maior acervo de registros históricos da cidade de Goiás-GO e cujas portas são diariamente abertas para receber pesquisadores de diversos lugares.

Meu muito-obrigada à Dona Maria de Fátima Silva Cançado e a Mateus Gustavo Bispo, arquivistas que não apenas zelam pela inteireza dos documentos e manuscritos ali preservados, como também os vivificam com suas atitudes honrosas e festivas em cada manuseio.

SOUZA, Jaqueline de Moura. **Caminhos de Cora: a estética da recepção de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* de 1965 a 1985**. 2025. 133 f. Dissertação de Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2025.

RESUMO

Esta dissertação investigou a recepção de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* — primeiro livro publicado de Cora Coralina — dos anos 1965 a 1985. Nosso objetivo foi compreender como essa obra, centrada nas memórias e costumes do interior goiano, foi recebida e assimilada nas duas décadas seguintes a seu lançamento. Para essa finalidade, apresentamos os fundamentos da estética da recepção e a figura do leitor, nas abordagens de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser. Dada a discreta repercussão da primeira edição de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* e o hiato de treze anos até o relançamento pela Imprensa da Universidade Federal de Goiás, a pesquisa partiu da hipótese de que a recepção pública, fruto da iniciativa editorial, foi fundamental para que a obra conquistasse visibilidade e alcançasse projeção nacional. Ponto significativo de nosso estudo é a investigação de Cora Coralina como leitora. Para tanto, examinamos a biblioteca da poetisa, com base nos livros catalogados de seu acervo; aludimos a declarações da autora; e perscrutamos seu trabalho como vendedora de livros em São Paulo. Nesse processo, identificamos uma figura pouco conhecida que teria influenciado a formação de Ana Lins como leitora e, posteriormente, como escritora. Examinamos, ainda, os primeiros textos de Cora Coralina, que antecederam a publicação de sua obra inaugural. Sob essa perspectiva, metodologicamente, investigamos os primeiros textos literários e documentais que caracterizam a recepção da obra inaugural de Cora Coralina e analisamos as características estéticas e editoriais das seis primeiras edições, que contaram com a autora em vida. Como resultado: corroboramos a relação autor-obra-leitor, delineada por Jauss e Iser; validamos o reconhecimento e o valor auferido pelos primeiros críticos ao “modo diferente de contar velhas estórias”, proposto por Cora Coralina; confirmamos a importância da estratégia editorial para a difusão do livro e para a notoriedade da poetisa; conhecemos e compreendemos o repertório literário de Cora Coralina, sua relação com a leitura e os primeiros textos que estabeleceram as bases de sua poética. Ao oferecer uma perspectiva a respeito dos primeiros leitores e da recepção inicial de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* — que neste ano completa 60 anos de publicação —, esta dissertação contribui para o campo dos estudos literários, especialmente o da teoria da recepção, por explorar suas bases e a complexidade da figura do leitor. Além disso, busca destacar o vasto repertório literário de Cora Coralina, sua relação com a leitura e a singularidade de sua escrita, reafirmando o valor de sua obra não apenas para a literatura regional, mas também para o panorama literário nacional.

Palavras-chave: Cora Coralina. Estética da recepção. Literatura. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*.

SOUZA, Jaqueline de Moura. **Caminhos de Cora: a estética da recepção de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* de 1965 a 1985**. 2025. 133 f. Dissertação de Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2025.

ABSTRACT

This research investigates the reception of *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* — the first published book by Cora Coralina — from 1965 to 1985. Our objective is to understand how this work, centered on the memories and customs of the interior of Goiás, was received and assimilated in the two decades following its release. To this end, we present the foundations of the Aesthetics of Reception and the figure of the reader, according to the approaches of Hans Robert Jaus and Wolfgang Iser. Given the modest reception of the first edition of *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* and the thirteen-year hiatus until its re-release by the Press of the Federal University of Goiás, this research operates under the hypothesis that public reception, driven by editorial initiative, was essential for the work to gain visibility and achieve national recognition. A significant aspect of our study is the investigation of Cora Coralina as a reader. To this end, we examine the poetess's library, based on the cataloged books from her collection; reference statements made by the author; and explore her work as a bookseller in São Paulo. In this process, we identify a little-known figure who may have influenced Ana Lins's formation as a reader and, later, as a writer. We also examine the early texts of Cora Coralina, which preceded the publication of her inaugural work. From this perspective, methodologically, we investigate the first literary and documentary texts that characterize the reception of Cora Coralina's inaugural work and analyze the aesthetic and editorial characteristics of the first six editions, which were published while the author was still alive. As a result, we corroborate the author-work-reader relationship outlined by Jaus and Iser; validate the recognition and value attributed by the first critics to the "different way of telling old stories" proposed by Cora Coralina; confirm the importance of the editorial strategy for the diffusion of the book and the poetess's notoriety; uncover and understand Cora Coralina's literary repertoire, her relationship with reading, and the initial texts that established the foundations of her poetics. By offering a perspective on the first readers and the initial reception of *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* — which marks its 60th anniversary this year — this dissertation contributes to the field of literary studies, especially Reception Theory, by exploring its foundations and the complexity of the figure of the reader. Furthermore, it seeks to highlight Cora Coralina's vast literary repertoire, her relationship with reading, and the singularity of her writing, reaffirming the value of her work not only for regional literature but also for the national literary panorama.

Keywords: Cora Coralina. Reception Aesthetics. Literature. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 ESTÉTICA DA RECEPÇÃO LITERÁRIA: FUNDAMENTOS	14
2.1 A estética da recepção segundo Jauss e Iser.....	14
2.2 O leitor segundo Iser	20
3 CORA LEITORA: ENTRE HORIZONTES LITERÁRIOS E RAÍZES POÉTICAS	30
3.1 Primeiros textos de Cora Coralina.....	30
3.2 Entre livros e becos: a biblioteca de Cora Coralina.....	39
3.3 A leitura como ferramenta de trabalho	42
4 PRIMEIROS TEXTOS DA RECEPÇÃO DE <i>POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS</i>	46
4.1 As seis primeiras edições.....	46
4.2 Os paratextos de <i>Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais</i>	52
4.2.1 J. B. Martins Ramos (1912-1986)	53
4.2.2 Oswaldino Marques (1916-2003).....	55
4.2.3 Wendel Santos (1944-1982).....	60
4.2.4 Lena Castelo Branco Ferreira Costa (1931-2023).....	68
4.2.5 Silvia Alessandri Monteiro de Castro.....	71
4.2.6 Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).....	75
4.2.7 Célia Siqueira Arantes (1928-2012).....	81
4.2.8 Circe Camargo Ferreira (1949-)	84
4.2.9 Heitor Rosa (1940-).....	87
4.3 Recepção na imprensa	89
4.3.1 Péricles da Silva Pinheiro	90
4.3.2 Oliveira Freitas	91
4.3.3 Ático Vilas Boas Mota	94
4.3.4 Bernardo Élis.....	96
4.3.5 Miguel Jorge.....	100
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	109
Sites	110
ANEXOS.....	111

1 INTRODUÇÃO

Como conterrânea de Cora Coralina, cresci em Goiás imersa no imaginário que sua poesia ajudou a construir. Mas foi na academia, ao ler *Cora Coralina: O Mito de Aninha*, de Saturnino Pesquero Ramón, que meu olhar se voltou criticamente para a obra da poetisa. A recepção de Ramón desvelou-me a profundidade da escrita da rapsoda dos becos e direcionou minha pesquisa para o estudo de sua recepção.

No âmbito acadêmico, observa-se uma lacuna significativa: embora existam estudos sobre aspectos biográficos, temáticos e estilísticos de sua obra, são escassas as investigações que focalizem sistematicamente a recepção de seus textos. Embora crescente, a fortuna crítica sobre Cora Coralina ainda carece de análises que explorem como sua obra foi assimilada, interpretada e ressignificada por leitores e críticos ao longo do tempo.

Almejando preencher essa lacuna, esta dissertação investiga a recepção do primeiro livro publicado de Cora Coralina: *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, que evoca experiências individuais da autora, enquanto registra memórias coletivas dos costumes e da história de Goiás, especialmente os de sua gente mais simples. O objetivo central deste estudo é analisar como o “modo diferente de contar velhas estórias”, proposto por Cora, foi recebido nas duas primeiras décadas após seu lançamento, entre 1965 e 1985, e de que maneira essa recepção impactou a projeção nacional da poetisa.

Com base nesse enfoque, examinamos os primeiros registros históricos que evidenciam a recepção da obra, incluindo os paratextos publicados pela imprensa da Universidade Federal de Goiás (UFG), além das críticas veiculadas em livros, jornais e na televisão. Realizamos, ainda, uma análise das seis primeiras edições do livro, com o objetivo de compreender suas variações textuais e pretextuais. Além disso, investigamos o intervalo de mais de uma década entre a publicação da primeira e da segunda edição do poemário, assim como sua ascensão ao reconhecimento público ao longo da vida de Cora Coralina.

Com uma circulação inicial limitada a uma pequena tiragem, a primeira edição de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* teve pouca repercussão, permanecendo, por muitos anos, praticamente desconhecida do grande público. Foi apenas com a segunda edição, lançada treze anos depois e sob a coordenação da imprensa da UFG, que a obra ganhou maior visibilidade. Graças a esforços que incluíram a circulação do livro entre escritores consagrados e a inclusão de

paratextos que ressaltavam sua qualidade literária, a obra inaugural de Cora Coralina passou a conquistar reconhecimento no cenário literário nacional.

Diante desse contexto, esta dissertação parte da hipótese de que o impacto do texto literário e a recepção, impulsionados pela estratégia editorial, foram fatores determinantes para a difusão da obra. Também consideramos que a baixa repercussão inicial pode ter sido influenciada pelo etarismo, pelo isolamento geográfico de Goiás e pela falta de uma estratégia de divulgação mais ampla. Por meio da análise da recepção inicial e das reedições, que destacaram o valor cultural e literário da obra de Cora Coralina, buscamos compreender o papel da estratégia editorial, bem como o impacto da recepção pública para a notoriedade da poetisa.

Nesse sentido, entre as hipóteses que fundamentam este estudo, destacam-se: a de que a recepção pública do poemário — realizada por importantes figuras da literatura e da academia brasileira — teve um papel essencial na posterior aceitação da poetisa; e a de que a estratégia editorial adotada nas reedições, que inclui essa recepção, foi crucial para o reconhecimento da autora e de sua obra.

A metodologia adotada neste trabalho fundamenta-se em pesquisa bibliográfica e documental, incluindo a análise de materiais críticos e históricos, como cartas, registros em arquivos públicos, jornais, revistas e artigos que esclarecem a recepção de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. Nosso objetivo é aprofundar o entendimento sobre a recepção da obra inaugural de Cora Coralina e seu processo inicial de difusão. A consulta ao acervo da Fundação Frei Simão Dorvi, na cidade de Goiás, proporcionou o acesso a fontes primárias valiosas que embasam esta investigação.

Esta dissertação está organizada em cinco capítulos. No primeiro, apresentamos as temáticas centrais da investigação. No segundo, exploramos a estética da recepção, abordando os fundamentos teóricos propostos por Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser. Com base em Iser, analisamos o papel do leitor, considerado essencial para a construção de significados no texto literário. No terceiro capítulo, dada a ênfase dos estudos da recepção na figura do leitor, consideramos pertinente abordar Cora como leitora. Para isso, analisamos os primeiros textos de Cora Coralina, com o objetivo de desvelar os horizontes que moldaram sua poética e a concepção de seu primeiro livro. Também examinamos o ambiente literário no qual Aninha cresceu; exploramos a biblioteca pessoal de Cora Coralina, apresentando o registro dos livros encontrados na casa velha da ponte e catalogados por arquivistas; e investigamos sua relação com a leitura como

ferramenta de trabalho, durante o período em que atuou como vendedora de livros na Editora José Olympio.

No quarto capítulo, examinamos as características estéticas e editoriais das seis primeiras edições de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. Em seguida, apresentamos uma seleção de textos históricos de contemporâneos da poetisa, como escritores, professores e jornalistas, que ilustram como a obra foi assimilada e recebida entre os anos 1965 e 1985. No quinto capítulo, apresentamos nossas considerações finais sobre a investigação.

Neste trabalho acadêmico, buscamos evidenciar que a teoria da estética da recepção, especialmente os conceitos de Wolfgang Iser, ressoa na trajetória de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. A pesquisa propõe que a obra inaugural da poetisa — embora inicialmente restrita a um público limitado, devido à tiragem reduzida — revelou um “leitor implícito”, conforme sugerido por Iser, que se expande e se transforma a cada nova reedição. Ao analisar o impacto da estratégia editorial nas edições subsequentes e a recepção crítica de importantes nomes da literatura, nosso objetivo é destacar como o efeito de “recepção pública” foi crucial para a inserção da autora no cenário literário brasileiro.

Da mesma forma, destacamos Cora Coralina como leitora, explorando sua relação com a leitura e suas preferências, ao mesmo tempo em que sublinhamos suas raízes e heranças familiares, que provavelmente, moldaram sua formação como leitora e, posteriormente, como escritora. Consideramos que *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* é resultado de um repertório vasto e diversificado, alimentado pelas leituras atentas e constantes da poetisa. A extensa biblioteca de Cora, composta por centenas de títulos de diversas áreas, reflete uma busca por conhecimento plural, permitindo inferir conexões com a maturidade de sua produção literária. Esse acervo, que abrange obras literárias, filosóficas e históricas, revela o compromisso da poetisa com o saber e a sua busca incessante por compreender o mundo ao seu redor. Foi desse amplo repertório que Cora Coralina forjou os alicerces de sua poética, cuja riqueza temática, singularidade estilística e profundidade imagética se destacam em sua obra inaugural, ganhando forma como marcas literárias distintivas.

Observamos que, assim como o milho descrito nos versos da poetisa, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* passa por um processo gradual de amadurecimento e enraizamento. Tal como a “planta primária da lavoura”, a obra cresce, expande-se e ganha substância, até se tornar parte integrante do imaginário literário regional. Por meio da análise das reedições e da recepção

crítica, podemos perceber como esse processo de “passar a verde” se reflete no reconhecimento gradual de Cora Coralina no cenário literário. Nesse quadro, a contribuição dos estudos acadêmicos, especialmente a estética da recepção abordada no próximo capítulo — ao considerar o contexto histórico e o repertório da poetisa —, favorece o enraizamento de sua obra, permitindo que ela se solidifique e alcance a robustez e o lugar de destaque que merece.

2 ESTÉTICA DA RECEPÇÃO LITERÁRIA: FUNDAMENTOS

Com o objetivo de contextualizar a recepção de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* — e estudar os efeitos e sentidos atribuídos a ela por diferentes públicos —, neste capítulo, abordamos os fundamentos da estética da recepção literária, definindo-a a partir das contribuições de Iser e Jauss. Para tanto, organizamos os tópicos da seguinte maneira: no primeiro, apresentamos os principais fundamentos dos expoentes selecionados nesta pesquisa; no segundo, discutimos a abordagem de Iser sobre a função do leitor.

2.1 A estética da recepção segundo Jauss e Iser

A estética da recepção é uma corrente da Teoria Literária originada na Alemanha, na Universidade de Konstanz, e elaborada pelo professor Hans Robert Jauss. Em contraposição ao modelo de crítica literária tradicional, que se concentra no autor ou na obra — sem considerar o papel do leitor —, Jauss propôs uma nova abordagem, colocando o leitor no centro de sua teoria. Segundo ele, a compreensão de uma obra literária não depende da intenção do autor ou da estrutura com que a obra foi escrita, mas sim da maneira como ela é recebida e interpretada pelo leitor. O conceito foi apresentado publicamente pela primeira vez em 1967, durante a célebre palestra de Jauss, intitulada “A História da Literatura como Provocação à Ciência da Literatura” (*Literaturgeschichte als Provokation der Literaturwissenschaft*).

Em *A Literatura e o leitor* (1979, p. 47-48), o estudioso discorre sobre a criação do primeiro departamento de Ciência da Literatura na Alemanha, onde ele e Wolfgang Iser se dedicaram ao estudo da estética da recepção e do efeito. Jauss reconhece sua palestra de 1967 como um marco na teoria literária, que deu início à estética da recepção, assim como a obra *A Estrutura Apelativa do Texto*, de seu colega Wolfgang Iser.

Influenciados pela Fenomenologia, os estudiosos defendiam que o sentido de uma obra literária não é estático, centrado em si mesmo, mas sim dinâmico e dependente da interação com o leitor. Jauss observa que o objetivo da nova abordagem não era rejeitar a filologia tradicional ou os paradigmas históricos de compreensão, mas integrar uma perspectiva que capturasse o processo dinâmico de produção e leitura do texto — ou seja, a recepção literária.

Urgia renovar os estudos literários e superar os impasses da história positivista, os impasses da interpretação, que apenas servia a si mesma ou a uma metafísica da “écriture”, e os impasses da literatura comparada, que tomava a comparação como um fim em si. Tal propósito não seria alcançável através da panacéia das taxinomias perfeitas, dos sistemas

semióticos fechados e dos modelos formalistas de descrição, mas tão só através de uma teoria da história que desse conta do processo dinâmico de produção e recepção e da relação dinâmica entre autor, obra e público, utilizando-se para isso da hermenêutica da pergunta e resposta (Jauss, 1979, p. 47, grifo do autor).

Além de necessária, Jauss defendia que a renovação dos estudos literários não seria alcançada por meio das “taxinomias perfeitas”, dos sistemas semióticos fechados ou das descrições formalistas (1979, p. 48). Em vez disso, ele propunha uma teoria baseada na interação entre a produção e a recepção, entendendo a interpretação literária como um processo contínuo de questionamentos e respostas. Essa abordagem buscava superar as limitações do positivismo, da metafísica literária e da comparação literária como um fim em si mesma.

Jauss (1979, p. 49) reconhece que a estética da recepção foi “um êxito inesperado”. Segundo ele, a teoria respondeu a um interesse latente de estudiosos que, ao longo da década de 1960, se mostraram insatisfeitos com a insuficiência do cânone tradicional da formação filológica. A adesão à teoria cresceu, em parte, devido à crítica ao “ideal da ciência burguesa”, promovida pelo movimento de protesto estudantil da época (Jauss, 1979, p. 46). Nesse contexto de questionamentos e mudança de paradigma, o pesquisador surgiu com uma abordagem teórica que colocava o leitor como agente fundamental na compreensão do texto literário.

A experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra; menos ainda, pela reconstrução da intenção de seu autor. A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com (*Einstellung auf*) seu efeito estético, i.e., na compreensão fruidora e na fruição compreensiva. Uma interpretação que ignorasse esta experiência estética primeira seria própria da presunção do filólogo que cultivasse o engano de supor que o texto fora feito, não para o leitor, mas sim, especialmente, para ser interpretado (Jauss, 1979, p. 46).

Jauss argumenta que a experiência estética não se inicia pela interpretação racional, nem pela tentativa de reconstruir as intenções do autor ao produzir a obra. Para ele, a experiência estética começa no envolvimento inicial com o texto, na “fruição compreensiva” e “compreensão fruidora”, caracterizadas pela afluência de experiência emocional e compreensão intuitiva geradas pela obra. A premissa do teórico contrapunha-se às vertentes filológicas que tratavam o texto literário como um objeto estático a ser interpretado, distorcendo seu papel primordial: provocar uma experiência no leitor.

Um conceito importante estabelecido por Jauss é o “horizonte de expectativas”, que afirma que cada leitor traz consigo, para a leitura, um conjunto de expectativas formadas por suas vivências culturais e históricas, as quais inevitavelmente influenciam sua interpretação do texto.

[...] para a análise da experiência do leitor ou da “sociedade de leitores” de um tempo histórico determinado, necessita-se diferenciar, colocar e estabelecer a comunicação entre os dois lados da relação texto e leitor. Ou seja, entre o *efeito* como o momento condicionado pelo texto, e a *recepção* como o momento condicionado pelo destinatário, para a concretização do sentido como duplo horizonte — o interno ao literário, implicado pela obra, e o mundivivencial (*lebensweltlich*), trazido pelo leitor de uma determinada sociedade. Isso é necessário a fim de se discernir como a expectativa e a experiência se encadeiam e para se saber se, nisso, se produz um momento de nova significação (Jauss, 1979, p. 49-50, grifos do autor).

A exposição destaca a importância de compreender os conceitos de “efeito” e “recepção” na interação entre texto e leitor. O “efeito” refere-se ao potencial do texto para provocar reações no leitor, enquanto a “recepção” depende das experiências, do contexto social e cultural de cada indivíduo. Dessa forma, o sentido da obra literária é construído no encontro entre o horizonte literário proposto pelo texto e o horizonte “mundivivencial” do leitor, que traz consigo as perspectivas da sociedade e da época em que vive.

O expoente sugere que a experiência estética deve ser entendida como um processo dinâmico, no qual o leitor não é passivo, mas sim cocriador de sentidos. Isso implica que o significado do texto literário não é absoluto, mas sim mutável, adquirindo novas significações de acordo com o contexto. Assim, o sentido de uma obra se revela em um “momento de nova significação”, quando o leitor incorpora sua bagagem filosófica, literária e existencial ao processo de leitura.

Em síntese, Jauss destaca o papel ativo do leitor, enfatizando o caráter dinâmico da leitura e ressaltando que o sentido de uma obra literária pode evoluir à medida que leitores de diferentes culturas e épocas interagem com ela. A literatura, vista como um processo interativo, e a ideia de que o leitor desempenha um papel criativo na construção do significado representaram uma grande mudança na crítica literária no final dos anos 1960. Assim, a Teoria da Recepção foi considerada, por críticos e estudiosos da teoria literária, uma das contribuições mais significativas no campo das Ciências Humanas na segunda metade do século XX. Essa abordagem abriu caminho para outros estudos que exploram o diálogo entre texto e leitor, reconhecendo a possibilidade de múltiplas interpretações para uma única obra literária.

De maneira similar, em *O ato da leitura*, publicado em 1979, Wolfgang Iser também reflete sobre a estética da recepção, destacando a complexidade e a multiplicidade de significados que essa abordagem envolve. Em um discurso repleto de nuances, Iser sublinha a importância de compreender a recepção literária sob uma perspectiva histórica e social, além de ressaltar o papel ativo do leitor na construção do sentido. Ao longo de toda a obra, o termo “estética da recepção” é grafado em letras minúsculas. Na primeira página do prefácio à segunda edição em português, o autor expõe suas premissas sobre a recepção:

A recepção, no sentido estrito da palavra, diz respeito à assimilação documentada de textos e é, por conseguinte, extremamente dependente de testemunhos, nos quais atitudes e reações se manifestam enquanto fatores que condicionam a apreensão de textos. Ao mesmo tempo, porém, o próprio texto é a “prefiguração da recepção”, tendo com isso um potencial de efeito cujas estruturas põem a assimilação em curso e a controlam até certo ponto. Desse modo, o efeito e a recepção formam os princípios centrais da estética da recepção, que, em face de suas diversas metas orientadoras, operam com métodos histórico-sociológicos (recepção) ou teórico-textuais (efeito). A estética da recepção alcança, portanto, a sua mais plena dimensão quando essas duas metas diversas se interligam (Iser, 1996, p. 7, grifos do autor).

O estudioso explica que a estética da recepção não se limita a uma unidade monolítica e propõe uma distinção entre os termos “recepção”, entendida como a assimilação de textos e suas reações, e “efeito”, que se refere às estruturas do texto que moldam essa recepção. Para Iser, essa dualidade é fundamental para compreender que o texto não é apenas um veículo de significação, mas um espaço dinâmico no qual o leitor desempenha um papel ativo. Ele argumenta que a recepção de um texto envolve tanto a assimilação registrada quanto as reações observáveis dos leitores, tornando a recepção dependente de registros históricos e das evidências de como o público, em um determinado contexto, reagiu ao texto. Esses registros de atitudes e reações mostram os fatores que influenciam a compreensão do texto em cada momento e lugar.

Nesse sentido, o autor critica a hermenêutica tradicional, que, ao tentar capturar a “verdade” do texto, frequentemente falha ao desconsiderar as múltiplas interpretações que surgem ao longo do tempo e em contextos diversos. Essa crítica reflete uma mudança de paradigma que desafia a interpretação única e a busca pela intenção original do autor. Assim, Iser nos convida a reconhecer que a literatura contemporânea, muitas vezes, resiste às tentativas de interpretação que buscam um significado fixo, revelando-se complexa e multifacetada.

O texto não pode ser fixado nem à reação do autor ao mundo, nem aos atos da seleção e da combinação, nem aos processos de formação de sentido que acontecem na elaboração

e nem mesmo à experiência estética que se origina de seu caráter de acontecimento; ao contrário, o texto é o processo integral, que abrange desde a reação do autor ao mundo até sua experiência pelo leitor. Nesse processo, no entanto, fases podem ser distinguidas, pois nelas acontece uma mudança daquilo que as precede (Iser, 1996, p. 13).

No fragmento, Iser alinha-se com Jauss ao destacar o caráter processual e dinâmico do texto literário, criticando a abordagem tradicional, que tende a fixar o texto a uma de suas etapas — seja a criação pelo autor, a estrutura interna, a formação de sentido ou a experiência estética do leitor. Para Iser, nenhuma dessas fases é autossuficiente para explicar o que o texto é em sua totalidade, pois ele deve ser entendido como um processo que integra essas fases em uma interação contínua. Ao afirmar que o texto é um “processo integral”, Iser subverte a ideia de que ele possa ser compreendido apenas pela intenção autoral ou pelo método formalista de análise, sugerindo que a literatura requer uma abordagem que considere sua complexidade intrínseca. Ele propõe analisar o texto como um fenômeno que se transforma a cada interação entre autor, texto e leitor, reconhecendo que cada etapa gera novos significados, reconfigurando as anteriores. Para Iser (2006, p. 15), “o texto é um potencial de efeitos que se atualiza no processo da leitura”. Ao destacar a importância de investigar o processo de leitura, Iser reforça a ideia central de que o sentido de uma obra literária emerge e se renova na interação entre o leitor e o texto:

Em face da arte moderna, assim como de muitas recepções de obras literárias, o leitor não mais pode ser instruído pela interpretação quanto ao sentido do texto, pois ele não existe em uma forma sem contexto. Mais instrutivo seria analisar o que sucede quando lemos um texto. Pois é só na leitura que os textos se tornam efetivos (Iser, 1996, p. 48).

Na estética da recepção, segundo Iser, o papel do leitor assume uma posição central. Para o autor, a recepção literária se manifesta no ato da leitura, no qual o leitor, imerso em sua experiência subjetiva, atualiza e configura o significado do texto conforme o contexto em que está inserido. Na abordagem de Iser, o sentido do texto só se concretiza quando o leitor efetiva o potencial do texto, que permanece incompleto sem essa interação. Assim, como Iser afirma, a literatura se torna um espaço dinâmico e atemporal, onde mundos históricos ou fictícios, ao serem lidos, alcançam o presente e desvelam novas camadas de significado.

A obra literária se realiza então na convergência do texto com o leitor; a obra tem forçosamente um caráter virtual, pois não pode ser reduzida nem à realidade do texto, nem às disposições caracterizadoras do leitor. Dessa virtualidade da obra resulta sua dinâmica, que se apresenta como a condição dos efeitos provocados pela obra. O texto, portanto, se realiza só através da constituição de uma consciência receptora. Desse modo, é só na

leitura que a obra enquanto processo adquire seu caráter próprio. Por isso, a seguir nos referiremos a “obra” apenas quando esse processo de constituição se realiza na constituição exigida do leitor e estimulada pelo texto. A obra é o ser constituído do texto na consciência do leitor (Iser, 1996, p. 50-51, grifo do autor).

A concepção de virtualidade, segundo Iser, confere à obra literária um caráter dinâmico, que depende diretamente da interação estabelecida durante a leitura. Assim, o texto não apresenta significados ou efeitos já definidos, mas carrega um potencial que se concretiza apenas no encontro com a consciência do leitor. Nesse sentido, Iser reformula a obra literária não como algo estático ou definitivo, mas como um processo vivo e em constante transformação — um “ser constituído” que se forma à medida que o leitor o vivencia, atribuindo-lhe sentido por meio de sua relação com o texto.

Essa abordagem tem implicações profundas para a teoria literária, ao redefinir o papel do leitor na interpretação. Ao afirmar que a obra “se realiza só através da constituição de uma consciência receptora”, Iser desafia as concepções tradicionais que buscam interpretar o significado da obra com base exclusivamente em sua estrutura textual ou nas intenções do autor. Para o pensador, a leitura é um ato que atualiza as “estruturas de indeterminação” presentes no texto, ressignificando os pontos de abertura que o leitor interpreta, orientado por suas próprias expectativas e pelo seu contexto cultural. Assim, a leitura deixa de ser um mero ato de recepção e se torna um processo criativo, no qual leitor e texto colaboram para a realização da obra.

O conceito de virtualidade, portanto, introduz uma nova abordagem sobre o papel do leitor e impõe desafios metodológicos à crítica literária, que precisa se ajustar a essa visão dinâmica e relacional do texto. A obra, ao não se estabelecer em um ponto fixo — nem exclusivamente no texto, nem apenas na leitura —, resiste a uma interpretação objetiva e universal. Esse caráter ambíguo e mutável do texto literário oferece uma nova possibilidade de análise, na qual o foco deixa de ser a busca por significados definitivos e passa a se concentrar no reconhecimento dos efeitos e das ressonâncias que o texto pode gerar em leitores diferentes, em momentos distintos e em contextos variados.

Ao afirmar que a obra literária “é o ser constituído do texto na consciência do leitor,” Iser propõe a estética da recepção como uma teoria que destaca o caráter interativo e temporal do processo de leitura. Ele não ignora o texto enquanto estrutura, mas o coloca em diálogo com a subjetividade do leitor, reconhecendo a diversidade de interpretações e afirmando a leitura como o verdadeiro motor da literatura. Dessa forma, a obra adquire um caráter fluido, indeterminado e

plural, refletindo a complexidade da experiência estética e da construção de sentido que surge do encontro entre o texto e o leitor.

Iser, ao enfatizar a importância da experiência de leitura, contribui para uma compreensão mais profunda da interação entre texto, leitor e contexto, o que é fundamental para a crítica literária contemporânea. Sua análise amplia as possibilidades interpretativas e reforça a literatura como uma prática social e estética, capaz de refletir as experiências humanas. Dessa forma, a obra literária se transforma em um espaço de diálogo e reflexão sobre questões diversas, como identidade, cultura e política, que se entrelaçam de maneira cada vez mais intrínseca em nossos tempos. No próximo tópico, continuaremos explorando Wolfgang Iser e as particularidades de seu enfoque sobre a figura do leitor e a estética da recepção.

2.2 O leitor segundo Iser

Em *O Ato da Leitura* (1996), Wolfgang Iser abre o capítulo “Concepções de leitor e a concepção do leitor implícito” com uma máxima de Northrop Frye:

It has been said of Boehme that his books are like a picnic to which the author brings the words and the reader the meaning. The remark may have been intended as a sneer at Boehme, but it is an exact description of all works of literary art without exception (Frye, 1967, p.472 *apud* Iser, 1996, p. 63).

O autor menciona Frye, pois sua premissa descreve com precisão a dinâmica entre autor e leitor na qual Iser acredita. Ao comparar a literatura a um “piquenique em que o autor traz as palavras e o leitor o significado”, embora essa metáfora possa ter sido originalmente concebida com certo desdém a Boehme, ela captura a essência colaborativa da literatura que Iser explora. Em seguida, Iser analisa diferentes concepções de “tipos de leitor”, destacando que os críticos reconhecem a existência de diversos perfis de leitores, cada um sendo ativado em contextos distintos de recepção e efeito literário.

Iser menciona a identificação de um novo tipo de leitor, acessível por meio de diagnósticos psicanalíticos, como sugerido pelos estudos de Simon Lesser e Norman Holland. Nessa abordagem, a disposição psíquica do leitor torna-se um ponto de partida para observar os efeitos da literatura. Iser destaca que a perspectiva psicanalítica da leitura é promissora, pois retrata um leitor genuíno, livre da dúvida de ser apenas uma construção teórica.

O autor explica que os diferentes tipos de leitor se distinguem principalmente pelo foco na construção ou no substrato empírico, registrando as metas de conhecimento e a confiabilidade das análises sobre os efeitos literários. Ao direcionar sua atenção para o leitor contemporâneo, ele afirma ser possível traçar uma história da recepção, na qual a experiência literária de um público específico ocupa uma posição central. Ao mesmo tempo, as avaliações dessas obras refletem as normas e atitudes da cultura contemporânea, revelando um código cultural que orienta tais julgamentos.

Se focalizamos o leitor contemporâneo, podemos fazer história da recepção. A recepção da literatura por um determinado público ganha então a primazia. Ao mesmo tempo, no entanto, as avaliações das obras refletem certas atitudes e normas do público contemporâneo, de modo que à luz da literatura se manifesta o código cultural que orienta tais juízos. Isso vale também para os casos em que a **história da recepção se interessa pelos testemunhos de leitores** que, em épocas diferentes, responderam à obra em causa. De qualquer modo, a história da recepção revela as normas de avaliação dos leitores e se torna desse modo um ponto de referência para uma história social do gosto do leitor (Iser, 1996, p. 64, grifo nosso).

Neste fragmento, Iser destaca a importância de analisar o leitor contemporâneo para a construção da história da recepção literária, sublinhando como essa abordagem revela os códigos culturais e sociais que orientam a interpretação das obras. O autor sugere que a recepção literária não reflete apenas o gosto estético individual, mas também espelha as normas e valores culturais de uma época, funcionando como um “código cultural” que influencia os juízos literários.

O estudioso enfatiza que, ao focar na história da recepção, é possível compreender as respostas de leitores em diferentes períodos e identificar as transformações nos critérios estéticos ao longo do tempo. Assim, a análise da recepção oferece uma “história social do gosto”, revelando como os valores de cada época influenciam as interpretações literárias. Esse processo nos permite perceber que a literatura não é interpretada em um vácuo cultural, mas está sempre situada dentro do contexto das convenções e valores predominantes, os quais moldam as preferências e as respostas do público leitor.

O “código cultural” mencionado por Iser sugere um substrato coletivo de avaliação, no qual a literatura adquire diferentes significados dependendo das ideologias e do imaginário social de seu público. Nesse contexto, a história da recepção se apresenta como uma ferramenta metodológica essencial para compreender o papel dinâmico da literatura na sociedade e para identificar como as interpretações literárias refletem a subjetividade coletiva, que, por sua vez, é tanto formada quando

moldada pela literatura. Como o autor orienta: “A documentação dos testemunhos, necessária para tal história, no entanto, começa a diminuir consideravelmente à medida que nos afastamos do século XVIII. Daí resulta que o leitor dos séculos anteriores muitas vezes só pode ser captado pelos textos transmitidos” (Iser, 1996, p. 64).

Na citação, a análise de Iser adquire uma relevância especial para a estética da recepção, ao destacar a importância da documentação dos testemunhos históricos de leitura na construção de uma “história social do gosto”. Segundo Iser, a análise desses registros permite entender como as obras foram recebidas, apropriadas e reinterpretadas por diferentes leitores e públicos ao longo do tempo. Essa documentação possibilita, assim, o mapeamento das variações nas preferências e interpretações, refletindo as transformações culturais e sociais ao longo das eras.

O autor observa, contudo, uma limitação crucial: a escassez de testemunhos históricos à medida que se retrocede no tempo, especialmente antes do século XVIII. Essa ausência dificulta a captura da recepção literária de épocas mais distantes e, muitas vezes, exige que se infira o impacto das obras a partir dos próprios textos literários. Para a estética da recepção, essa lacuna destaca o valor dos testemunhos históricos disponíveis, que não apenas preservam reações e interpretações do passado, mas também evidenciam a evolução do gosto e da interpretação literária ao longo do tempo. Para Iser, é justamente a história de como as obras foram lidas e interpretadas ao longo dos séculos que confere à estética da recepção sua relevância, estabelecendo um campo que vai além do texto e se volta para o diálogo contínuo entre a literatura e seu público.

Entre os diversos tipos de leitores abordados em *O ato da leitura*, Iser discute o “leitor ideal” e o “leitor implícito”. O primeiro é uma abstração teórica de um leitor capaz de compreender perfeitamente todas as intenções do autor, respondendo com precisão aos códigos e nuances presentes no texto. No entanto, o conceito de leitor ideal se revela problemático dentro da teoria, pois exige uma correspondência exata entre os significados pretendidos pelo autor e a percepção do leitor, algo praticamente inatingível. Além disso, esse tipo de leitor carece de aplicabilidade prática, uma vez que, como observa Iser, até mesmo o próprio autor não consegue ocupar plenamente esse papel ao reler sua obra, devido à complexidade e à ambiguidade intrínsecas dos textos literários.

Em contraste, o “leitor implícito” é uma figura que, embora também não corresponda diretamente ao leitor real, desempenha um papel funcional dentro do texto. Esse tipo de leitor é uma construção orientadora que o texto literário cria para direcionar a interpretação. Ao contrário

do leitor ideal, o leitor implícito não se fixa em uma única interpretação, mas funciona como uma matriz que possibilita uma multiplicidade de significados. Para Iser, essa concepção revela a natureza interativa e fluida do texto literário, evidenciando que o sentido não é uma imposição rígida do autor, mas emerge da colaboração entre as estruturas internas do texto e a recepção ativa do leitor.

Ao estabelecer a figura do “leitor implícito”, Iser propõe uma abordagem metodológica distinta, que vê a leitura como um processo dinâmico de interação, no qual o texto sugere possíveis caminhos sem restringir completamente o significado. Essa perspectiva amplia o papel do leitor como agente cocriador de significados, reforçando a ideia de que a interpretação de uma obra literária é plural e interativa, e só atinge sua plena realização no ato da leitura.

Essa abordagem impacta diretamente a crítica literária, ao deslocar o foco do estudo tradicionalmente centrado no texto ou no autor, para uma análise da experiência de leitura. A obra, assim, não se realiza apenas no plano de sua estrutura, mas na “consciência receptora” que o texto ajuda a formar no leitor. Ao caracterizar o leitor como um colaborador ativo na criação de significado, Iser propõe um modelo de leitura em que o entendimento surge da convergência entre texto e leitor, estabelecendo uma abordagem teórica que exige da crítica uma abertura ao caráter experiencial e interpretativo do processo literário:

Sem a introdução do leitor, uma teoria do texto literário já não é mais possível. Isso significa que o leitor se converte na “referência de sistema” dos textos, cujo pleno sentido só se alcança pelos processos de atualização sobre eles realizados. [...] A diferença dos tipos de leitor referidos, o leitor implícito não tem existência real; pois ele materializa o conjunto das preorientações que um texto ficcional oferece, como condições de recepção, a seus leitores possíveis. Em consequência, o leitor implícito não se funda em um substrato empírico, mas sim na estrutura do texto (Iser, 1996, p. 73, grifo do autor).

Na passagem, Iser destaca o protagonismo do leitor, fundamentando sua inovação metodológica ao atribuir a ele uma função estrutural dentro do texto, personificada pelo conceito de “leitor implícito”. O autor argumenta que o leitor não deve ser visto como um indivíduo empírico com características definidas, mas como uma construção textual essencial para o processo de recepção literária. Nesse sentido, o leitor implícito passa a funcionar como a “referência de sistema” do texto, sendo responsável pela atualização do significado da obra, que se concretiza no ato de leitura.

A decisão de Iser de desvincular o leitor de uma existência empírica permite que a teoria literária vá além das limitações individualistas e históricas, voltando-se para a estrutura interna dos textos. Dessa forma, o leitor implícito funciona como um mediador entre as intenções potenciais da obra e a resposta interpretativa do leitor real. Sua função é fornecer “pré-orientações” — elementos que guiam o leitor a desenvolver uma recepção alinhada com as estruturas de sentido sugeridas pelo próprio texto. Esse mecanismo reforça a ideia de que o texto literário contém lacunas e pontos de indeterminação que exigem a participação ativa do leitor, convocando-o a preencher esses vazios com suas próprias interpretações.

Com essa abordagem, Iser consolida a compreensão do texto como um “campo de possibilidades”, no qual o leitor implícito atua como um guia, ou “convidado” do texto, orientando as interpretações sem, no entanto, limitá-las a uma resposta definitiva. Ao se distanciar dos leitores empíricos, Iser propõe um modelo que mantém o sentido literário aberto e, ao mesmo tempo, estruturado. Esse equilíbrio entre a autonomia interpretativa e a orientação textual adiciona uma nova dimensão à teoria literária: o texto deixa de ser um objeto fechado e passa a ser um ponto de partida para experiências e significados em constante atualização, resultado da interação entre a estrutura do texto e a atividade criativa do leitor.

Em *A literatura e o leitor* (1979), Iser aborda a “assimetria entre texto e leitor” como um conceito central para entender a estética da recepção. Para ele, essa estética emerge da interação que o leitor estabelece com o texto, mediada pela indeterminação e pelos vazios textuais. A partir dessa “assimetria,” em que o texto intencionalmente apresenta lacunas e elementos não explicitados, Iser argumenta que o leitor é desafiado a preencher essas ausências com suas próprias projeções e interpretações. Assim, a estética da recepção não se define apenas pelo conteúdo transmitido pelo texto, mas também pela forma como o leitor é mobilizado a interpretá-lo, construindo ativamente o sentido.

Iser explora o conceito de interação a partir de modelos da psicologia social, como os de Jones e Gerard, e da psicanálise, por meio de Laing, Phillipson e Lee (Iser, 1979, p. 84-87). Ele recorre a esses modelos para fundamentar a importância do “não dado” na interação, o que impede uma interpretação passiva. Por exemplo, a contingência nas interações sociais, marcada pela imprevisibilidade dos “planos de conduta” dos interlocutores, encontra uma equivalência no ato de leitura: a relação entre leitor e texto não é uma troca de respostas previsíveis, mas um processo interpretativo no qual as lacunas textuais (vazios e negações) desempenham um papel fundamental.

Iser sugere que, diante dessas ausências, o leitor é impulsionado a construir projeções e a preencher os vazios com suas próprias expectativas e bagagem cultural. Essas projeções, por sua vez, são constantemente corrigidas pelo texto, que atua como uma instância de controle, orientando e redefinindo as interpretações do leitor. O autor afirma que:

Do mesmo modo, são os vazios, a assimetria fundamental entre texto e leitor, que originam a comunicação no processo da leitura. [...] Este vazio, contudo, não é apresentado como um fundamento ontológico, mas é formado e modificado pelo desequilíbrio reinante nas interações diádicas e na assimetria do texto com o leitor. O equilíbrio só pode ser alcançado pelo preenchimento do vazio, por isso o vazio constitutivo é constantemente ocupado por projeções (Iser, 1979, p. 88).

Dessa forma, Iser caracteriza a estética da recepção não apenas como um diálogo interativo, mas essencialmente dinâmico e formativo. Os “vazios” e “negações” do texto são estruturas que desafiam o leitor a se posicionar diante da narrativa, transformando sua própria perspectiva ao longo do processo de leitura. Nesse sentido, é possível inferir que, para Iser, o ato de ler é um processo interpretativo sustentado também pelo “não dito”, pelo que o texto sugere, mas não está explicitamente presente. A “assimetria” entre o que o texto oferece e o que o leitor constrói torna-se, assim, o núcleo dessa estética, na qual o sentido não é entregue de forma direta, mas é construído coletivamente, incentivando o leitor a participar da obra literária com uma postura ativa e reflexiva. Contudo, o autor reconhece que

[a] interação fracassa quando as projeções mútuas dos participantes não sofrem mudança alguma ou quando as projeções do leitor se impõem independentemente do texto. O fracasso aí significa o preenchimento do vazio exclusivamente com as próprias projeções. Como, entretanto, o vazio mobiliza representações projetivas (*projektive Vorstellungen*), a relação entre texto e leitor só pode ter êxito mediante a mudança do leitor (Iser, 1979, p. 88, grifo do autor).

O autor destaca, nesse trecho, que a interação entre leitor e texto depende de um equilíbrio dinâmico entre as projeções do leitor e os espaços de indeterminação sugeridos pelo texto. Nesse contexto, o conceito de “vazio” não se refere a uma lacuna estática, mas a uma ausência que convida o leitor a projetar significados, enquanto responde às sugestões implícitas do texto. Entretanto, essa interação pode falhar, e o fracasso ocorre quando o leitor preenche os vazios de forma unilateral, projetando interpretações que não estabelecem um verdadeiro diálogo com o texto.

Iser esclarece que o êxito da interação depende da adaptabilidade do leitor, que deve estar disposto a revisar suas projeções à medida que as estruturas e orientações do texto se revelam. Ele argumenta que a imposição de interpretações fixas, distantes do que o texto sugere ou permite, resulta em um monólogo interpretativo. Nesse caso, o leitor ignora as “respostas” potenciais do texto, preenchendo os vazios com suas próprias projeções de forma imutável, o que desvirtua a natureza interativa da leitura. Para Iser, a transformação do leitor — sua capacidade de refletir e ajustar suas projeções conforme o texto se desdobra — é fundamental para que a experiência literária se realize de maneira significativa. Essa transformação permite que a obra literária preserve sua complexidade e possibilite ao leitor um processo de compreensão que vai além das suas expectativas iniciais.

Assim, a estética da recepção, segundo Iser, se articula na complexidade da leitura como uma experiência em que o leitor transforma e é transformado pelo texto, expandindo continuamente os horizontes de ambos. Para ilustrar sua investigação, o autor recorre às observações de Virginia Woolf sobre os romances de Jane Austen, utilizando-as para descrever o processo de interação do leitor com os “vazios” presentes no texto literário:

Virginia Woolf a propósito dos romances de Jane Austen. Uma romancista descreve o processo de comunicação no romance doutra autora: “Jane Austen é assim uma senhora de emoções muito mais profundas do que aparece na superfície. Ela nos estimula a suprir o que ali não se encontra. O que oferece aparentemente é uma ninharia; compõe-se contudo de algo que se expande na mente do leitor e dota da forma mais duradoura de vida cenas que externamente são triviais. A tensão sempre domina o personagem. As voltas e trejeitos do diálogo nos mantêm nas garras do suspense. Nossa atenção se divide entre o momento presente e o futuro. (...) Aqui, na verdade, nesta história inacabada e, principalmente, inferior, estão todos os elementos da grandeza de Jane Austen” (Iser, 1979, p. 89-90, grifo do autor).

Para Woolf, Austen constrói uma estrutura narrativa em que as emoções e os conflitos internos das personagens não são totalmente revelados; ao invés disso, são sugeridos de forma sutil, cabendo ao leitor preencher as lacunas com suas próprias interpretações e sentimentos. Esse *approach* confere uma profundidade invisível à narrativa, que, embora à primeira vista possa parecer simples ou trivial, enriquece significativamente o processo de recepção e apropriação do texto.

Nesse contexto, os “vazios” ou “lacunas” constituem a base do que Iser denomina “interação”, onde o texto não oferece um conteúdo fechado ou definitivo, mas sugere caminhos interpretativos que incentivam o leitor a participar ativamente na construção do sentido. No caso

de Austen, conforme descrito por Woolf, a tensão e o suspense emergem das “voltas e trejeitos” dos diálogos, que nunca revelam completamente o que as personagens sentem ou pensam, intensificando a conexão do leitor com a narrativa. A técnica de Austen, que Woolf chama de “aparente ninharia”, acaba se expandindo “na mente do leitor”, conferindo durabilidade e relevância a cenas aparentemente banais, que, assim, se tornam impregnadas de uma complexidade subjacente.

O que falta nas cenas aparentemente triviais e os vazios nas articulações do diálogo estimulam o leitor a preenchê-los projetivamente. Jogam o leitor dentro dos acontecimentos e o provocam a tomar como pensado o que não foi dito. Daí decorre um processo dinâmico, pois o que foi dito só parece realmente falar quando cala sobre o que censura. Como, no entanto, o calado é a implicação do dito, é por ele que o dito ganha seu contorno. Como o calado adquire vida pela representação do leitor, o dito passa a apresentar um fundo, que agora, como pensa Virginia Woolf, é muito mais significativo do que permitia supor a descrição do dito (Iser, 1979, p. 90).

“O que falta nas cenas aparentemente triviais e os vazios” promove uma dialética entre o dito e o não dito, criando um jogo de presença e ausência que transforma o ato de leitura em uma experiência dinâmica. O silêncio, portanto, não é apenas uma omissão, mas uma condição que dá forma ao que foi expressado, conferindo-lhe uma nova camada de significado. Ao projetar-se nas lacunas deixadas pelo texto, o leitor traz à tona as implicações subentendidas, fazendo com que o texto se manifeste mais intensamente pelo que não revela. Esse fenômeno, conforme observa Woolf, permite que cenas aparentemente simples ganhem profundidade e se transformem em uma “forma de vida duradoura” na memória e na consciência do leitor. Essa percepção será explorada no quarto capítulo desta dissertação, por meio das impressões registradas pelos primeiros críticos de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*.

No tópico “O vazio como conexão potencial” do livro de Iser, ele propõe que, além de preencher os vazios no texto, o leitor deve conectar de maneira criativa os elementos dispersos, os “esquemas do texto”. Esse processo ativa uma combinação seletiva de significados no leitor, algo que distingue radicalmente da leitura pragmática ou do texto expositivo, nos quais a conexão entre as partes é mais rígida e linear.

Apenas quando os esquemas do texto estão inter-relacionados é que o objeto imaginário começa a se formar. Esta operação, exigida do leitor, encontra nos vazios o instrumento decisivo. Eles indicam os segmentos do texto a serem conectados. Representam pois as “articulações do texto”, pois funcionam como as “charneiras mentais” das perspectivas de representação e assim se mostram como condições para a ligação entre segmentos do

texto. À medida que os vazios indicam uma relação potencial, liberam o espaço das posições denotadas pelo texto para os atos de projeção (*Vorstellungsakte*) do leitor. Assim, quando tal relação se realiza, os vazios “desaparecem” (Iser, 1979, p. 106, grifos do autor).

Ao definir os “vazios” como “articulações do texto”, Iser enfatiza a função estrutural desses espaços como componentes imprescindíveis na construção do sentido pelo leitor. Os vazios não apenas estimulam a interação, mas estabelecem uma espécie de conexão potencial, funcionando como “charneiras mentais” que organizam as perspectivas fragmentadas e possibilitam a interligação de partes dispersas do texto. Esse mecanismo reforça que, para Iser, o texto literário não se completa por si mesmo, visto que necessita da intervenção interpretativa do leitor, que deve projetar significados, imaginando e combinando segmentos em uma coerência latente que somente se revela com a atuação ativa de quem lê.

Ao liberar “o espaço das posições denotadas pelo texto”, os vazios expandem a margem de interpretação e permitem que o leitor projete (*Vorstellungsakte*) suas próprias associações, promovendo uma pluralidade de sentidos. A condição para que a interação textual ocorra, conforme Iser, é justamente essa “relação potencial” entre as partes soltas, que, quando completada pela atividade do leitor, faz com que os vazios “desapareçam”. Esse desaparecimento dos vazios simboliza o momento em que a projeção do leitor cumpre seu papel, gerando uma interpretação particular que, ainda que seja transitória e subjetiva, solidifica momentaneamente o objeto imaginário em sua mente.

Ao conferir aos vazios uma função primordial e estruturante, o autor desloca a ênfase do texto enquanto obra fechada para o texto como espaço de possibilidades que requer, para sua realização plena, uma atuação transformadora do leitor. Ao retirar da obra a prerrogativa do sentido fechado e transferi-la ao ato de recepção, o autor redefine o papel da literatura, afastando-a do domínio da transparência ou objetividade, e orientando-a para o campo da interação estética.

A ideia de que os vazios são estrategicamente empregados no romance de tese, no folhetim e nas obras de Ivy Compton-Burnett (Iser, 1979, p. 118-120), permite ao autor demonstrar a diversidade de funções estéticas, comerciais e políticas que esses espaços podem desempenhar. No romance de tese, os vazios são limitados para favorecer uma perspectiva doutrinária, o texto busca controlar a resposta do leitor, guiando-o quase didaticamente em direção a uma posição específica. Já no folhetim, os vazios se tornam uma técnica de engajamento que visa prender o leitor, mobilizando o suspense e incentivando uma conexão que deve ser reativada a cada pausa da publicação serial. Com Ivy Compton-Burnett, no entanto, os vazios são explorados ao máximo,

resultando em um tipo de diálogo quase intraduzível para o leitor casual; cada resposta e ação surgem de camadas implícitas e motivações ocultas.

Assim, Iser verifica que os vazios não apenas geram sentido, mas também desorientam e desautomatizam as expectativas do leitor, confrontando-o com a tarefa de atribuir sentido a cada fragmento, ao passo que descobre a relação, não óbvia, entre as personagens. Além disso, o autor menciona a função dos vazios na estética do “estranhamento” (Iser, 1979, p. 112), alinhando-se com as ideias dos formalistas russos, como Viktor Shklovsky, sobre a função da arte em prolongar o processo perceptivo do leitor. Ao invés de apenas uma recepção rápida e conclusiva, o texto literário reorienta o leitor para uma experiência mais complexa e contínua. Em obras que propositalmente deixam lacunas, o estranhamento leva o leitor a questionar e revisitar suas próprias construções de sentido, destacando a incompletude inerente à experiência de leitura.

A investigação de Iser sublinha que, ao intensificar a atividade imaginativa, os vazios assumem um papel fundamental na construção do caráter estético do texto. Aspecto este particularmente relevante por expandir a consciência reflexiva do leitor, que se vê forçado a “dialogar” com a obra, transformando-se a si mesmo e ao texto literário no percurso da leitura. Para Iser (1979, p. 120-121), os vazios revelam-se como estruturas autorreguladoras, que mantêm a tensão interpretativa e garantem a continuidade do processo de significação, atingindo o que ele identifica como uma interação homeostática entre o leitor e o texto.

Neste capítulo, abordamos os conceitos fundamentais da estética da recepção, destacando a importância da interação entre o texto e o leitor, e como as reações dos leitores moldam a compreensão da obra. E esta, por sua natureza, não se limita à forma textual, mas se expande por meio das respostas emocionais e intelectuais de seus leitores, refletindo a memória cultural e as disposições sociais e históricas de cada época.

No próximo capítulo, desvelamos o universo de Cora leitora, reconhecendo como suas leituras contribuíram para a formação de sua voz poética. Essa abordagem permite-nos estabelecer um elo entre sua formação literária e a recepção de sua obra, destacando como o ato de ler e de ser lido se entrelaçam no processo contínuo que moldou sua trajetória como escritora.

3 CORA LEITORA: ENTRE HORIZONTES LITERÁRIOS E RAÍZES POÉTICAS

Cora Coralina, que frequentou apenas os primeiros anos do ensino primário, teve uma educação formal limitada, especialmente se comparada aos padrões pedagógicos contemporâneos. Mesmo diante dessa restrição, desde os 14 anos, ela demonstrou interesse pela escrita, publicando seus primeiros textos em periódicos locais. Esses esforços iniciais indicam sua busca ativa por envolvimento literário, seja por meio de leituras autodidatas ou pela participação em círculos literários, configurando uma forma de resistência tanto política quanto estética. Diante disso, o objetivo deste capítulo é analisar a relação de Cora Coralina com a leitura, investigando como os textos em sua biblioteca e as influências familiares e culturais de seu tempo contribuíram para a construção de uma poética que valoriza a oralidade, a memória coletiva e as vozes marginalizadas. À luz da estética da recepção, conforme os conceitos de Jauss e Iser, buscamos compreender como a leitura se constituiu como um espaço de interação dinâmica, no qual o horizonte de expectativas da jovem Ana Lins foi moldado e expandido por uma variedade de textos literários.

3.1 Primeiros textos de Cora Coralina

O início da trajetória literária de Cora Coralina remonta aos seus primeiros “escritinhos”, compostos ainda jovem durante o período em que viveu na fazenda Paraíso, de seu avô, em Goiás, por volta dos anos 1900. Foi nesse ambiente rural, imerso na convivência com a natureza e nos elementos simples do cotidiano, que Cora começou a moldar sua sensibilidade literária.

Durante a pesquisa sobre a obra inaugural de Cora Coralina e os hábitos de leitura da poetisa, deparamo-nos com a informação de que sua mãe, Jacintha Luíza do Couto Brandão, era frequentadora assídua do Gabinete Literário Goiano, instituição que oferecia acesso a uma diversidade de obras literárias mediante pagamento de mensalidades. Os registros da instituição indicam que, de 1880 a 1921, Jacintha movimentou centenas de livros. Em 1902, por exemplo, ao menos 45 livros foram emprestados a Jacintha, refletindo um repertório diversificado que revela tanto seus interesses pessoais quanto os horizontes culturais disponíveis na cidade de Goiás naquela época. Segundo Britto e Seda (2009, p. 43), a genitora de Cora Coralina integrou a Federação Goiana para o Progresso Feminino e foi a primeira mulher a requerer sua inscrição como eleitora. De algum modo, sua mentalidade progressista reverberou na poética de sua filha.

Outro ponto relevante do empréstimo de títulos em francês é a familiaridade de Jacintha com o idioma, evidenciando um nível elevado de instrução e interesse por culturas estrangeiras. A esse respeito, Britto e Seda escrevem:

Jacyntha cresceu em um momento em que os Couto Brandão possuíam inúmeras riquezas. Foi uma privilegiada por pertencer a uma das famílias mais tradicionais da então capital do estado de Goiás. Embora, por ser mulher, não tivesse adquirido formação superior, a exemplo de seus irmãos que estudaram na Bélgica e em Ouro Preto, adquiriu uma cultura avançada se compararmos com a de muitas mulheres de sua época. Lia espanhol e italiano e um padre da cidade ministrava aulas de francês em sua residência, contribuindo para que ela falasse fluentemente o idioma e pudesse ler romances no original. Na verdade, um dos fatos mais marcados em sua biografia consiste em ter lido todos os livros da Biblioteca Pública de Goiás (Britto, Seda, 2009, p. 33-34).

A citação fundamenta-se no estudo de Maria José Goulart Bittar (1997), que, buscando destacar o papel social desempenhado pela mulher na história da cidade de Goiás, registrou a biografia de Jacintha Luíza. Na dissertação, “As Três Faces de Eva na Cidade de Goiás”, Bittar retrata Jacintha Luíza do Couto Brandão, mãe de Cora Coralina, como uma figura importante tanto na história familiar quanto na sociedade de Goiás. Ela é descrita como uma mulher de grande liderança, inteligência e cultura avançada para a época:

D. Jacintha lê espanhol e italiano e fala fluentemente francês. Intelectual, perde-se em intermináveis leituras e, até hoje, o fato de ter lido todos os livros da Biblioteca Pública de Goiás é sempre lembrado. Considerando-se as possibilidades da época, com as dificuldades de comunicação e atrasos do correio, está sempre bem informada, assinante que é dos jornais *O País*, *O Jornal* e *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro (Bittar, 1997, p. 138, grifos da autora).

Além do hábito de leitura, Bittar também destaca que, diante de adversidades como a viuvez e o endividamento da família, Jacintha fez-se uma mulher empreendedora, que montou um negócio com uma tropa de burros, malsucedido, e posteriormente fabricou cigarros para o sustento da família. Essa disposição para o trabalho, dentro de um contexto social que restringia as mulheres, é, nas palavras de Bittar, um dos aspectos mais notáveis de sua personalidade. Igualmente, seu papel como matriarca, especialmente quando uma de suas filhas ficou viúva e ela a acolheu com seus filhos. Para a estudiosa, a vida e as ações de Jacintha são fundamentais para entender o papel das mulheres da elite goiana no final do século XIX e início do século XX.

Voltando ao conjunto de obras emprestadas do Gabinete Literário Goiano, isso indica que o hábito de leitura de Jacintha pode ter moldado um ambiente familiar receptivo aos livros. Tal hábito, alimentado por um acervo literário amplo e variado, pode ter influenciado — direta ou indiretamente — a trajetória de Cora Coralina como leitora e, posteriormente, como escritora.

A prática contínua de Jacintha, além de ampliar seu horizonte cultural, possivelmente, naturalizou a presença dos livros no lar onde cresceu a poetisa dos becos, criando um ambiente no qual o acesso e o interesse pela leitura eram valorizados. É sabido que o exemplo de pais leitores exerce influência significativa no desenvolvimento do hábito de leitura de seus filhos, e é provável que esse ambiente literário tenha desempenhado um papel essencial no despertar do interesse da jovem Ana pela literatura.

Essa convivência com os livros e o exemplo materno, muito provavelmente, plantaram as sementes que, anos depois, germinariam na forma de uma poética singular e profundamente enraizada nas memórias e vivências de Goiás. No poema “O Longínquo Cantar do Carro” (Coralina, 1983, p. 81), a poetisa reflete sobre os bastidores de sua estreia:

Minha mãe era assinante do “Paiz” e para nós vinham os romances
do Gabinete Literário Goiano.
Esperar a volta do carro, imaginar as coisas que viriam da cidade,
tomava a imaginação desocupada das meninas moças.
Acostumei a ler jornais com a leitura do “Paiz”.
Colaboravam Carlos de Laet, Arthur Azevedo, Júlia Lopes de Almeida,
Carmem Dolores.
Meus primeiros escritinhos foram publicados no suplemento desse jornal.
Acompanhei, na sua leitura, fatos e acontecimentos universais.
O casamento de Afonso XIII com a princesa de Betenberg,
neta da rainha Vitória, um atentado anarquista,
uma bomba atirada no cortejo nupcial.
E mais todo o desenrolar da guerra russo-japonesa no começo deste século,
onde o Japão se revelou potência bélica, vencendo a Rússia
[...]
Uma festa, apurar o ouvido ao longínquo cantar do carro, avistado na distância, esperar as
novidades que vinham: cartas, livros e jornais.
Era uma vida para aquela mocidade despreocupada, pobre e feita de sonhos.
(Coralina, 1983, p. 81-82, grifos da autora).

No fragmento, Cora Coralina retrata a expectativa e a importância do carro de boi como um elo entre o mundo rural e o urbano, pois trazia notícias, livros, jornais e encomendas que alimentavam os sonhos e a imaginação das jovens de sua comunidade. A autora evoca a vida simples e despreocupada da juventude, marcada pela espera ansiosa das novidades que o carro

trazia da cidade. Esse momento se configurava como uma verdadeira festa, um evento que quebrava a rotina e abria uma janela para o mundo exterior.

A menção ao jornal *O Paiz* e aos romances do Gabinete Literário Goiano destaca o acesso de Cora Coralina à literatura e à informação, mesmo em um contexto rural. A leitura de livros e jornais, junto à publicação de seus primeiros escritos ainda na juventude, aponta para o engajamento de Cora e seu compromisso com a formação literária. A referência a colaboradores como Carlos de Laet, Arthur Azevedo, Júlia Lopes de Almeida e Carmem Dolores evidencia o contato da poetisa com grandes nomes da literatura e do jornalismo da época, ampliando significativamente seus horizontes culturais e intelectuais.

Além disso, o trecho menciona eventos históricos globais, como o casamento de Afonso XIII e a guerra russo-japonesa, destacando como a leitura de jornais conectava Cora Coralina e sua família aos acontecimentos mundiais. Essa interação entre o local e o universal é uma característica marcante em sua obra, que, embora profundamente enraizada na cultura goiana, estabelece um diálogo com questões mais amplas.

No início do século XX, a cidade de Goiás vivia um período de intensa efervescência intelectual, impulsionado pela criação de importantes instituições como a Academia de Direito (1903) e a Academia de Letras (1904). Esse ambiente estimulou o surgimento de uma geração de escritores e poetas influenciados pelo Romantismo e pelo Parnasianismo, que buscavam consolidar uma produção literária significativa. Nesse contexto, ao retornar à cidade em 1905, Cora Coralina se destacou pela diversidade de suas atividades, atuando como escritora, jornalista, conferencista e declamadora. Sua participação no jornal *A Rosa* e no Grêmio Literário Goiano foi determinante para consolidar sua presença no cenário literário local. Em 1907, Cora Coralina passou a integrar a equipe de redatores do jornal literário *A Rosa*, um importante veículo de difusão das ideias literárias em Goiás.

Com Cora Coralina nasceu uma rosa. Embaladas pelo cenário intelectual, em 1907, quatro jovens escritoras se tornaram redatoras do jornal literário *A Rosa*, considerado pela crítica como veículo das ideias da intelectualidade goiana da época. Foram elas Rosa Godinho, Alice Santana, Luzia de Oliveira e Lambertina Póvoa (Britto, Seda, 2009, p. 71, grifo do autor).

No mesmo ano, Cora Coralina foi eleita vice-presidente do Grêmio Literário Goiano, onde se envolveu ativamente em conferências e tertúlias literárias. Uma das conferências mais marcantes

foi a “Dissertação sobre o Amor”, que demonstrou sua eloquência e profundidade de pensamento, qualidades que também permeavam sua produção literária. Essas atividades fortaleceram sua reputação como escritora e a aproximaram de outros intelectuais da época, como Luís do Couto, a quem dedicou uma crítica literária publicada em 1909 no jornal *Goyaz*.

Nos primeiros textos, Cora Coralina abordou uma ampla gama de temas, como questões sociais, culturais, e reflexões sobre a condição humana, o amor, a solidão e a natureza. Sua escrita fluida e poética mesclava elementos do Romantismo com uma sensibilidade mais moderna, antecipando a maturidade de sua obra futura. Em textos como “A viuvinha” e “O celibatário”, ela explora aspectos profundos da existência humana, evidenciando uma reflexão já amadurecida. Sua atenção à forma e à estética literária também é notável em sua crítica ao livro *Lilazes*, de Luís do Couto, no qual discute a importância da forma e da originalidade na criação literária. Isso revela não apenas seu conhecimento das tradições literárias, mas também sua capacidade crítica em relação à produção de seus contemporâneos.

Desde muito jovem, entre os 16 e 21 anos, Cora Coralina iniciou sua trajetória literária, publicando seus primeiros textos em periódicos como *A Rosa*, *Goyaz*, *A Imprensa* e outros veículos regionais, incluindo o *Triângulo Mineiro*. Suas primeiras publicações, predominantemente crônicas e contos, evidenciam uma escrita já amadurecida, marcada pela sensibilidade e por um olhar atento às questões sociais e culturais de seu tempo. Um exemplo representativo de sua produção inicial é uma crônica de 1905, publicada no jornal *Tribuna Espírita do Rio de Janeiro*, na qual a autora presta uma homenagem a José Olympio Xavier de Barros, pioneiro do Espiritismo em Goiás. Ao homenagear José Olympio, Cora Coralina reflete sobre o poder das ideias e da fé para transformar vidas e comunidades, mesmo diante de adversidades culturais e religiosas. A escritora fez outras valiosas contribuições ao jornal *Tribuna Espírita*, conforme destacam Brito e Seda:

Não é de se admirar que Cora Coralina escrevesse sobre o espiritismo, já que conforme ela mesma descreveu, sua mãe foi uma de suas maiores divulgadoras em Goiás. Isso, posteriormente, contribuiria para que a poetisa dilatasse suas relações com o transcendente e, sem nenhum preconceito, respeitasse as religiões como um todo, como podemos constatar em seus poemas. Cora Coralina foi católica, integrando, inclusive, a Ordem Terceira de São Francisco, e sempre frequentou as missas, mas dizia que acreditava na reencarnação, em sua “volta ao mundo na Lei de Kardec. Prova disso foi a estreita amizade que construiria, depois, com Chico Xavier (Britto, Seda, 2009, p. 77).

Na citação, os autores destacam a relação de Cora Coralina com o Espiritismo e sua abertura para diferentes expressões religiosas, refletindo uma visão pluralista e inclusiva da espiritualidade. A influência de sua mãe, uma das primeiras divulgadoras da doutrina kardecista em Goiás, foi fundamental para que a poetisa desenvolvesse uma conexão com o transcendente, sem se limitar a dogmas ou preconceitos. Para os estudiosos, essa postura se reflete em sua obra, onde temas como misticismo e reencarnação coexistem com sua prática católica, evidenciando uma síntese única entre tradição e modernidade. A amizade com Chico Xavier, um dos maiores expoentes do Espiritismo no Brasil, reforça essa conexão e exemplifica como Cora Coralina harmonizou diferentes crenças em sua vida e em sua poesia, valorizando a espiritualidade como um caminho de compreensão e respeito à diversidade humana.

Outros dois textos que remontam aos primeiros escritos de Cora Coralina são “A Solidão” e “Floração”, publicados como crônicas. Inéditas e pouco conhecidas do grande público, essas composições foram escritas durante o período em que Cora viveu na fazenda Paraíso. A primeira, datada em 10 de novembro de 1908, explora a experiência da solidão e sua relação com a natureza, abordando a transformação interna que essa convivência pode provocar.

“A Solidão

Que grande contraste entre a primavera e o inverno!

De um lado, o céu azul, a luz gloriosa do sol, e o canto dos passarinhos...

De outro a tristeza de um céu pardacento, ameaçador e carrancudo como um velho nervoso. O inverno tem mais influência sobre mim, que sobre os termômetros. Nesta quadra de meses, sinto-me triste e constrangida, como se estivesse num lugar estranho, sempre com os olhos no céu, espreitando a primeira nesga azul, entre grossas nuvens cor de chumbo, ou o primeiro raio de sol, caindo na relva úmida dos campos.

Tão alegre sou na primavera como triste, quando vejo as nuvens arrastarem-se pelo horizonte, levadas a um rendez vous macabro...

Questão de temperamento.

Por isto é que eu gosto das andorinhas; elas não suportam o inverno, com o seu aguaceiro entediante.

Ah, não! Abrem as asas, sobem rodopiando pelo espaço, e tomam a direção do sul.

Quem me dera ser a andorinha forasteira, que levanta suas plumas azuis, varando o espaço em busca da luz, de claridades!...

Como deve ser bom ter asas! Asas para golpear a imensidade, para varar o horizonte... Asas para desaparecer no azul.

De todos os pássaros o que me merece mais simpatia, é a andorinha, nem o sabiá canoro, (que me faz lembrar a ‘serenata’ de Schubert, executada na flauta por Chico Martins) nem as níveas garças, nem os colibris volúveis como os homens...

Um dos primeiros artigos que publiquei aos 14 anos, foi sobre as andorinhas, o ano passado escrevi sobre este pássaro, e é sobre ele que ora escrevo.

A razão é simples. Eu detestava a solidão, e via-me obrigada a aceitá-la. Como era natural, comecei a prestar muita atenção a tudo que me cercava: árvores, flores, pedras, rios, pássaros...

Enquanto eu fitava os olhos no espaço, esperando num carro de flores a fada que devia libertar, como nos Contos da Carochinha, as andorinhas chilreavam como se estivessem zombando da minha infantil esperança: comecei a amá-las, horas esquecidas acompanhava as evoluções de suas asas. Sendo elas mais amigas do homem, dão preferência aos telhados para a sua nidificação, foram pois as companheiras da minha solidão, e quem me ensinou a distinguir o Belo na Natureza. Dir-se-ia que me nasciam outros olhos mais sutis, mais delicados. Eu que, nada prestava atenção, do que enxergava com os meus olhos carnis, principiei a ver e compreender, e afinal aceitei aquela frase de Batista Cepellos: ‘A solidão no sentido etimológico da palavra, não existe... A solidão é mais povoada que as grandes cidades, os habitantes, porém, são de outra espécie muitíssima diversa, que poucos olhos vêem e poucos espíritos alcançam’.

Só quem vive na solidão compreende o extremo bem que ela faz a alma. Foi feliz Samuel Smiles quando escreveu: ‘é na solidão que se alimenta a paixão pela perfeição espiritual. A alma comunica-se consigo mesma até que a sua energia torna-se mais intensa’.

A solidão e a natureza, estão sempre unidas, e o mundo que elas me ofereceram foi tão belo, tão ideal que fiquei em êxtase.

Compreendi que até então minha alma tinha estado cega, e que seus olhos abertos repentinamente, eram deslumbrados.

Todas as insignificâncias e puerilidades que eu olhava sem ver, começaram a ter para mim outro sentido, parecia eu ser dotada de uma ótica superior e maravilhosa.

Hoje desconheço o tédio que causa a continuação invariável da mesma vida sem emoções, e a monotonia de ter sempre diante dos olhos as mesmas cenas, as mesmas paisagens, sem variantes. Acho que as vozes humanas são desnecessárias; para a natureza basta o êxtase.

Será preciso os sons emitidos pela garganta, quando a mudez é tão elegante? Haverá solidão onde as fontes murmuram sons de veludo, onde os pássaros cantam e onde canta a claridade?...

Abençoada seja a Natureza, em cujo templo a minha alma comunga com devoção, a hóstia branca e benta da poesia...

Cora Coralina - Paraíso – 10-11-908”
(Inédito)

(Jornal Goyaz, 1909, *apud* Britto, Seda, 2009, p. 62-63, grifos do autor).

“A Solidão” é uma reflexão poética e filosófica sobre a relação entre o ser humano e a natureza, explorando como a solidão pode se transformar em uma experiência de enriquecimento espiritual e autoconhecimento. Ao contrastar as estações do ano — com a primavera trazendo alegria e o inverno associando-se à melancolia —, a poetisa revela a influência dos elementos naturais sobre o estado emocional humano. A solidão, inicialmente vista com aversão, torna-se, por meio do contato com a natureza, uma condição propícia à introspecção e à descoberta interior. O texto enfatiza a transformação da autora, que, ao observar o comportamento das andorinhas — aves que, como ela, buscam a luz e a liberdade —, encontra uma nova perspectiva sobre o mundo, na qual a beleza se manifesta nas pequenas coisas do cotidiano. Essa mudança de paradigma revela

uma maturidade emocional e poética, em que a solidão deixa de ser entendida como um fardo para se tornar um caminho de ampliação à percepção e ao autoconhecimento.

No texto, a relação simbiótica entre a solidão e a natureza apresenta-se como um espaço de comunhão e transcendência. Cora Coralina descreve como, ao se entregar à observação atenta da natureza, sua alma se abre para um mundo antes invisível, repleto de significados e beleza. A citação de Batista Cepellos — “A solidão no sentido etimológico da palavra, não existe... A solidão é mais povoada que as grandes cidades, os habitantes, porém, são de outra espécie muitíssima diversa, que poucos olhos vêem e poucos espíritos alcançam” —, sintetiza essa ideia de que a solidão não é um vazio, mas um estado de plenitude, no qual a alma se comunica consigo mesma e com o universo. A autora sugere que, longe de ser uma ausência, a solidão é um espaço fértil para a criação e a contemplação, onde a natureza se torna uma fonte inesgotável de inspiração e poesia.

Em vista disso, a composição celebra a natureza como um templo sagrado, um espaço onde a alma humana pode encontrar refúgio e comunhão. Cora Coralina encerra o texto com uma reverência à natureza, descrevendo-a como o lugar onde sua alma “comunga com devoção, a hóstia branca e benta da poesia”. Essa imagem religiosa reforça a ideia de que a solidão, quando vivida em harmonia com a natureza, pode se tornar uma experiência profundamente espiritual e transformadora. Ao final, a autora nos ensina que, no silêncio da solidão, é possível alcançar a mais pura comunicação com a natureza e consigo mesma, fazendo dessa vivência uma fonte inesgotável de inspiração e poesia.

Concebida e adornada pelas flores do cerrado, a crônica “Floração”, datada em 11 de maio de 1909, reflete a conexão da cronista com a natureza e sua visão poética do renascimento da vida durante o mês de maio. Ao explorar o contraste entre o inverno e a primavera, Cora expressa sua afinidade com o ciclo natural, associando a floração das plantas e a renovação da paisagem com um renascimento interior. A natureza deixa de ser um cenário externo, tornando-se uma extensão de sua alma, em um processo de transição da rigidez do inverno para a efervescência da primavera.

“Floração

Meu amigo. Eu que do mundo só conheço as grandes árvores em cuja sombra recortada e preguiçosa despertou-me a primeira cisma, as campinas que rebentam em flores neste lindo mês, o mais lindo do calendário e as colossais florestas não desvirginadas, de uma beleza austera e selvática, onde os vegetais abrem-se para a vida na espontaneidade das coisas livres; eu que da vida só conheço a singeleza e candura que se encontra bem longe da sociedade hodierna, não debes estranhar pois o meu grande amor pela Natureza. Tu vives na Arte, pela Arte e... Talvez da Arte, amai-a portanto. Desde que meus olhos ingênuos e curiosos de adolescente, fitaram pela primeira vez estas paisagens, elas se

retrataram na minha retina deslumbrada. Daí as visões que achas no fundo do meu olhar. Foi a natureza o primeiro cenário que se abriu para a minha alma impressionista. Às vezes me parece ser eu uma haste, um ramo, um tronco... Sim, amigo, não rias, a vida é para mim como é para eles. O inverno triste como a Quaresma de um Monge, me faz lamentar como uma andorinha de cemitério. Mas tudo renasce neste lindo Maio, e eu também me sinto renascer neste fluxo miraculoso de vida. As pedras, as plantas, vivem nesta época, e eu vivo com elas. Árvores! Gosto de vê-las frementes neste banho de luz, onde as folhas têm cintilações próprias e transparências de cristais verdes! Do inverno nada resta senão as verduras bem lavadas. Os campos e as matas ao meio dia têm trechos adoráveis da noite. Oh! Claro escuros, como me sugeris imagens e visões que me fatiam a alma na ânsia louca de alcançá-los. O céu e a terra são duas rimas ternas e luminosas... Vejo acolá, na orla da estrada as rosinhas silvestres sangrando o glauco translúcido das folhas. É este o mês glorioso das orquídeas brancas, como hóstias consagradas, de cujas pétalas excêntricas e bizarras, desprendem-se um perfume morno de colos desnudados. As águas riem alto nos seus tálamos de seixos e gorjeia a boca alegre dos ninhos. É a Natureza, meu abrigo celebrando a Páscoa da Vida, no seu templo de luz e de aromas; essa harmonia luminosa projeta-se na minha alma, dando-lhe vigor, fazendo dela uma atleta de força e de beleza. Tudo, tudo o que me cerca acompanha esse Te-Deum festival. As árvores, as flores, os ninhos, as águas e até os blocos hirtos de granito, das cordilheiras esculpidas em relevos no horizonte, tem a espiritualização das coisas santas. E na celebração litúrgica dessa Missa Cantada da Natureza, sente-se vibrar a Alma rude da Pedra. Maio é o mês em que a criatura desvencilha-se delicadamente do atavismo egoísta de seu eu e tem no coração mansidões inéditas. É o mês das asas, dos arrulhos, dos namorados e de amor. O céu mais próximo da terra parece estreitá-la num longo amplexo apaixonado. E no entanto quando quero beber essa vida esplendida que me cerca, envolver-me nessa luz que do alto desce cascadeando sobre a terra, juntar meu canto de gracia às vozes de tudo o que me canta e reza, sinto que dentro do meu ser a minha alma enregelada treme de frio! Cora Coralina - Paraíso – 11-5-909”

(Inédito)

(Jornal Goyaz, 1909, *apud* Britto, Seda, 2009, p. 64-65, grifos do autor).

Cora Coralina descreve a natureza como um espaço sagrado, onde árvores, flores, pássaros e até mesmo as pedras parecem integrar uma liturgia cósmica, celebrando a “Páscoa da Vida”. A intensidade das cores, os perfumes das flores, o movimento das águas e os sons que preenchem o ambiente estão imersos em uma espiritualidade que confere ao mundo natural uma qualidade quase divina, transformando-o em um “templo de luz e de aromas”.

Essa visão mística da natureza reflete uma identificação profunda da autora com o mundo natural, a ponto de se perceber como parte integrante dele, como “uma haste, um ramo, um tronco”. Essa fusão entre o eu e o ambiente sugere uma busca por transcendência, em que a natureza se torna um espelho para a alma humana. Com uma linguagem sensível e detalhada, a crônica transmite uma visão estética e reflete uma busca por harmonia e por uma conexão mais íntima com o mundo ao redor, enquanto expressa a jornada de Cora rumo ao autoconhecimento e à contemplação da beleza da vida.

No entanto, a crônica também apresenta uma tensão entre a exuberância da natureza e a fragilidade interior da autora. Enquanto o mundo exterior vibra com a energia da floração, Cora

Coralina revela que, em seu íntimo, sua alma “enregelada treme de frio”. Esse contraste entre a vitalidade externa e a introspecção melancólica sugere uma complexidade emocional, na qual a beleza da natureza, embora intensa, não é suficiente para preencher completamente o vazio interior. A autora busca na natureza tanto um refúgio quanto uma fonte de inspiração, mas também reconhece que essa conexão não é capaz de dissipar as inquietações de sua alma. Essa dualidade entre o esplendor da natureza e a solidão humana confere à crônica uma profundidade emocional, transformando-a em algo mais do que uma simples descrição paisagística, é uma meditação sobre a condição humana e sua relação com o transcendente.

Conhecer os primeiros textos de Cora Coralina, publicados em jornais e revistas antes de seu primeiro livro, é essencial para compreender o processo de formação de sua poética. Esses escritos representam uma parte fundamental de sua trajetória literária, refletindo o talento precoce da autora e sua inserção no cenário intelectual de Goiás no início do século XX. Por meio de suas crônicas, contos e conferências, Cora Coralina construiu uma voz única, que, com o tempo, se consolidaria como uma das mais singulares da literatura brasileira. Nesse sentido, suas primeiras leituras e produções devem ser reconhecidas como as bases sólidas sobre as quais sua carreira literária foi erguida.

3.2 Entre livros e becos: a biblioteca de Cora Coralina

À luz da estética da recepção, a leitura desempenha um papel fundamental na formação de um escritor, contribuindo para a construção de seu repertório e ampliando seus horizontes de expectativas. No caso de Cora Coralina, podemos inferir que a interação com textos literários ao longo de sua vida foi fundamental na constituição de sua poética. Apesar de seu acesso limitado à educação formal, a vasta coleção de 705¹ livros catalogados em sua residência revela um universo literário rico e diversificado, atestando a opulenta bagagem intelectual da poetisa.

Esse acervo, que reflete a curiosidade intelectual de Cora Coralina, é um testemunho de seu engajamento com diferentes áreas do conhecimento. A magnitude e a diversidade dos títulos sugerem um repertório amplo e multifacetado, abrangendo literatura brasileira e internacional, história, filosofia, espiritismo, ciências humanas e cultura popular. A riqueza desse acervo revela uma autora empenhada em expandir seus horizontes intelectuais, conectando-se com as ideias e

¹ Na ocasião da enchente ocorrida em 31 de dezembro de 2001, na cidade de Goiás-GO, os livros de Cora Coralina, armazenados na casa velha da ponte, foram catalogados e tratados por arquivistas para preservação do acervo. Fonte: arquivo da Fundação Cultural Frei Simão Dorvi.

debates de sua época. Em um contexto onde o acesso a escolas e universidades era privilégio de uma minoria, a construção de uma biblioteca pessoal tão vasta demonstra o esforço de Cora Coralina em buscar conhecimento e enriquecer sua cosmovisão. Essa busca constante pelo saber ecoa em sua poesia, que combina a simplicidade do cotidiano com uma profundidade reflexiva, sensível às questões humanas.

A teoria da recepção permite compreender como a leitura pode moldar o repertório e o horizonte de expectativas de um escritor, transformando sua percepção do mundo e sua produção literária. No caso de Cora Coralina, a diversidade de gêneros e autores em sua biblioteca aponta para uma formação literária plural, que transcende as limitações geográficas e educacionais de seu contexto. A presença de obras de autores como Castro Alves, Carolina Maria de Jesus, Chico Xavier, Jorge Amado, e de clássicos internacionais como Dostoiévski e Edgar Allan Poe, indica que Cora Coralina estava inserida em um diálogo amplo com diferentes tradições literárias e culturais. Esse ecletismo literário evidencia a riqueza de sua formação e sua capacidade de integrar diálogos intertextuais diversificados em sua própria poética.

Antologias, dicionários, revistas literárias, além de mais de vinte títulos de literatura de cordel, enriquecem o acervo bibliográfico de Cora Coralina, ampliando seu repertório literário. Essa diversidade de obras reflete um campo fértil para a construção de uma escrita original, que, ao mesmo tempo, dialoga com as questões universais da humanidade e se enraíza nas especificidades culturais de Goiás.

Para Cora Coralina, a leitura se configura como um processo ativo e transformador. Sob a perspectiva da estética da recepção, é possível compreender que sua escrita não surgiu de uma passividade diante dos textos, mas sim de um engajamento contínuo com o vasto repertório literário que ela foi construindo ao longo de sua vida. Em um contexto de limitações educacionais, a leitura tornou-se um ato de resistência intelectual, essencial para a formação de sua voz poética, que desafiou as normas literárias e sociais vigentes, ao mesmo tempo em que narrava a história de sujeitos marginalizados e vulneráveis.

Sobre o acervo de Cora Coralina, Britto e Seda (2009, p. 369) observam que os livros de Juscelino Kubitschek, por exemplo, permaneciam ao lado da poltrona em que Cora Coralina usualmente se sentava para receber visitantes na casa velha da ponte. De acordo com Turiba (1984, p. 15 *apud* Britto, Seda 2009, p. 369), para a poetisa, Juscelino era “um estadista e verdadeiro

líder”, razão pela qual, ao dialogar com a juventude, ela frequentemente recomendava os livros de seu ídolo:

“‘Você conhece os livros do Juscelino Kubitschek?’. Alguns trechos, algumas causalidades. Pois eu digo a você, meu jovem, você está em falha. Leia os livros de Juscelino Kubitschek, principalmente você que vive, mora e trabalha em Brasília. Conhecer principalmente o livro do fundador de Brasília, escrito por ele, a história da fundação daquela cidade escrita pelo próprio que a fundou. Isso é muito importante. E os livros dele são muito bem escritos. Ele deixou, me parece que, quatro. E eu dos quatro tenho três. Primeiro: ‘Meu Caminho para Brasília’. Ele começa contando a infância dele em Diamantina. Depois ‘Porque Construí Brasília’. Depois ‘Cinquenta Anos em Cinco’. E ele ainda tem um quarto livro. (...) Documentado. Têm passagens lá verdadeiramente inesquecíveis. O livro de Juscelino é uma maravilha. Leia, é seu dever de jovem. E ainda mais para você tomar conhecimento daquela grande cidade criada pelo espírito e criação de Niemeyer e de outros que ajudaram ele. Lúcio Costa e outros. Ele não fez um empréstimo estrangeiro para a fundação de Brasília. O livro tem coisas pitorescas ocorridas na fundação de Brasília. Lá em minha casa, em Goiás, vai muita gente de Brasília, pois a cidade está na linha de turismo. Sempre que entram lá na minha casa a conversa vai girando e, afinal, eu pergunto: ‘Você conhece os livros de JK?’. Olha, de tantos que venho tendo contato, alguns dizem: ‘É, eu li esparso em jornal’. Porque os jornais publicaram partes do livro. E eu aconselho sempre a ler o livro. Outros dizem: ‘Sim, eu já li’. Muito bem, eu quero tirar a limpo isto. O que você tem a contar de mais interessante que tenha ocorrido com ele. A pessoa fica logo embaraçada. (...) Amigo, quando a gente lê um bom livro nunca tem o direito de dizer que leu e esqueceu. Se você lê e esquece, então de que vale a sua leitura” (Turiba, 1984, p. 15 *apud* Britto, Seda, 2009, p. 369, grifos do autor).

A citação evidencia a admiração de Cora Coralina por Juscelino Kubitschek, destacando seu respeito pelo estadista e sua percepção sobre a importância da leitura de sua obra para a formação de uma visão crítica entre os jovens. Ao recomendar os livros de Juscelino, a poetisa enxerga neles mais do que um relato sobre o fundador de Brasília, vendo-os como um legado de sabedoria e vivências que merecem ser absorvidas e refletidas. A insistência de Cora em que os jovens leiam os livros de Kubitschek de maneira completa, sem se limitar a trechos isolados, evidencia sua crença na leitura ativa e na valorização da memória histórica. Esse conselho, dado com entusiasmo e respeito, reforça a ideia de Cora de que uma verdadeira compreensão de um texto exige um engajamento profundo e contínuo com a obra. Para ela, a leitura é uma ferramenta poderosa na construção da identidade cultural e no entendimento do papel de indivíduos e eventos na formação de um país.

Esse fragmento histórico também serve como uma janela que nos permite vislumbrar o envolvimento de Cora Coralina com os livros do acervo dela, revelando a leitura como parte de sua vida cotidiana. A dedicação com que ela recomenda a leitura completa das obras de Juscelino

Kubitschek, insistindo para que os leitores conheçam os livros em sua totalidade e não apenas trechos isolados, sugere que Cora não era uma simples acumuladora de livros, mas uma leitora ativa, profundamente engajada com as obras que possuía. Embora não possamos confirmar com precisão se ela leu todos os títulos de sua biblioteca, é provável que ela tenha estabelecido uma relação íntima com grande parte de seu acervo, buscando extrair de cada livro algo que ampliasse seu repertório e sua compreensão da realidade. Sua atuação como leitora reflete a importância que ela atribuía à leitura como uma prática de autoconhecimento e de formação crítica, algo que transparece claramente em sua própria escrita.

Compreender Cora Coralina leitora permite ver sua obra como resultado de um diálogo constante com os textos que ela absorveu durante sua vida. Essa interação entre leituras e vivências fortalece a singularidade de sua poética, que, ao integrar oralidade e memória coletiva, transforma o local em universal e o regional em atemporal. Nesse sentido, Cora Coralina revela-se uma escritora e leitora cujo vasto repertório literário ressoa em sua obra, tornando-a uma das vozes mais significativas da literatura brasileira. No próximo tópico, continuamos a explorar a relação da poetisa com a leitura e como esta se associa ao seu processo de escrita.

3.3 A leitura como ferramenta de trabalho

O contato de Cora Coralina com a Editora José Olympio ocorreu em um momento decisivo de sua vida, marcado pela necessidade de se reinventar economicamente após o fracasso de sua pensão em Jaboicabal, São Paulo. A amizade com a família Olympio, especialmente com José Olympio — fundador de uma das editoras mais respeitadas do país —, proporcionou-lhe a oportunidade de trabalhar como vendedora ambulante de livros. Embora essa atividade parecesse modesta, ela se revelou fundamental não apenas para sua subsistência, mas também para sua formação literária e para a consolidação de sua identidade como escritora. Cora assumiu esse trabalho com uma dedicação incomum: carregava livros pelas ruas da cidade, batia de porta em porta e, sobretudo, lia cada obra que vendia. Essa prática não era mera estratégia comercial, mas uma extensão de sua paixão pela leitura e uma forma de legitimar seu discurso diante dos clientes (Britto, Seda, 2009, p. 171-172).

Nesse contexto, a leitura tornou-se tanto um instrumento de sobrevivência quanto um ato de resistência intelectual. Cora não se limitava a comercializar livros; ela os absorvia, transformando-se em uma mediadora entre a obra e o leitor. Seu método de venda era

intrinsecamente pessoal: ao dialogar sobre literatura com os clientes, demonstrava um conhecimento íntimo dos textos, destacando sua relevância cultural e emocional. Essa abordagem exigia um esforço físico e mental considerável — carregar “um significativo volume debaixo dos braços” pelas ruas de São Paulo —, mas também refletia sua crença no poder transformador da literatura. A frase “tinha o carisma de quem precisava vender” sintetiza bem essa dualidade: o carisma não era apenas uma habilidade inata, mas uma construção alimentada pela urgência de sustentar a família e pela convicção de que os livros eram veículos de conhecimento e dignidade.

“A José Olympio estava lançando a coleção de Humberto de Campos e eu ia oferecer nas residências da rua Augusta, Theodoro Sampaio e outras das imediações. Vendia também enciclopédias e livros de direito nos escritórios. Todos eram solidários comigo. Eu tinha o carisma de quem precisava vender” (Gonçalves, 1982, p. 24 *apud* Britto, Seda, 2009, p. 77, grifo do autor).

O influxo dessa experiência reverberou em sua trajetória literária. A leitura da *Coleção Crítica* de Humberto de Campos, por exemplo, a auxiliou nas vendas e também moldou sua visão sobre a função social da poesia. Campos defendia uma literatura que superasse a estagnação formal e se alinhasse aos “destinos da humanidade”, criticando poetas que reduziam a poesia a um “fenômeno de mecânica”. Sua afirmação de que “a inspiração dos poetas [...] é a única energia paralisada” denunciava a desconexão entre a evolução científica e a criação literária, clamando por “novas formas estéticas” que expressassem as ansiedades do mundo moderno. Cora Coralina, ao adquirir e reler incessantemente essa obra — cujos volumes desgastados são testemunhos de seu engajamento —, internalizou essa crítica, transformando-a em um pilar fundamental de sua própria poética (Britto, Seda, 2009, p. 173-174). A reação de Cora aos postulados de Campos se manifesta em sua busca por uma escrita enraizada na vivência e na simplicidade. Ela afirma:

A literatura mudou muito de 22 para cá. Hoje, eu mesma que venho de um passado, já não procuro mais a literatura dos velhos poetas, tanto quanto possível, convivo intelectualmente com os novos, embora nela eu reveja o passado, porquanto tenho uma grande vivência e é na minha vivência que encontro os temas de melhor expressão, sensibilidade. E devo dizer que a minha vivência é muito rica, muito poderosa e eu não tenho ainda descido ao fundo dela (Coralina, 1981, *apud* Britto, Seda, 2009, p. 173-174).

A postura de Cora exemplifica diretamente a metáfora de Campos sobre o “cérebro queimado pelo raciocínio” que anseia por simplicidade, “como o deserto tem sede de água pura”. Para Cora, a simplicidade não era sinônimo de superficialidade, mas uma ferramenta de

autenticidade, capaz de traduzir experiências cotidianas em uma linguagem universal. Seus textos, frequentemente descritos como “prosa poética”, refletem essa síntese entre a oralidade coloquial e a profundidade temática, antecipando tendências literárias que só se consolidariam décadas depois.

Britto e Seda ressaltam que Cora Coralina abraçou a conexão entre arte e humanidade proposta por Campos, com uma abordagem singular. Enquanto Campos via na estagnação poética um fracasso coletivo, Cora transformou essa crítica em um projeto pessoal: sua literatura, além de dialogar com os “destinos da humanidade”, era também tecida a partir de sua própria história. Ao declarar que “minha vivência é muito rica, muito poderosa e eu não tenho ainda descido ao fundo dela”, ela reconhece que sua obra é um processo contínuo de mergulho interior, no qual o individual se expande para o coletivo. Essa abordagem contrasta com os “inconscientes”, citados por Campos — poetas aprisionados a fórmulas —, pois Cora rejeitou a mera repetição de modelos, optando por uma linguagem que refletisse sua identidade e seu contexto.

A atuação do pensamento de Humberto de Campos em Cora Coralina vai além da defesa da inovação formal, incorporando uma ética literária baseada na responsabilidade social do artista. Ao afirmar que “o progresso humano pede, aspira, suplica, uma forma estética de expressão”, Campos antecipa o que Cora concretizou ao retratar, por exemplo, a vida nos becos de Goiás e a resistência das mulheres marginalizadas.

A exposição de Cora Coralina a obras críticas e seu contato direto com o público leitor — como vendedora ambulante da Editora José Olympio — permitiram-lhe desenvolver um estilo único, caracterizado pela simplicidade e pela conexão com a vivência cotidiana. Essa jornada ilustra como a leitura pode transcender seu papel tradicional de consumo individual, transformando-se em uma ferramenta de ação social e autodescoberta. Ao mergulhar nos livros que vendia, Cora não apenas garantiu seu sustento, mas também alimentou seu repertório literário e fortaleceu sua voz autoral. Essa experiência consolidou sua crença na literatura como um espaço de diálogo e transformação — princípio que orientaria toda sua obra. Assim, sua relação com a Editora José Olympio não é apenas um episódio biográfico, mas um testemunho do poder da leitura como prática resistente e criadora de sentido, mesmo em contextos de adversidade.

No próximo capítulo, aplicamos essa abordagem teórica ao analisar a recepção de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, com foco nas edições publicadas durante a vida de Cora Coralina. As edições de seu primeiro livro, juntamente com os paratextos que as acompanham, oferecem uma visão concreta da relação autor-obra-leitor e do processo de recepção literária. Elas

evidenciam as dinâmicas de validação e projeção que influenciaram a recepção da obra e sua trajetória no cenário literário brasileiro. Ao aprofundarmos as múltiplas camadas de significados que emergem das reações dos leitores, será possível observar como essas interações ajudaram a inserir a obra e a figura de Cora Coralina no contexto literário, tanto regional quanto nacional.

4 PRIMEIROS TEXTOS DA RECEPÇÃO DE *POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS*

Neste capítulo, investigamos a recepção pública de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, refletindo sobre a repercussão da obra na ocasião do lançamento e nos anos subsequentes. Para tanto, no primeiro tópico, comentamos sobre as seis primeiras edições do poemário, cujas impressões contaram com a supervisão de Cora Coralina. Essas edições são importantes porque trazem paratextos que caracterizam os primeiros registros da recepção do livro, além de evidenciar a estratégia editorial para a promoção da obra.

No segundo tópico, reunimos uma coleção de testemunhos de escritores, estudiosos e jornalistas contemporâneos da poetisa, que evidenciam os fundamentos da estética da recepção segundo Wolfgang Iser. Como apresentado no segundo capítulo deste trabalho, intitulado “Estética da recepção literária: fundamentos”, para Iser, a interação com a obra literária passa pela assimilação e pelo registro das respostas do público. O entendimento do texto, portanto, é condicionado por registros históricos que capturam as reações e atitudes dos leitores, refletindo o contexto de cada época. Nessa perspectiva, reunimos textos que indicam como *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* foi interpretado e como obra e leitores se influenciaram mutuamente, evidenciando a recepção como um ato coletivo, moldado pela memória cultural e pelas respostas emocionais e intelectuais próprias de cada momento, conforme exposto por Iser. No terceiro tópico, abordamos a recepção na imprensa, apresentando as primeiras críticas publicadas em jornais e outros espaços de comunicação.

4.1 As seis primeiras edições

Foram seis as edições de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* que contaram com a aprovação pessoal de Cora Coralina para a publicação. Os anos e as editoras são as relacionadas na tabela a seguir:

Tabela 1 – As seis edições de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* com a autora em vida

Edição	Ano	Editora	Formato	Nº de páginas
1 ^a	1965	José Olympio Editora S.A.	14x21cm	90
2 ^a	1978	Imprensa da Universidade Federal de Goiás	16x22cm	156
3 ^a	1980	Editora da Universidade Federal de Goiás	16x22cm	222
4 ^a	1983/1	Global Editora e Distribuidora Ltda.	14x21cm	240
4 ^a	1983/2	Global Editora e Distribuidora Ltda.	14x21cm	240

5 ^a	1984	Global Editora e Distribuidora Ltda.	14x21cm	240
6 ^a	1984	Global Editora e Distribuidora Ltda.	14x21cm	248

Fonte: Dados da presente pesquisa

A 1^a edição, lançada pela José Olympio Editora, de São Paulo, em 1965, veio a lume com 24 poemas, sem paratextos editoriais e com o texto “Cora Bretas – Cora Coralina: Miniaturista de mundos idos, que assim ela eterniza”, de J. B. Ramos, dividido nas orelhas do livro. A 2^a edição, organizada pela Imprensa da Universidade Federal de Goiás, em 1978, trouxe mudanças: o livro foi dividido em três partes e sete novos poemas passam a integrar as novas seções, totalizando 31 poemas; as orelhas trazem breves comentários de celebridades sobre o poemário; além das notas da autora e da editora, quatro paratextos são inseridos na abertura do livro: “Cora Coralina Professora de Existência”, de Oswaldino Marques; “Lição de Vida”, de Lena Castelo Branco Ferreira Costa; e “Um Privilégio e uma Oportunidade”, de Silvia Alessandri Monteiro de Castro. Na 3^a edição, em 1980, a Imprensa da Universidade Federal de Goiás passa a se chamar Editora da Universidade Federal de Goiás, e Cora Coralina acrescenta mais quatro poemas ao livro, que passa a contabilizar 35 composições poéticas.

A 4^a edição foi produzida pela Global Editora e Distribuidora, de São Paulo, em 1983, e manteve os paratextos preparados pela Editora da Universidade Federal de Goiás. Naquele ano, a Global Editora e Distribuidora realizou duas impressões: a primeira, em maio de 1983, e a segunda em dezembro do mesmo ano. Embora se trate da mesma edição, a capa da segunda impressão é diferente da primeira, o que, em nossos dias, justificaria uma nova edição, com novos dados catalográficos e ISBN², e não apenas uma nova impressão. No entanto, sabemos que a realidade editorial da época era bem distinta da dos dias atuais, mais eficiente e rigorosa. Da quarta edição até os dias atuais, toda a obra de Cora Coralina é editada pela Global Editora e Distribuidora. Na 5^a edição, três novos paratextos são inseridos na abertura do poemário: “Cora Coralina”, de Célia Siqueira Arantes; “Poema a Cora Coralina”, de Circe Camargo Ferreira; e “Poema com Açúcar: para Aninha”, de Heitor Rosa. A 6^a edição repete a estrutura da anterior, com acréscimo do posfácio “O Universo Imaginário de Cora Coralina”, capítulo da obra *Crítica Sistemática*, de Wendel Santos, publicada em 1977.

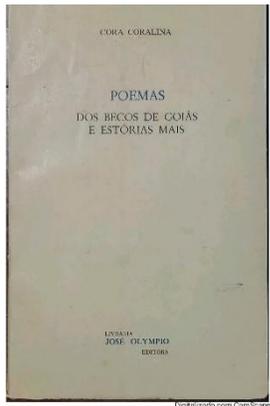
² International Standard Book Number, em português: Número Internacional Padrão de Livro.

Consideramos importante o esclarecimento para que não se confunda o número de edições durante os anos de vida de Cora Coralina. Aproveitamos para esclarecer a diferença entre “edição ou editoração” e “impressão ou tiragem”, considerando que a informação pode ser relevante para a academia. A edição ou editoração é o processo de preparação do original, entregue pelo autor, e envolve várias etapas: a edição do conteúdo, a revisão, a leitura crítica, a diagramação, o pedido de ficha catalográfica e o registro de ISBN, a arte gráfica da capa e as ilustrações, quando necessárias. Concluídas essas etapas, a primeira edição do livro pode ser impressa e disponibilizada no mercado. A impressão ou tiragem é o número de exemplares impressos. A reimpressão de uma edição já publicada pode ser feita a qualquer momento, sem necessidade de novos registros ou acréscimo de informação da tiragem no livro. Desse modo, a edição de um livro pode ser impressa e depois reimpressa em pequenas ou grandes tiragens. Uma nova edição só se justifica quando há alteração no conteúdo do livro, quer seja no texto ou na capa. Quando há troca de editora, faz-se necessária a nova edição, como ocorreu no caso de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, que foi ganhando novos poemas e passou por diferentes editoras.

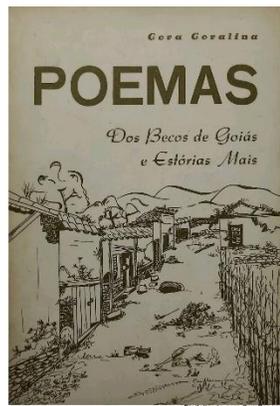
Não tivemos acesso ao número de exemplares impressos na 1ª edição da obra inaugural de Cora Coralina, mas sabemos que, na ocasião do lançamento, era usual fazer tiragens de pequenas milhares de unidades, o que encarecia o processo de publicação. Diferentemente dos modelos atuais de publicação, que permitem que um livro seja publicado até mesmo sem nenhum exemplar em papel, por meio da venda sob demanda. *Print on demand*, cuja sigla é POD e a tradução é “impressão sob demanda”, é o modelo de impressão que consiste no armazenamento dos arquivos de impressão de um livro em um servidor e, quando a venda é realizada por meio de alguma plataforma digital — como Amazon ou outras livrarias com venda pela internet —, o livro é impresso e enviado ao comprador. Há alguns anos, o POD era custoso, hoje, compete com o modelo tradicional de tiragens sem os riscos de perda de estoque ou investimento financeiro estagnado.

A seguir, as capas das seis primeiras edições de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*:

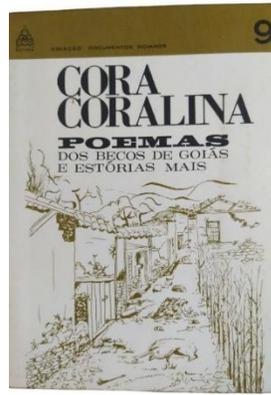
1ª edição (1965)



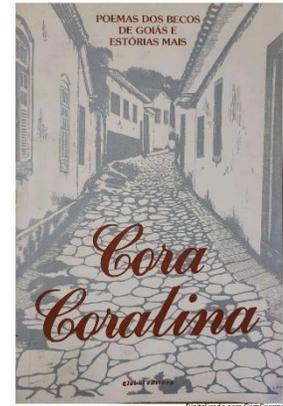
2ª edição (1978)



3ª edição (1980)



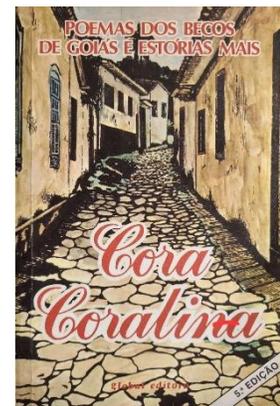
4ª edição (1983/1)



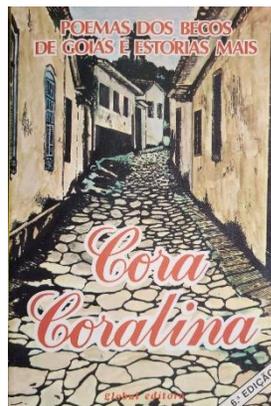
4ª edição (1983/2)



5ª edição (1984)



6ª edição (1984)



De acordo com Benedito e Pires (1977, p. 17), para publicar seu primeiro livro, Cora Coralina teve que vender uma casa no interior para subsidiar a publicação. Ainda hoje, o modelo editorial de publicação com coparticipação (financeira do autor) é utilizado, mas com valores mais acessíveis, que podem custar uma moto ou um carro popular usado, mas dificilmente uma casa. Para o lançamento, a autora contou com o apoio do Grupo de Escritores Novos (GEN), movimento de vanguarda, sediado na capital, que acreditava no valor da poesia coralina. O grupo organizou a primeira noite de autógrafos de Cora “em 23 de setembro de 1965, no Bazar Oió, em Goiânia” (Britto, Seda, 2009, p. 274). A eles, posteriormente, a poetisa dedicou alguns versos do poema “Meu Vintém Perdido”:

Leitores e promoção.
 Meu respeito constante, gratidão pelos jovens.
 Foram eles, do grupo Gen, cheios de um fogo novo

que me promoveram a primeira noite de autógrafos
na antiga livraria Oió: Jamais os esquecer.
Miguel Jorge, nos seus dezessete anos, namorado firme
de Helena Cheim, também escritora e amiga de sempre.
Luís Valladares e tantos outros a quem devo
tanta manifestação carinhosa e generosidade.
Hecival de Castro, dezessete anos lá se vão corridos
(Coralina, 2012, p. 30-31).

Nos versos, Cora Coralina expressa sua gratidão aos jovens leitores do GEN e noutra ocasião afirma que eles eram quem procuravam ventilar seu trabalho nos setores da sociedade, analisando-o e criticando-o de forma amiga e verdadeira (Britto, Seda, 2009).

Lançada em meados de junho de 1965 pela José Olympio Editora, a 1ª edição de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* apresenta editoração simplista: capa sem qualquer elemento gráfico que ilustre o conteúdo poético; página de créditos sem ficha catalográfica ou registro de ISBN (não mandatório à época); diagramação com modesto espaçamento entrelinhas e letras pequenas, típicas do período. A 1ª edição contém 24 composições poéticas e 88 páginas, pois não contava com os poemas: “As Tranças da Maria”, “Ode às Muletas”, “Ode à Londrina”, “Mulher da Vida”, “A Lavadeira”, “O Cântico da Terra”, “A Enxada”, “A Outra Face”, “Menor Abandonado”, “Oração do Pequeno Delinquente” e “Oração do Presidiário”. A diagramação também contribuiu para uma quantidade reduzida de páginas. Nas seguintes edições, o espaçamento passou a ser maior e os poemas supracitados foram gradativamente incluídos, constituindo a segunda e a terceira parte do livro. Na 2ª edição (1978), acrescentaram-se sete novos poemas, e na 3ª edição (1980), mais quatro poemas. Desde então, o poemário conta com 35 composições poéticas, 24 na primeira parte e 11 na segunda; uma nota explicativa sucede o poema “O Prato Azul-Pombinho”.

Consideramos importante destacar que da primeira para a segunda edição há um hiato de 13 anos. Embora *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* tenha sido lançada por uma editora do eixo Rio-São Paulo de projeção nacional, a José Olympio, e “tenha recebido uma determinante fortuna crítica, esteve esgotada e ficou fora de catálogo” (Nunes, Quintela, 2022, p. 3). A falta de recursos financeiros da autora para a divulgação do livro somada à dissolução do Grupo de Escritores Novos, no final nos anos 1970, teriam contribuído para que tanto o poemário como a autora conhecessem o limbo editorial. Britto e Seda afirmam que, após o lançamento de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, “muitos jornalistas e críticos, principalmente no estado de Goiás, silenciaram ou menosprezaram o legado da poetisa goiana, obscurecendo sua obra e

focalizando a idade da escritora” (2009, p. 276). O etarismo, portanto, pode ter sido outro importante argumento para a falta de repercussão midiática de Cora Coralina. Todavia, consideramos que, dentre todos os motivos que levaram autora e obra a mais de uma década de lapso, a abordagem editorial pode ter sido a principal.

Somente a partir da segunda edição, publicada pela Imprensa da Universidade Federal de Goiás, em 1978, a obra alcançou repercussão nacional e passou a ser impressa e editada com maior periodicidade, chegando à 24ª edição³ pela Global Editora. Para Nunes e Quintela (2022), a chancela editorial da universidade foi substancial para a difusão do poemário. Ainda, de acordo com os autores, os paratextos preparados pela imprensa da Universidade Federal de Goiás (UFG) foram cruciais para acelerar a consolidação, bem como a repercussão do livro no mercado brasileiro.

No mundo editorial, os textos que acompanham uma obra, quer no início ou no final, podem ser chamados de paratextos e almejam endossar o autor e seu conteúdo. O objetivo desses textos é impactar positivamente no desempenho da obra, promovendo maior alcance de público, aumento no número de vendas e incremento da reverberação midiática. Assim, a estratégia da imprensa universitária de trazer vários expoentes do universo acadêmico e editorial para a abertura do poemário de Cora Coralina foi válida. De 1978 até os dias de sua morte, a poetisa viu o sucesso de sua obra inaugural e foi aclamada por ela, recebendo distintas premiações e destaques (Nunes, Quintela, 2022, p. 15).

No entanto, antes de atrair o olhar da maior universidade de seu estado, Cora Coralina fez um desabafo público que pode ter contribuído para que seu “modo diferente de contar velhas histórias” (Coralina, 2006, p. 27) fosse finalmente reconhecido. Os jornalistas Mouzar Benedito e Mário Pires, do jornal *Movimento*, registraram que, na ocasião do recebimento do prêmio de intelectual do ano de 1976, do estado de Goiás, Cora Coralina, aos 87 anos de idade, disse:

Não fizeram favor nenhum. Eu venho comparecendo à literatura do meu estado desde a idade de 14 anos. Então eu digo: as outras todas que escrevem têm muito tempo de vida para receberem homenagens, mensagens e diplomas. Eu estou no fim da picada! Vocês não fizeram nada mais do que uma justiça! Se eu não dei brilho à literatura goiana, também não a deslustrei, não a comprometi (Benedito, Pires, 1977, p. 17).

³ Fonte: <https://gruopeditorialglobal.com.br/catalogos/livro/?id=1405>

Dona de uma franqueza que não se esquivava de “dar nome aos bois”, como até hoje se diz em Goiás, a poetisa não perdeu a oportunidade de verbalizar seu dissabor com a falta de reconhecimento e valorização de seu trabalho. Seu desabafo foi motivado por uma profunda consciência a respeito de sua contribuição e importância no cenário literário goiano, aliada à insatisfação com a falta de aclamação por seus pares. No florescer de sua juventude, Cora já havia sido proclamada “a maior escritora do nosso Estado, apesar de não contar ainda vinte anos de idade”⁴ (Azevedo, 2018, p. 13). Na ocasião, ela escrevia textos literários para o jornal *A Rosa*, considerado pelos críticos a primeira publicação da imprensa feminina em Goiás. Desde cedo, portanto, Cora Coralina compreendia a qualidade e a relevância do que produzia. Assim, depois de exprimir seu descontentamento em público, frustração esta velada por décadas, a imprensa goiana, finalmente, teve ouvidos para escutá-la e olhos para lê-la.

Além dos paratextos providenciados para a 2ª edição do livro, com o objetivo de endossar o manuscrito, outra medida mercadológica adotada pela Imprensa da UFG foi o envio do livro para formadores de opinião que pudessem gerar resenhas, críticas e comentários que cooperassem para a popularização do poemário. Uma das personalidades que recebeu o primeiro livro de Cora Coralina, editado e enviado pela Universidade Federal de Goiás, foi Carlos Drummond de Andrade. O encanto do já consagrado autor pela poesia coralina, à época, foi manifesto por meio de uma carta enviada à poetisa “aos 14 de julho de 1979” (Nunes, Quintela, 2022, p. 15) e de um artigo publicado no *Jornal do Brasil* (Drummond, 1980, p. 7). A carta integrou a contracapa da 3ª edição de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* (1980), funcionando, de certa forma, como um aval ou “selo” do renomado autor que certificava a qualidade dos poemas da poetisa goiana. A partir daí, as vendas do livro alcançaram constância de tiragens e Cora Coralina passou a ser entrevistada por jornalistas e artistas do cenário nacional, como Giuliana Morrone, Bruna Lombardi e Hebe Camargo, aquecendo a recepção de seu poemário.

4.2 Os paratextos de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*

No segundo capítulo deste trabalho, examinamos a abordagem de Wolfgang Iser a respeito da estética da recepção e compreendemos que, para o expoente, a recepção de uma obra literária envolve a assimilação documentada, bem como o registro das reações observáveis do público ao texto literário — o que estabelece uma relação de dependência entre a recepção e os registros

⁴ Ortografia que consta no texto original.

históricos de como o público reagiu a ele em determinada época e contexto (Iser, 1996, p. 7). De acordo com o estudioso, esses registros de atitudes e reações mostram os fatores que influenciam a compreensão do texto em cada momento e lugar.

A estética da recepção, segundo Iser, não se dá de forma arbitrária, visto que depende diretamente de testemunhos e registros específicos que expressem as atitudes e reações de quem leu o texto literário. Esses testemunhos, por sua vez, operam como condicionantes fundamentais, orientando a forma como os leitores apreendem e interpretam o conteúdo textual. Ainda, como transformam o texto e são transformados por ele. Esse contexto evidencia que a recepção é um ato coletivo, mediado pela memória cultural e influenciado por um conjunto de respostas que vão muito além da leitura individual, pois refletem as disposições afetivas e intelectuais de cada época.

Sob essa perspectiva, este tópico reúne registros documentados da interação de leitores contemporâneos de Cora Coralina com sua obra inaugural, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. A coleção de testemunhos, aqui apresentada, revela as perspectivas e os valores socioculturais, ou “código social”, prevalentes no momento do lançamento do poemário. Os paratextos que acompanham o livro, organizados na ordem em que foram inseridos nas edições ao longo do tempo, refletem as interações iniciais dos leitores e as modificações no horizonte de leitura da obra. Esses paratextos não apenas orientam o leitor, mas também desvendam o imaginário e as transformações individuais dos leitores, suas percepções e compreensões, fruto da interação com os versos de Cora Coralina. Além disso, a interação com o “dito” e o “não dito” pela poetisa possibilita a identificação do “leitor implícito”, conforme proposto por Iser, permitindo uma análise crítica sobre como o público foi sendo moldado por esses registros ao longo do tempo.

4.2.1 J. B. Martins Ramos (1912-1986)

O primeiro texto a endossar *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* foi o escrito pelo jornalista, escritor, pesquisador e professor universitário J. B. Martins Ramos intitulado “Cora Bretas – Cora Coralina: Miniaturista de mundos idos, que assim ela eterniza”. O texto compôs as orelhas do livro na 1ª edição, em 1965, e hoje integra os paratextos das edições mais atuais. O comentário traz as impressões de um leitor atento e sensível, mas incumbido de laurear a obra em vez de criticá-la com neutralidade.

Ramos começa seu texto enaltecendo Cora Coralina como uma “miniaturista de mundos idos” (2006, p. 9), insinuando a capacidade da autora de captar e eternizar os acontecimentos do

passado em pequenos escritos, como uma guardiã de memórias e costumes. Para ele, a poesia de Cora Coralina é uma forma de preservação da história, da tradição goiana e da vida cotidiana. Ao mencionar o “espírito ontogênico, criador de cada coisa” (Coralina, 2006, p. 9), o jornalista assinala a força criativa da poetisa e o papel quase divino da literatura concebida em suas relações com o mundo e sua história. Ramos apresenta Cora Coralina como uma autora “sutilíssima quanto surpreendente e poderosa” (2006, p. 9), ao descrevê-la como uma observadora atenta do passado que viveu entre os simples e eternizou suas experiências em palavras.

Cora Bretas se fez, viva, o museu vivo, só de coisas vivas, no qual ela assume para sempre a função de Guia. Aqui está ela, mostrando, dentro de si: “Aquele ali, é uma cabocla velha. Aquele é a lavadeira do Rio Vermelho. Aquele é a mulher cozinheira (aqui ela teceu o símbolo, que expõe). Aquele ali (é outro símbolo) é a mulher do povo (ela os compõe, a traços expressionistas). Aquele ali é a mulher roceira. A outra é a mulher da |vida.” Todas são vidas que ela, dentro de si, vai mostrando — com o dedo, fingindo de caipira, para deixar à vontade os visitantes simples. Entre simples, como simples ela viveu, vive e quer sobreviver (Coralina, 2006, p. 10, grifo do autor).

No trecho, Cora é apresentada como um “museu vivo” de mulheres que ela mesma poetiza — lavadeiras, cozinheiras, roceiras, mulheres do povo e da “vida” — figuras que atravessam sua obra e revelam seu compromisso com a memória e a dignidade de mulheres comuns. A forma como o autor descreve sua gestualidade — “mostrando, com o dedo, fingindo de caipira” — revela não ingenuidade, mas consciência. Cora sabe que, ao se apresentar como simples, ela se aproxima do outro, legitima saberes marginalizados e reivindica, em sua poesia, um espaço para vozes historicamente silenciadas.

Ao mencionar o poema “Oração do Milho”, Ramos expõe o caráter íntimo, social e simbólico da obra de Cora Coralina, sugerindo que seus poemas apresentam algo mais profundo do que apenas lembranças e imagens da vida rural e interiorana: eles funcionam como “sementes” que podem florescer e trazer consigo uma multiplicidade de significados, como o grão que se converte em espiga e milharal. A metáfora ligada à semente e à germinação remete ao papel de Cora Coralina como uma autora que semeia cultura, humanidade e memória por meio da poesia.

Ao mencionar o poema “Antiguidades”, o jornalista sugere que a poesia de Cora Coralina é uma experiência sensorial e multifacetada, como “um filme cheiroso, tátil, palatado⁵, sonoro e colorido, de costumes, de psicologia e didática doméstica dos tempos idos” (Coralina, 2006, p. 10).

⁵ Ortografia que consta no texto original.

O comentário reforça a habilidade da autora para criar e recriar imagens e contextos capazes de ativar múltiplos sentidos em seus leitores. Ramos posiciona a obra inaugural de Cora Coralina num patamar de relevância literária, cultural e histórica, e sugere que, no futuro, estudiosos de diversas áreas encontrarão em *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* o registro artístico de uma época; um documento vivo da história do interior de Goiás e de sua gente simples.

J. B. Martins Ramos encerra seu texto destacando que, em sua obra inaugural, a autora teria prometido e cumprido com êxito a promessa de entregar algo diferente a seus leitores. Possivelmente, ele se referia ao “modo diferente de contar velhas estórias”, mencionado por Cora Coralina no paratexto “Ressalva” (Coralina, 2006, p. 27). Com gentileza poética, o jornalista enfatiza que a poetisa teria cumprido sua promessa com “delicadeza de mulher, um bom humor de mulher pura e uma nitidez de mulher sábia — miniaturista de mundos idos, que se revela — intimidades pessoais e sociais que ela assim eternizou” (Coralina, 2006, p. 11).

Em tom elogioso que um texto de orelha de livro deve ter, embora não tenha tocado nas tensões sociais ou nos dilemas existenciais presentes no livro, Ramos demonstra ter feito uma leitura atenta e sensível ao poemário de Cora Coralina. Ele testifica que a autora construiu uma poesia capaz de resistir ao tempo, um manuscrito lírico que documenta a vida cotidiana. Ao retomar a expressão “miniaturista”, em suas últimas palavras, ele reforça a importância de Cora Coralina como registradora e preservadora da história.

O texto de Ramos, ao enaltecer a figura da poetisa, articula um modelo de leitura no qual o “leitor implícito”, como conceituado por Iser, é convidado a ver a autora não apenas como uma narradora de histórias passadas, mas como uma mediadora entre o passado e o leitor. Assim, sua interpretação se torna um processo de descoberta e construção, que ultrapassa o significado explícito da obra e se volta para as experiências e reflexões do próprio leitor.

4.2.2 Oswaldino Marques (1916-2003)

Natural de São Luís do Maranhão, Oswaldino Marques mudou-se para o Rio de Janeiro em 1936, onde iniciou o curso de Direito e se envolveu ativamente em diversos movimentos políticos e literários. Posteriormente, a convite do crítico Hércio Martins e do romancista Cyro dos Anjos, estabeleceu-se na Universidade de Brasília, onde fundou a cadeira de Teoria da Literatura, tendo João Alexandre Barbosa como assistente. Premiada escritor, crítico literário e professor

universitário, Oswaldino Marques se destacou no cenário cultural brasileiro, especialmente no século XX, contribuindo significativamente para a difusão da literatura nacional.

O primeiro contato do acadêmico com a poesia de Cora Coralina ocorreu por meio da publicação do poema “Todas as Vidas” no *Correio Brasiliense* em 1969. Até então, Marques só conhecia esse poema, que o tocou profundamente e despertou seu desejo de conhecer outras produções da poetisa. Após a leitura de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, o crítico escreveu o ensaio “Cora Coralina, professora de existência”, publicado em 26 de junho de 1970 no *Correio Brasiliense* e amplamente reproduzido por outros jornais.

A publicação do poema “Todas as Vidas”, de Cora Coralina, no *Correio Brasiliense*, possibilitou que alguns intelectuais, como Oswaldino Marques, conhecessem pela primeira vez seu trabalho: “Até então, só conhecia de sua lavra o desabusado e tocante ‘Todas as Vidas’, que a romancista Maria Ramos em boa hora fez publicar no ‘Caderno Cultural’ do *Correio Brasiliense* de 17/5/1969, com um retrato de bico-de-pena de Uragami. Essa mostra, seja dito, aguçou-me o desejo de familiarizar-me com outras produções”. Após a leitura de *Poemas dos becos de Goiás*, o crítico literário e poeta da Geração de 45 escreveu o ensaio “Cora Coralina, professora de existência”, publicado inicialmente em 26 de junho de 1970 no *Correio Brasiliense* e reproduzido em vários jornais. Oswaldino tornou-se o primeiro crítico de renome nacional a avaliar a obra da poetisa goiana e escreveu seu texto antes mesmo de conhecê-la pessoalmente (Britto, Seda, 2009, p. 371, grifos do autor).

A citação destaca um momento crucial na trajetória de Cora Coralina, evidenciando a importância da intervenção de Oswaldino Marques no reconhecimento de sua obra. A publicação do poema “Todas as Vidas” no *Correio Brasiliense* representou o início de uma maior visibilidade para a poetisa, que, até então, era desconhecida do grande público. O fato de Marques ter sido o primeiro crítico de renome nacional a avaliar sua obra, antes mesmo de conhecê-la pessoalmente, revela o poder da literatura como meio de reconhecimento e legitimidade, assim como o papel fundamental dos intelectuais e críticos como mediadores na inserção de escritores no cenário literário.

Além disso, o interesse despertado em Marques ao ler *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* reflete a receptividade crítica do momento, quando a obra de Cora Coralina começou a ser reconhecida por sua qualidade literária e pela singularidade com que retratava as vivências do interior de Goiás. A relação entre a crítica literária e a obra de Cora, estabelecida por Marques, é emblemática, pois marca o início do processo de reconhecimento da poetisa, ao mesmo tempo em que sinaliza como a literatura marginalizada das periferias brasileiras começava a conquistar seu espaço no cenário literário nacional.

Nunes e Quintela (2022, p. 3-4) afirmam que a chancela editorial da UFG e os paratextos inseridos na 2ª edição foram determinantes para a rápida projeção de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* a partir de 1978. Um dos paratextos incluídos pela universidade na abertura do poemário foi o ensaio de Oswaldino Marques, “Cora Coralina Professora de Existência”. A inclusão desse texto nas primeiras páginas da obra foi tão significativa para a autora e para os editores que, desde a 2ª edição, passou a fazer parte de da obra de forma permanente. A continuidade dessa avaliação crítica nas edições subsequentes confirma a importância do ensaio, funcionando tanto como um reconhecimento da qualidade literária da obra quanto como um gesto simbólico que reafirma sua legitimidade dentro da literatura brasileira.

Essa análise ressalta a função da crítica literária não apenas como um instrumento de validação estética, mas também como um marco crucial na construção da reputação de uma autora. A presença do texto de Marques nas primeiras páginas do livro sublinha a importância dos críticos na divulgação e reconhecimento de obras que, de outra forma, poderiam permanecer à margem do discurso literário dominante. A seguir, passamos à análise do ensaio “Cora Coralina, professora de existência”, de Oswaldino Marques.

O crítico começa enunciando que, para Cora Coralina, “existir é uma maneira de resistir, coexistir, transistir” (Coralina, 2006, p. 13), sugerindo que a vida simples da autora — marcada pela conexão com a terra, pelo convívio com a gente humilde do interior e pela distância dos grandes centros literários — é uma forma de resistência; um meio de resistir aos padrões culturais e estéticos, socialmente impostos. Em seguida, ao versar sobre a vitalidade da poetisa, oriunda “de um profundo enraizamento tribal e telúrico” (Coralina, 2006, p. 13), ele alude às raízes de Cora Coralina na cultura da antiga Vila Boa, perpassando as culturas de Goiás e do Brasil — o que, segundo ele, lhe confere a posição de “Mestra de todos nós” (Coralina, 2006, p. 13), de professora da vida, ainda que não tenha ciência da magnitude de sua sabedoria.

À continuação, Marques compara Cora Coralina com outros grandes nomes da literatura latino-americana — Juana de Ibarbourou, Gabriela Mistral e Rosália de Castro — posicionando a poetisa goiana como uma autora de importância continental, e não apenas nacional. Ao nomeá-la “Cora dos Goiasés”, o crítico alvitra que ela é uma representação viva de seu povo, de sua terra; uma líder espiritual e cultural que deveria ser consagrada pela gente do Planalto Central. Marques também compara Cora Coralina com o poeta estadunidense Walt Whitman, considerado por muitos

como o “pai do verso livre”. Nesse sentido, ele faz alusão a Cora Coralina como uma “mãe venerável”, cujos versos sem fronteiras celebram sua terra e sua gente.

O crítico registra que, da escrita de Cora Coralina, até então, só conhecia o “desabusado e tocante ‘Todas as Vidas’, que a romancista Maria Ramos em boa hora fez publicar no ‘Caderno Cultural’ do *Correio Brasiliense* de 17/5/69” (Coralina, 2006, p. 14). Na ocasião, ele teria ficado instigado a conhecer aquela que, tão sabiamente, o conectava ao cerne da poesia. Contudo, dada a pouca projeção de Cora, foi *a posteriori* — quando uma amiga professora “providencialmente” lhe emprestou *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* — que ele finalmente conheceu a obra da poetisa. Marques destaca que, possivelmente, não teria chegado ao poemário de Cora se não fosse pela amiga, ao que ele atestou “a urgente necessidade de retirar a rapsoda do limbo em que sofre o seu outono exemplar” (Coralina 2006, p. 14). Conhecedor e crítico do mercado literário, Marques reconhecia o valor da poesia coralina, que chamou de uma “das mais bem sucedidas invenções da sensibilidade feminina do nosso país” (Coralina, p. 14). E ele estava disposto a integrar a força-tarefa que faria emergir a poetisa, tornando conhecido seu labor. Afã este, enraizado na cultura goiana, mas com rizomas capazes de tocar a experiência humana, revelando sua dimensão universal e atemporal.

Em sua contribuição, no paratexto para a segunda edição, ele sublinha a singularidade da escrita de Cora Coralina, ressaltando seu compromisso com o registro de suas vivências e circunstâncias concretas, em vez de aderir ao experimentalismo (linguístico e estilístico) da época, das vanguardas *à outrance*, como ele diz. Para o crítico, os ritmos livres, a eleição do léxico e a sonoridade do regionalismo, em cada poema, atestam a competência poética da autora que, para ele, se assemelha a Guimarães Rosa. “É extraordinária a maneira como [ela] absorve, assimila o tempo e a geografia desse perdido paraíso dos trópicos, reofertado a nós em sua autenticidade inaugural” (Coralina 2006, p. 15).

Marques enuncia que “tons elegíacos e ódicos⁶ alternam-se no instrumento de Cora Coralina” (2006, p. 15). Ele emite o julgamento ao citar “Cântico de Andradina”, no qual a autora se enleva com o povo para celebrar a construção de uma cidade. Efetivamente, o leitor atento notará que nostalgia e inovação se revezam em *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, dado que a autora rememora as tradições do passado e celebra a vida rural, como em “Evém Boiada!”, mas também anuncia a chegada do futuro e das mudanças que o acompanham, como a urbanização, em

^{6 6} Ortografia que consta no texto original.

“Cântico de Andradina”. Comparando as duas composições poéticas, na última, a escritora faz uma alternância ao deixar o eu poético que celebra a terra e seus frutos, para dar lugar a um que anuncia a derrubada de árvores e a queima de pastagens para abrir espaço para a edificação de uma cidade. Embora não tenha comentado explicitamente sobre a problemática ambiental, o crítico aprecia a versatilidade da autora e sua faculdade de cantar suas raízes, e igualmente se unir ao coletivo para dar as boas-vindas ao novo, a novas formas de existência e convivência.

De modo geral, Marques diz que *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* pode ser classificado sob duas rubricas: “documentos e criações líricas” (Coralina, 2006, p. 15). No entanto, ele se ocupa em explicar que os poemas que se enquadram na primeira categoria não se confundem com relatórios ou com monótonas páginas cartorárias. Pelo contrário, ele assim os considera pela riqueza de detalhes que trazem ao registrar o presente e o passado, com todas as suas cores, sons, modos e paisagens.

“Vintém de Cobre”, por exemplo, é um registro do estatuto familiar, das relações de classe, da fetichização da poupança doméstica, assim como o é, também, “Beco da Vila Rica”, felicíssimo *croquis* urbano. “Evém Boiada” grava, em lavor de entalhe, a lida pecuária, as vicissitudes da vida rural (Coralina, 2006, p. 17).

Sobre os poemas mencionados, o crítico opina que se aproximam mais da crônica do que da poesia, haja vista os contornos da prosa poderem ser facilmente reconhecidos pela presença do descritivo e do denotativo, utilizado pela autora para o registro de suas memórias. Além disso, ele pondera que a carga poética que a escritora imprime em seus versos, sacralizando e celebrando o cotidiano, “reestabelecem o direito da poesia” (Coralina, 2006, p. 16).

Como representação desse modesto equilíbrio, Oswaldino Marques cita “O Prato Azul-Pombinho”, “Estória do Aparelho Azul-Pombinho” e “Pouso de Boiadas”, três composições nas quais informação e lirismo se fundem de forma tão pujante que assimilar a proposta inovadora da artista é menos complexo do que tentar qualificá-la.

Das composições propriamente líricas, ele destaca “Rio Vermelho” e “Velho Sobrado” pela capacidade lírica da autora de transformar o “tempo em matéria emocionada” (Coralina, 2006, p. 17). Mas é a “Poema do Milho” que o crítico destina a maior parte de seus comentários:

O “Poema do Milho” é antológico, indiscutivelmente a obra-prima de Cora Coralina. Nele se contém talvez a mais brilhante poetização da febre genésica vegetal que conheço. É de

ver a arte consumada com que a Autora goiana transmuta a sua ciência do cultivo da terra em superior, lídima poesia (Coralina, 2006, p. 17).

Considerada por Marques a composição mais notável da poetisa, “Poema do Milho” é, para o crítico, a súpula da habilidade coralina de transmutar o ordinário e habitual em obra magistral. Além do potencial lírico empregado no poema, ela descreve o cultivo da terra, detalhando todo o ciclo do milho; revelando um saber legítimo de quem não apenas observa, mas conhece a práxis do labor do campo. O entendimento da lida na roça, associada à sensibilidade feminina da autora, conquistam a admiração do crítico, que encerra o paratexto convidando a comunidade literária de Goiás a se organizar, ir a Brasília, onde ele residia, e reclamar a Cora Coralina o reconhecimento e honraria que lhe é devida.

Ao destacar a poesia de Cora Coralina como uma representação da vida cotidiana, a análise de Oswaldino Marques conecta-se com o conceito de “virtualidade”, discutido por Iser (1979). Ao ressaltar a singularidade da obra de Cora Coralina, ele ecoa a ideia do crítico de que o texto literário ganha vida durante a interação com o leitor. Em “Cora Coralina Professora de Existência”, desde as primeiras linhas, o crítico reconhece que *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* transcende a criação poética, servindo como um arquivo das memórias do povo goiano e brasileiro. Ele enaltece a poetisa, ressaltando que sua didática artística acrescenta não apenas à literatura brasileira, mas a todas vidas. Razão pela qual deve ser estudada, admirada e reconhecida.

4.2.3 Wendel Santos (1944-1982)

Wendel Santos é uma figura de destaque na crítica literária brasileira, especialmente no cenário goiano, onde introduziu um modelo de análise pautado na rigorosa sistematização teórica. Sua obra *Crítica Sistemática* (1977) é amplamente reconhecida como um marco que rompeu com o domínio da crítica impressionista, trazendo maior profundidade e cientificidade ao estudo literário. O autor e acadêmico foi elogiado por escritores como Carmo Bernardes, que destacou sua pioneira contribuição para a crítica científica em Goiás, e Manoel Bueno Brito, que enalteceu sua abordagem metodológica como um fator de afirmação da literatura enquanto sistema. Ursulino Leão, ex-governador de Goiás, sublinhou a erudição e sobriedade de Santos ao explorar os alicerces da criação artística⁷.

⁷ Os comentários dos expoentes encontram-se no interior da capa e contracapa do livro *Crítica Sistemática* (1977).

A relevância de sua obra ultrapassa os limites regionais, evidenciando a capacidade de compreender e esclarecer as estruturas literárias por meio de uma análise científica moderna. Sua leitura de Cora Coralina, em particular, reflete uma síntese impecável entre rigor acadêmico e sensibilidade artística, consolidando-o como uma referência fundamental nos estudos literários brasileiros. No capítulo “O Universo Imaginário de Cora Coralina”, de *Crítica Sistemática*, o autor analisa a 1ª edição de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, lançada em 1965. Antes de ser incorporado à obra de Santos como um capítulo, o texto foi publicado no suplemento cultural do jornal *O Popular* em 30 de março de 1975. Em resposta, “após a publicação da análise, Cora enviou uma carta ao pesquisador” (Britto, Seda, 2009, p. 327), que, pelo seu teor de registro da recepção de Cora, decidimos apresentá-la logo após a apreciação das considerações de Santos.

A análise de Wendel Santos inicialmente destaca a dualidade material no universo poético de Cora Coralina, delimitado entre os elementos históricos e psicológicos, contudo marcado pela presença marginal de aspectos religiosos e turísticos. Ao situar os dois últimos como “corpos estranhos”, o autor revela uma postura crítica que valoriza a coesão temática e estilística do conjunto da obra. Essa observação é significativa, pois realça o rigor composicional de Cora Coralina, que, segundo Santos, consegue harmonizar a maioria de seus poemas sob uma direção poética singular. A distinção proposta pelo crítico suscita reflexões sobre o papel dos elementos “marginais” em uma obra literária e como eles podem ser lidos dentro de uma estrutura coesa sem necessariamente comprometer seu eixo central.

Na leitura de 24 poemas de CORA CORALINA, percebe-se um universo configurado mediante a energia de dois tipos de material: o histórico e o psicológico. Também o religioso e o turístico fornecem elementos de composição; mas estes dois últimos tipos inserem-se como corpo estranho na paisagem da obra, e a primeira vontade é rejeitá-los como desnecessários à estrutura. Não estão — “Cidade de Santos”, “Oração do Milho” e “Poema do Milho” — para os demais 21 Poemas numa relação de existência composicional: adquirem permissão para participarem da obra simplesmente porque também são poemas (Santos, 1977, p. 87, grifos do autor).

Ao classificar “Cidade de Santos”, “Oração do Milho” e “Poema do Milho” como participantes da obra “simplesmente porque também são poemas”, o crítico sugere uma hierarquia que coloca em questionamento a função desses textos no conjunto, destacando sua suposta desconexão com os demais. Todavia, a abordagem de Santos reafirma o rigor composicional de Cora Coralina e valoriza sua capacidade de criar uma coesão poética, de modo que os elementos “marginais” podem ser lidos como tensões criativas que enriquecem a obra, abrindo possibilidades

para novas leituras. Nesse sentido, a dissemelhança marcada pelos poemas que se deslocam do eixo central corrobora a ressalva de Cora nas páginas iniciais do poemário — “Este livro: Versos... Não. Poesia... Não. Um modo diferente de contar velhas estórias” —, sugerindo que a heterogeneidade é parte integrante de sua proposta artística.

A menção à declaração de Cora sobre seu livro é usada pelo crítico para reforçar a singularidade da obra, posicionando-a além de classificações rígidas e tradicionalistas. Nesse ponto, Santos sinaliza para a dificuldade inerente à categorização de textos que, como os de Guimarães Rosa, em *Cara-de-Bronze*⁸, transitam entre gêneros e desconstruções formais. Essa conexão é relevante porque insere a produção coralina em um debate mais amplo sobre a renovação da literatura, algo que, ainda que periférico em seu contexto inicial, aproxima a obra de Cora de movimentos literários modernos e suas experimentações com a forma.

O estudioso avança em sua apreciação identificando cinco níveis de realidade na construção poética de Cora Coralina: fotográfico, épico, dramático, lírico e catártico. Sua abordagem organiza os poemas em uma progressão da mimese pura até a catarse, destacando como a poeta transforma elementos do cotidiano em experiências poéticas que dialogam com o histórico, o psicológico e o mítico.

Na análise sobre o “real fotográfico”, Santos faz referência ao poema “Evém Boiada”, demonstrando o poder evocativo de imagens simples e sensoriais, como “o cheiro do boi” e “o cheiro da terra” (Santos, 1977, 87-89). O crítico sublinha a conexão da autora com o mundo material e imediato, explorando uma dimensão de mimese que ancora a poesia de Cora Coralina na realidade concreta de Goiás. Contudo, ainda que enraizada na mimese, essa abordagem não se limita a um retrato objetivo do real, posto que, em Cora Coralina, a subjetividade e a memória transformam o concreto em experiência poética. Este tipo de real funciona como um ponto de partida para a exploração de outros níveis de complexidade em sua obra.

Santos descreve o “real épico” nos poemas de Cora Coralina como aquele que eleva personagens a uma posição de destaque heroico, distanciando-os do comum humano. Ele menciona frei Germano e o soldado carajá como exemplos de figuras que, em suas narrativas poéticas, encarnam qualidades extraordinárias, quase míticas. No poema “Frei Germano”, o religioso é retratado como um “atleta da Fé”, ideal de virtude e devoção, enquanto o soldado carajá é envolvido pelo lendário, consolidando-se como uma figura arquetípica em “O Palácio dos Arcos”.

⁸ Uma das sete novelas que compõe a obra *Corpo de Baile*, de Guimarães Rosa, publicada em 1956.

O “real dramático”, segundo Santos, emerge na obra de Cora Coralina por meio de conflitos e tensões que geram expectativa no leitor. No poema “Caminho dos Morros”, por exemplo, a narrativa explora a fragilidade da existência humana diante de adversidades, como a morte de Sororoca. Santos descreve esse tipo de realidade como um espaço onde a exterioridade (história de outras pessoas) e a interioridade (tensão emocional do poeta) se encontram, criando uma conexão visceral entre o leitor e os dilemas apresentados. A realidade dramática de Cora Coralina revela a profundidade emocional e narrativa de sua poesia ao transformar eventos cotidianos em experiências carregadas de significado.

O “real lírico” é apontado por Santos como o momento em que a poesia de Cora Coralina atinge sua máxima subjetividade e historicidade. Ele divide o lírico em duas subcategorias: lírico-social, que aborda memórias exteriores transformadas em matéria poética; e lírico-psicológico, que explora associações íntimas e emotivas. A série dos “becos”, como o poema “O Beco da Escola”, exemplifica o primeiro, com suas evocações do passado coletivo e regional. Já o segundo é caracterizado por poemas que traduzem estados emocionais profundos, mostrando como o passado pessoal da autora é ressignificado poeticamente. Para Santos, o lírico é um dos momentos mais singulares e reveladores da obra coralina. Nesse ponto, ele cita Emil Staiger e comenta:

“O passado como objeto de narração pertence à memória. O passado como tema do lírico é um tesouro da recordação”. A distinção de Staiger entre o passado como memória e o passado como recordação é interessante para distinguir poemas de CORA CORALINA como “Estória do Aparelho Azul-Pombinho” e “O Prato Azul-Pombinho”. Ambos os textos se estruturam em torno do tema de um preciosíssimo aparelho de jantar, de 92 peças, que fora trazido da China para Goiás. Todavia, enquanto que o primeiro poema narra a estória da vinda do aparelho de jantar (e por isso pertence mais ao modo épico-memória), o segundo inclui “estados da alma” do poeta em relação ao objeto descrito (e por isso pertence efetivamente ao lírico-recordação) (Santos, 1977, p. 90, grifos do autor).

Essa análise destaca a versatilidade de Cora Coralina em transitar entre o épico e o lírico, explorando dimensões objetivas e subjetivas de um mesmo elemento. Santos mostra como o objeto material é elevado a um símbolo carregado de significado emocional e cultural. Contudo, ao diferenciar os dois poemas de forma tão categórica, ele pode subestimar o diálogo entre essas dimensões, uma vez que a memória e a recordação frequentemente se entrelaçam, criando uma complexidade que enriquece a obra coralina. Essa interação é o que permite que o objeto descrito transcenda seu valor material, tornando-se um catalisador de reflexões sobre identidade, pertencimento e afeto.

O “real catártico” é descrito como o ápice da criação poética de Cora Coralina, no qual o eu lírico mergulha na autoanálise e na introspecção. Poemas como “Minha Infância” e “Vintém de Cobre”, marcados pelo qualificativo freudiano, exemplificam esse nível. Nessas composições, a poeta não apenas revisita suas experiências, mas também as transforma em um processo de purificação emocional. Esse movimento da mimese para a catarse, como sugere Santos (1977, p. 90), é o que dá à obra de Cora Coralina sua profundidade psicológica, permitindo ao leitor acessar camadas mais íntimas da alma da poeta.

Os cinco tipos de realidades propostos por Santos oferecem uma rica estrutura interpretativa para entender a complexidade da obra de Cora Coralina, mostrando como sua poesia transita entre o concreto e o subjetivo, o coletivo e o pessoal, revelando uma autora profundamente conectada ao seu tempo e espaço, mas que transcende os limites locais ao dialogar com questões universais. Nesse sentido, Santos ilumina o estudo do poemário ao indicar a progressão mimese-catarse como uma chave para compreender a organização estrutural do livro, sobre a qual ele esclarece:

Na verdade, a esquematização feita neste estudo do universo imaginário de CORA CORALINA, em cinco níveis de realidade — fotográfico, épico, dramático, lírico, e catártico —, não é completamente arbitrária. Baseia-se numa teoria a respeito do processo de criação da obra literária. Processo que tem como polos extremos o fenômeno da mimese e o fenômeno da catarse. Durante algum tempo de vida, o artista é tão-somente uma antena estendida no universo: ele recebe os dados. É o instante da mimese pura: o poeta copia em sua consciência o real que o limita numa relação tempo-espacial (Santos, 1977, p. 90, grifos do autor).

O fragmento reflete a visão teórica do autor sobre o processo criativo literário que fundamenta a esquematização das cinco realidades presentes na obra de Cora Coralina. A dualidade entre mimese e catarse é apresentada como os polos centrais da criação poética, com a mimese representando a recepção passiva do mundo pelo poeta, enquanto a catarse corresponde à transformação e à expressão subjetiva dessa experiência no texto literário.

A ideia de que o poeta, inicialmente, atua como uma “antena estendida no universo” destaca o caráter receptivo da fase mimética, na qual o real é assimilado de forma direta e objetiva. No entanto, o texto igualmente enfatiza que a criação literária requer um tempo de distanciamento entre a vivência e sua transposição para a arte. Esse intervalo permite ao poeta reconfigurar o real, incorporando sua singularidade, e evitar que o texto seja uma mera reprodução do mundo. A relação inversa entre tempo e poesia evidencia que a maturação da experiência é crucial para a profundidade estética e emocional da obra.

Santos argumenta que esse distanciamento temporal explica a recorrência de temas relacionados à infância e juventude na literatura. Essas fases da vida, permanecem vivas na memória e tornam matéria-prima privilegiada para a elaboração artística. No contexto da obra de Cora Coralina, essa perspectiva justifica sua ênfase em reminiscências pessoais e históricas, transformadas em poesia com forte carga emocional e cultural. O autor explica:

Tendo incorporado o mundo, o primeiro discurso do poeta ainda não consegue transvazar o real com a inclusão de Sua singularidade. Por isso, há obras literárias que simplesmente espelham o mundo: sobretudo isso acontece quando existe pouco tempo entre a experiência e a composição. Tempo e poesia se tocam inversamente: uma vivência precisa de certo distanciamento para não ser mera transposição, se entra como tema de literatura. Tal fato explica porque, de um modo geral, os poetas retornam às experiências de infância ou de juventude (Santos, 1977, p. 90-91).

Essa análise de Santos não apenas ilumina os processos criativos de Cora Coralina, mas também oferece uma reflexão mais ampla sobre a natureza da literatura como um espaço de mediação entre o vivido e o imaginado, entre a realidade objetiva e a subjetividade do artista. A abordagem revela uma compreensão profunda do equilíbrio necessário entre observação e recriação, mostrando como a arte literária pode transcender o tempo e o espaço para alcançar significados universais.

Ao caminhar para o encerramento de sua análise, o crítico traz fragmentos dos poemas “Vintém de Cobre” e “Minha Infância”, terceira e última composição da obra, sublinhando que a poetisa “abre e fecha o livro com poemas intensamente líricos”. Sobre o que ele opina:

Se o critério de apreciação for a quantidade e a qualidade líricas, “Minha Infância” é o poema mais representativo do livro de CORA CORALINA. É como se tudo estivesse sendo escrito numa estratégia de retardamento da fala fundamental; como se 20 poemas fossem escritos para permitirem a presença de quatro confissões. Claro que tal consideração é um ponto de vista: aquele de quem acredita na teoria de que todo poeta, quando faz poesia, impulsiona-se sobretudo por um desejo incontável de se abrir para o mundo (Santos, 1977, p. 90-91).

O autor destaca o poema “Minha Infância”, visto que, nele, Cora Coralina reflete sobre sua trajetória com honestidade brutal, revelando tanto as marcas do tempo quanto as dores de uma infância permeada por fragilidades e exclusões. Para Santos, a descrição de si mesma como “a menina magricela, amarela, inassimilada” é emblemática de uma narrativa que resgata o passado para transformá-lo em arte, alinhando-se à proposta de “assinar os autos do Passado antes que o

Tempo passe tudo a raso”. Essa perspectiva sublinha o papel da memória e da escrita como atos de resistência contra o esquecimento.

CORA CORALINA, em nota ao leitor, se justifica do ofício de poeta com as seguintes palavras: “Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do Passado antes que o Tempo passe tudo a raso.” Ora, para o crítico de formação ortodoxamente freudiana, tais palavras constituem um esforço de camuflagem da verdadeira motivação. Que estaria na oportunidade de dizer estes versos finais: “Sem carinho de Mãe. Sem proteção de Pai, — melhor fôra não ter nascido. E nunca realizei nada na vida, Sempre a inferioridade me tolheu. E foi assim, sem luta, que me acomodei na mediocridade de meu destino” (Santos, 1977, p. 91, grifos do autor).

Santos insere a análise em um contexto psicanalítico ao sugerir que a justificativa de Cora Coralina para seu ofício poético pode ser interpretada como uma “camuflagem” de motivações mais profundas. Ao relacionar as palavras da autora a uma espécie de catarse freudiana, ele sugere que a poesia de Cora não apenas narra o passado, mas o ressignifica, transformando experiências de dor e inferioridade em elementos estruturantes de sua identidade artística. Os versos finais mencionados, carregados de autocrítica e melancolia, reforçam essa leitura, mostrando como a poeta revisita suas experiências de maneira corajosa e transformadora.

Essa conclusão reafirma a singularidade de Cora Coralina como uma autora cuja obra transcende os limites do tempo e da geografia. Sua capacidade de transformar vivências individuais em poesia universal é o que torna seus textos tão ressonantes. Wendel Santos, ao explorar essa dimensão lírica e catártica, destaca como a obra coralina registra um tempo e cria um espaço de reflexão e empatia, tanto para a autora quanto para seus leitores.

A análise de Santos ilustra como o horizonte de expectativas do leitor é mobilizado a cada novo nível de realidade identificado na obra de Cora Coralina. Jauss (1979) sublinha que a leitura não é uma recepção passiva; ela é moldada pelas expectativas e pela memória cultural do leitor, que, ao se deparar com os textos de Cora, projeta suas próprias experiências e reinterpreta os poemas, criando um movimento contínuo de reinterpretação e reconfiguração.

Conforme previamente mencionado, apresentamos a íntegra da carta da poetisa ao pesquisador — publicada em *Raízes de Aninha*, de Britto e Seda:

“Wendel Santos. Leio no suplemento cultural de ‘O Popular’ seu artigo crítico, análise sobre o livro P. dos Becos de Cora Coralina e venho manifestar ao escritor analista, primeiro minha admiração pelo quanto ali encontrou e dele extraiu, em linguagem elevada, e sem precisar mencionar a idade da escritora, coisa muito rara naqueles de Goiânia que têm tratado do livro, visando não só o conteúdo desse. Tanta coisa você encontrou. Tanto

levantou, fuxicou e examinou que, para quem escreve, simplesmente escreve por um imperativo incontrolável, alheia à mimese e à catarse desconhecendo mesmo um e outro estado e não contanto mesmo nunca com esse debulhar minucioso e esse extrair de coisas e conclusões. É uma surpresa tomar conhecimento de que nesses poemas ou que nome tenham, contenham e comportassem tanto material ignorado do autor, fosse esse tecido leve ou pesado, permeável a análise de um crítico. Fiquei surpresa, encantada, exaltada e, porque não dizer, também humilde como sempre fui. Um dia, se puder, venha a Goiás (cidade), venha à nossa casa, casa Velha da Ponte, vamos nos entender melhor, conversar e eu agradecê-lo pessoalmente sua linguagem levantada visando o conteúdo do pequeno livro e não a idade de quem o escreveu” (Britto, Seda, 2009, p. 327, grifos do autor).

A carta de Cora Coralina a Wendel Santos é um documento que revela a receptividade da poetisa à análise crítica de seu trabalho, além de sua postura grata e humilde diante do reconhecimento acadêmico. Ao examinar a correspondência, destaca-se, primeiramente, o gesto de gratidão e apreço de Cora pela profundidade e sensibilidade do crítico. Ela faz questão de ressaltar a habilidade de Santos em abordar o conteúdo de seu livro de maneira cuidadosa, sem recorrer a estereótipos ou mencionar sua idade, uma prática comum nas análises de sua obra realizadas em Goiás.

A primeira parte da carta revela um traço significativo da personalidade de Cora Coralina: sua modéstia. Ao se referir ao trabalho de Santos, ela utiliza expressões como “admirada”, “encantada” e “humilde”, indicando que a poetisa não se via como uma figura central no cenário literário, mas como alguém que se entregava ao ato da escrita sem a pretensão de ser analisada ou rotulada. Como ela mesma menciona, sua escrita era fruto de um “imperativo incontrolável”, o que sugere um processo criativo espontâneo e visceral, distante da busca consciente pela catarse ou pela mimese, comumente associadas à literatura mais reflexiva ou intelectualizada. Essa postura reflete a essência de sua obra, que se afasta das convenções literárias e se enraíza na autenticidade do relato de sua experiência pessoal e social.

Nesse sentido, a correspondência de Cora não se limita a um elogio à competência crítica de Santos, mas também oferece uma reflexão sobre o papel da crítica literária em relação à obra de um autor. Ela destaca a habilidade do crítico de “levantar”, “fuxicar” e “examinar”, verbos que sugerem um esforço profundo de decodificação do texto. No entanto, a poetisa expressa surpresa diante da possibilidade de que sua poesia — algo que ela escreveu de maneira quase instintiva e descompromissada — contenha um material tão denso, passível de análise e interpretação acadêmica. A surpresa de Cora reflete, portanto, uma resposta à recepção de sua própria obra, revelando o impacto de descobrir que algo tão pessoal e intuitivo pode ser acessado, interpretado e discutido academicamente.

Ao mesmo tempo, sua menção à humildade revela uma consciência crítica que permeia sua própria relação com o ato de escrever. A poetisa não se coloca em uma posição de superioridade, mas se descreve como alguém sempre disposto a aprender e a se surpreender. Esse gesto de humildade reflete uma característica fundamental do poemário de Cora Coralina, cujas narrativas poéticas são marcadas por um olhar atento às dificuldades e aos desafios do cotidiano. Assim, a carta oferece uma janela para sua personalidade e sua visão da literatura: uma arte que nasce da vida, construída a partir da observação das pequenas coisas e que, em sua espontaneidade, surpreende até mesmo a autora ao ser recebida e compreendida de maneira crítica e aprofundada.

Por fim, em síntese, o convite de Cora para que Wendel Santos a visite em sua cidade e se conheçam pessoalmente, na “casa Velha da Ponte”, expressa sua vontade de estabelecer um contato genuíno e humano com o crítico. Ao propor uma conversa mais íntima, a poetisa reforça a ideia de que, embora a literatura seja um campo intelectual, ela também se configura como uma forma de comunicação pessoal e afetuosa. Esse convite, mais do que uma mera formalidade, carrega a intenção de estreitar a relação entre escritor e crítico, promovendo um entendimento mais profundo e uma troca enriquecedora de experiências.

4.2.4 *Lena Castelo Branco Ferreira Costa (1931-2023)*

Texto escrito por Lena Castelo Branco Ferreira Costa⁹, “Lição de Vida” é um paratexto que integra a abertura da 3ª edição de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias* Mais e apresenta uma afetuosa revisão da obra e sua autora. À época, Costa já possuía um extenso currículo com formações e pós-graduações acadêmicas, cargos e publicações. Era diretora do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás, fundadora dos cursos de Mestrado em Ciências Humanas (História) e Letras da Universidade Federal de Goiás, além de conselheira do Conselho Federal de Educação, fundadora e titular da cadeira 19 da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (Teles, 2011, p. 176). Seu repertório acadêmico e literário a permite compreender a obra de Cora em um contexto mais amplo, refletindo sobre seu papel social e cultural.

A expoente inicia suas palavras festejando a nova edição da obra inaugural de Cora, editada pela imprensa da Universidade Federal de Goiás — fruto da iniciativa do ex-reitor, Prof. Paulo de Bastos Perillo, e concretizada na gestão do então reitor, Prof. José Cruciano de Araújo. Em suas

⁹ Lena Castelo Branco Ferreira Costa passou a se chamar Lena Castelo Branco Ferreira de Freitas em virtude do último casamento.

congratulações iniciais, ela fala em nome da comunidade goiana de escritores, professores, alunos e amantes da poesia que se alegra pelo retorno do poemário da escritora ao mercado literário. Ela critica a demora para a 2ª edição, que tardou treze anos, mas rejubila-se pela sensibilidade e empenho das pessoas que contribuíram para que a obra fosse reeditada (Coralina, 1978, p. 19).

Editado há vários anos e esgotada a tiragem, como que se restringira a um grupo de iniciados o gosto de mergulhar na magia dessas “velhas estórias”, não obstante transmutadas em poesia de rara e recôndida expressão. Aqui cada palavra tem a sua conotação especial, o seu sentido existencial profundo: nada se diz, nada se entende desse livro vivido e artesanalmente construído que não tenha significação própria e única. Ele foi plasmado ao longo de anos, abeberado nas fontes da vida, composto, letra a letra, em horas várias e de variada emoção (1978, p. 20).

No fragmento, Costa demonstra o quanto ela valoriza e aguardava o retorno do poemário que, *à priori*, tinha sido privilégio para um grupo seletivo, devido a pouca tiragem logo esgotada. Ela tece comentários sobre a originalidade dos versos da poetisa — resultado de uma longa manufatura existencial, espiritual e emocional — e reflete a respeito de seu processo de construção poética, do alto de seus muitos anos vividos, na casa velha da ponte, à beira do Rio Vermelho, visitando memórias antigas, recriando mundos, paisagens e vidas.

ANINHA menina, ANINHA adolescente, ANINHA moça e adulta: “meus sentidos minha estética) todas as vibrações/ de minha sensibilidade de mulher/ tem, aqui suas raízes.” Raízes tão profundas que hoje parecem inextricáveis: a menina que se fez poeta — Ana que se fez Cora — e Goiás, a mágica cidade dos seus versos, esbatida ao sol contra o horizonte circundante, e “nas quebradas, nos pastos, nas estradas/ o somido bárbaro do berrante” (1978, p. 20).

Ao citar versos do poema “Minha Cidade”, Costa sinaliza as muitas Aninhas presentes em *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, bem como a magnitude telúrica e o existencialismo presentes na obra, que ela adverte ser “um modo diferente de contar velhas estórias” (2006, p. 27). O vínculo com a terra remete à profunda conexão de Cora com o espaço geográfico, cultural e histórico ao qual pertence. A expoente observa que a poetisa plasma suas experiências em seus versos como forma de registrar as realidades e complexidades de sua terra natal. Desse modo, ela ressalta que ainda que Cora Coralina demonstre uma intensa ligação com o lugar e sua gente, suas composições poéticas não são saudosistas. Quem sabe sejam evocativas, “no sentido exato da lembrança de uma pobreza com laivos de fatalismo, de limitações inexoráveis, de anseios indefinidos e impraticáveis” (1978, p. 21), mas longe de ser uma divinização emotiva. Ao contrário

disso, a beleza da poesia coralina, para a expoente, reside justamente na “tumultuária beleza do ser humano e das suas realizações imperfeitas, ressumando dos becos, das casas, dos quintais, dos monturos, das avencas, das ruínas, dos sonhos e dos prantos (Coralina, 1978, p. 21). Nesse sentido, a beleza da poesia coralina habita a singeleza do dia a dia, marca singular de sua escrita, que celebra a realidade com todas as suas imperfeições, adversidades e lidas.

No paratexto, Costa se exime de comentar acerca do estilo de escrita singular de Cora Coralina, reservando a tarefa aos críticos mais entendidos. Não obstante, sendo ela mesma uma das figuras mais brilhantes da academia goiana, na ocasião, é possível que a humilde declaração tenha tido o objetivo de neutralizar preconceitos ou julgamentos ácidos dos mais atados ao cânone e aos estereótipos. Na penúltima página, ela reitera seu apreço pela poetisa e sua obra, exprimindo que ambas se fundem no quesito importância; que uma e outra trazem em si depoimentos de “tempos idos”, de uma cidade de Goiás ameaçada pelo retrocesso cultural, isolada, decadente pelo fim do Ciclo do Ouro e logo destituída do título de capital. Para Costa, autora e obra perpassam os limites da poesia constituindo fontes fiáveis de História.

[...] eu a vejo, Cora Coralina, como expressão do que representaram as escolas de que você nos conta: os bancos compridos, sem encosto; a palmatória pedagógica, a tabuada e o argumento; o debuxo, a lousa, o pote, a leitura e a escrita. Foi apenas isso o que lhe foi dado ter, ANINHA; e que mundo CORA CORALINA construiu a partir de tão escassos e pobres instrumentos, que lhe permitiram, todavia, a floração do gênio (Coralina, 1978, p. 21).

Costa se solidariza e admira que, apesar da educação precária e de todas as dificuldades, Aninha fez-se Cora Coralina. E não conformando-se com a transcendência individual, quis fazê-la global, por meio de suas poesias. Tendo recebido tão pouco — pouco afeto, pouco amparo, pouco respeito, pouco espaço —, Aninha torna-se fonte de inspiração para Cora Coralina, que usa seus versos para dar lugar àqueles que têm negado seus direitos.

E encaro-a, finalmente, Cora Coralina, no seu inconformismo, nos seus anseios de liberdade, nas suas mensagens de conteúdo social, no seu amor aos pobres, aos humildes, sobretudo ao menor abandonado (Coralina, 1978, p. 21).

Em *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, Cora Coralina exhibe um eu poético que se sensibiliza profundamente com a dolorosa realidade dos grupos sociais marginalizados; que conhece de perto as rejeições e humilhações sobre as quais versa. O poemário chama a atenção do

leitor para realidades ignoradas e para pautas sociais inadiáveis — como o dilema dos menores abandonados, mencionado por Costa.

O poema “Menor Abandonado” — cujo subtítulo é “Versos amargos para o Ano Internacional da Criança, 1979” — denuncia o abandono infantil e o triste destino reservado às crianças em situação de vulnerabilidade social. Em uma sequência de versos dolorosos, a poetisa encerra o poema com uma ácida ironia a respeito das publicidades que celebram o Ano Internacional da Criança: do que adianta poderosas publicidades de amplo alcance, quando a criança sequer é enxergada? Do que adianta publicizar sobre a criança, mas não a tirar da rua?

Nesse caminho, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* exibe um levantamento das desigualdades e das injustiças em Goiás, desvelando a realidade daqueles que vivem à margem da sociedade, como o presidiário, o trabalhador do campo, a mulher da vida, a mulher roceira. O poemário revela a apurada consciência social de Cora Coralina e seu desejo de promover, por meio de seus versos, a justiça e a igualdade. Ao que se vê, sua disposição foi reconhecida por seus pares.

Em meu nome pessoal e no da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, cuja Presidente — nossa amiga comum Rosarita Fleury — me conferiu o privilégio de saudá-la, eu desejo, antes, agradecer-lhe pelo que você é: expressão mais brilhante do nosso sodalício; pelo que você representa: a gente e a terra goianas; e pelo que você nos lega, nestes versos invulgares: a sua lição de vida e de todo um tesouro de beleza (1978, p. 22).

Costa encerra seu texto homenageando Cora Coralina, reconhecendo-a como expressão mais brilhante da literatura regional, além de representante da cultura goiana. O título do texto, “Lição de Vida” é resgatado no final, como expressão do legado de ensinamentos, de resiliência e resistência ofertado por Cora Coralina. Sua reflexão dialoga com o conceito de “repertório”, de Iser, pois a leitura que realiza não se limita à absorção do texto, mas é moldada por suas próprias experiências e normas culturais. A interação entre o repertório da leitora e o texto de Cora revela como a obra ganha novos significados à medida que é filtrada através das lentes de cada leitor.

4.2.5 *Silvia Alessandri Monteiro de Castro*

Outro paratexto que compôs a abertura da 2ª edição de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* foi o discurso da professora da Faculdade de Educação da UFG, Silvia Alessandri Monteiro de Castro, na ocasião do lançamento da 2ª edição do poemário, em 16 de maio de 1978 (Nunes, Quintela, 2022, p. 17). A saudação recebeu o título “Um Privilégio e uma Oportunidade”.

O texto é iniciado com a revelação de quem ideou a segunda edição da obra inaugural de Cora Coralina, esgotada e fora de circulação há mais de uma década: o “Departamento de Práticas Educacionais [da UFG] e a ilustre Diretora da Faculdade de Educação, Profa. Nancy Ribeiro de Araújo e Silva” (Coralina, 1978, p. 23). Segundo Silvia Alessandri, o departamento e a diretora foram quem solicitaram a reedição do poemário de Cora à reitoria da universidade, dada a relevante mensagem contida nos versos da “consagrada” poetisa.

Ao fazer uso do adjetivo “consagrada”, a expoente infunde a ideia de que o nome de Cora Coralina já era mencionado entre os notáveis da literatura há algum tempo, reforçando o que escreve Lena Castelo Branco, sobre *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*: “[e]ditado há vários anos e esgotada a tiragem, como que se restringira a um grupo de iniciados o gosto de mergulhar na magia dessas ‘velhas estórias’”. Esta sugere que a 1ª edição do livro tinha sido um privilégio para um grupo seletivo, devido a tiragem esgotada, alvitando a existência de um público ávido pela novidade poética de Cora. Aquela, imprime a chancela ao nomear “consagrada” a rapsoda do Centro-Oeste.

Entusiasmada com a nova edição, professora Silvia Alessandri destaca o “engenho artístico de Maria Guilhermina”, responsável pela ilustração da capa — que antes era lisa, sem qualquer caractere ilustrativo — e também sublinha o enriquecimento da nova edição com poemas inéditos. A professora congratula os reitores envolvidos na aprovação do projeto de publicação, bem como a imprensa universitária, ratificando que “[d]ivulgar o acervo cultural do Estado é ação digna de louvor e reconhecimento” (1978, p. 23).

A análise de Silvia Alessandri ressalta a criatividade inventiva de Cora Coralina e o horizonte de possibilidades que seus poemas oferecem, por meio de uma linguagem enérgica e vivaz que desconhece palavras como desânimo, cansaço e tédio. Quando escreve sobre a autora, que “a riqueza de sua imaginação criadora afasta-nos da mediocridade do dia-a-dia”, a professora distingue *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* da poesia tradicional da época, reconhecendo a inovação poética trazida pela poetisa da antiga Vila Boa (1978, p. 23).

A professora opina que o poemário “irradia energia e entusiasmo” característicos das almas purificadas pelas lutas da vida e transformadas pela fé. O comentário remete à natureza autobiográfica das páginas de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, que revelam a resiliência da poetisa, bem como sua inteligência a serviço do desencarceramento cultural e social de si mesma e da sociedade em que vive.

A expoente menciona fragmentos do poema “Minha Cidade”, que conduzem o leitor a uma peregrinação pelos becos de Goiás, berço de memórias da autora, que registra suas lembranças por meio de “histórias, lendas, tradições, sociologia, folclore e ‘estórias mais’... Seus documentos e criações líricas registram episódios de infância e acontecimentos da terra natal, legando à cultura goiana um documentário de fecundo sabor histórico e folclórico (1978, 24). Como Oswaldino Marques, a professora ressalta o caráter documental do poemário, que reflete o passado histórico de Goiás, cidade e Estado.

À continuação, a professora coincide novamente com Marques sobre “Poema do Milho” como ponto alto da criação literária de Cora Coralina. Ela expõe a perspectiva magistral com a qual a poetisa descreve o ciclo do milho, do plantio à colheita, assim como a forma honrosa com a qual se refere ao trabalhador rural. Para Silvia, a ritualística do plantio e o trabalho do homem do campo são descritos pela poetisa com lirismo que evoca o ofício religioso. “Só a divulgação deste poema justificaria nova publicação do livro por dezenas de edições”, reitera Silvia, enfatizando a relevância do poema.

Ao comentar sobre a segunda parte do livro, e os novos poemas que a constituem, ela declara que a linguagem de “As Tranças da Maria”, “Ode às Muletas” e “Ode a Londrina” se aproximam do estilo dos já canonizados Catulo da Paixão Cearense e Carmo Bernardes — declaração, por si só, capaz de elevar Cora Coralina a outro patamar.

Conhecido como o Poeta do Sertão, o maranhense Catulo da Paixão Cearense¹⁰ (1863-1946) é um dos maiores compositores da história da música popular brasileira. Poeta e músico, autodidata, exaltou o sertão e o sertanejo em suas composições, introduzindo à sua poética a linguagem adquirida na infância e adolescência vividas no Nordeste. *Luar do Sertão*, composta em parceria com João Pernambuco, lançada em 1914, é uma de suas composições mais famosas e foi considerada pela crítica o hino nacional do sertanejo brasileiro.

Carmo Bernardes (1915-1996), mestre da cultura regionalista, possuía sete livros publicados na ocasião do lançamento da 2ª edição de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. Eram eles: *Vida Mundo* (1966), *Rememórias* (1968) *Rememórias Dois* (1969), *Jurubatuba* (1972), *Reçaga* (1972), *Areia Branca* (1976), e *Idas e Vindas* (1977). Suas obras tinham como palco o sertão goiano, sua natureza e seus habitantes. Tal qual o Poeta do Sertão, Carmo Bernardes ficou conhecido por adotar um estilo linguístico atento aos detalhes da fala popular e do imaginário do

¹⁰ Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2895/catulo-da-paixao-cearense>

homem sertanejo do Centro-Oeste brasileiro, representando com fidelidade e sensibilidade a realidade da gente do lugar. Nesse sentido, ao comparar a linguagem de Cora Coralina com as de Catulo da Paixão Cearense e Carmo Bernardes, Sílvia Alessandri dá um importante passo para a consagração e projeção da poetisa, indicando o nível de qualidade e originalidade de suas composições poéticas.

Em seguida, ao abordar a consciência social de Cora Coralina, explícita nos versos do poema “Oração do Pequeno Delinquente”, Sílvia incita: “[o]xalá as consciências sensíveis possam perceber o apelo veemente de Cora Coralina, a fim de que as Escolas Profissionais e de Alfabetização sejam multiplicadas pelo Brasil, pois a criminalidade aumenta na razão direta da infância abandonada” (1978, p. 25). A professora enxerga em Cora uma figura pública capaz de mobilizar os dirigentes da sociedade, por meio de seu apelo em forma de arte que denuncia as condições inaceitáveis da infância vulnerável no país.

Enquanto houver no meu País
 uma criança sem escola
 haverá sempre um adulto se evadindo
 de um Mobral. Aumenta o número
 de adultos analfabetos na razão
 direta da criança sem escola,
 aumenta a criminalidade jovem
 na razão direta do Menor Abandonado,
 infrator, corrompido, delinquente
 a caminho da criminalidade do adulto
 pela falta de escolas profissionais,
 escolas de salvação social
 (Coralina, 2006, p. 233).

Em “Oração do Pequeno Delinquente”, por meio de sua poética, Cora suplica por políticas públicas de educação e formação profissional para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, analisando que o abandono infantil está intrinsecamente ligado à criminalidade. O eu poético apresenta a alfabetização e a escola profissionalizante como meio essencial para a salvação dos menores excluídos. Especialmente nas últimas composições de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, Cora demonstra uma consciência social aguçada ao poetizar sobre condições de vida sofridas e até lastimáveis. Nesses poemas, sua abordagem não é apenas denunciativa, mas também carregada de empatia, revelando sua genuína preocupação pela dignidade das pessoas marginalizadas.

A saudação de Sílvia Alessandri termina com uma láurea em tom de boas-vindas — uma vez que a autora se aproxima da universidade ao ter a 2ª edição de seu poemário editada pela instituição: “Querida poetisa Cora Coralina — vossa presença nos honra. Pela jovialidade de vossa mente, pela fecundidade de idéias, pelo patrimônio cultural legado às gerações, as homenagens especiais da Universidade Federal de Goiás, especialmente da Faculdade de Educação” (1978, p. 26). A acolhida da professora, em nome da maior instituição de ensino superior do estado, pode ser entendida como um dos atos iniciais que projetaram a poetisa no cenário regional.

A professora encerra suas palavras, reconhecendo o legado de Cora Coralina e a contribuição de sua poesia às gerações futuras. Seu tributo não apenas testifica seu talento, mas também a contextualiza no panorama literário nacional como criadora de um patrimônio literário digno de ser admirado e preservado. Para Sílvia Alessandri, tanto para os editores quanto para os leitores, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* constitui um privilégio e uma oportunidade.

4.2.6 Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)

Natural de Itabira do Mato Dentro, interior de Minas Gerais, autor do afamado poema “No meio do caminho”, publicado em 1928¹¹, Carlos Drummond de Andrade já era reconhecido como um dos maiores poetas brasileiros quando sua missiva a Cora Coralina passou a circular no meio cultural nacional. Endereçada à poetisa, a carta foi utilizada pela Editora da Universidade Federal de Goiás para endossar a 3ª edição de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, lançada em 1980. É unânime entre os pesquisadores da vida e obra da poetisa goiana que os textos do escritor mineiro sobre Cora e sua obra foram cruciais para o reconhecimento e projeção da escritora no cenário literário brasileiro, especialmente a carta, sobre a qual Nunes e Quintela escrevem:

Essa carta foi possível porque a direção da Imprensa Universitária (doravante IU) da UFG remetera ao escritor um exemplar da segunda edição de PBGEM¹². Constituíu procedimento mercadológico entregar exemplares de cada nova publicação a uma relação de agentes sociais com vistas a tentar procurar impacto mediante a críticas, resenhas, crônicas etc. que pudessem difundir esses agentes (Nunes, Quintela, 2022, p. 16).

O fragmento revela como Drummond teve acesso à obra inaugural de Cora e comprova o papel primordial da editora no processo de difusão do poemário. Drummond recebeu um exemplar

¹¹ Fonte: <https://www.carlosdrummond.com.br/conteudos/visualizar/Cronologia>

¹² PBGEM: abreviação de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* utilizada pelos autores no artigo.

da 2ª edição, produzida pela Imprensa da UFG, que contava com dois paratextos: prefácio de Oswaldino Marques, “Cora Coralina: Professora de existência”, e “Cora Bretas — Cora Coralina: Miniaturista de mundos idos que assim ela eterniza”, de J. B. Martins Ramos, que figurava nas orelhas do livro. A resposta de Drummond à leitura do poemário foi publicada na contracapa da 3ª edição, organizada pela imprensa da universidade goiana que passara a se chamar Editora da Universidade Federal de Goiás. A seguir, a missiva:

Rio de Janeiro 14 de julho de 1979. Cora Coralina. Não tendo o seu endereço, lanço estas palavras ao vento na esperança de que ele as deposite em suas mãos. Admiro e amo você como a alguém que vive em estado de graça com a poesia. Seu livro é um encanto, seu verso é água corrente, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais. Ah, você me dá saudades de Minas, tão irmã do seu Goiás! Dá alegria na gente saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Cora Coralina. Todo carinho, toda a admiração do seu Carlos Drummond de Andrade (Coralina, 1980, contracapa).

A carta de Carlos Drummond de Andrade a Cora Coralina é, por si só, um testemunho da recepção calorosa de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* por parte de um dos maiores nomes da literatura brasileira. Sob a perspectiva da estética da recepção, o texto de Drummond não apenas expressa o impacto da obra sobre um leitor em particular, mas também desempenha um papel ativo na reconfiguração do horizonte de expectativas em torno da obra e da autora.

Drummond inicia a missiva com um gesto poético ao “lançar palavras ao vento”, evocando a simplicidade e a naturalidade características da poesia de Cora Coralina. Esse início estabelece uma conexão simbólica entre os dois poetas, situando-os em um espaço onde a poesia é concebida como um fenômeno espontâneo e universal. Ao afirmar que “admira e ama” Cora Coralina, Drummond não apenas valida sua obra, como também a eleva a um patamar que transcende a classificação limitada ao regionalismo, frequentemente atribuída a escritores provenientes de estados fora do eixo cultural dominante — Rio de Janeiro e São Paulo.

O uso de metáforas como “seu verso é água corrente” e “seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais” revela o olhar do poeta mineiro sobre a estética dos versos de Cora Coralina: uma poesia despreziosa, profundamente conectada à vida cotidiana e à essência das coisas simples. Nesse sentido, Drummond atua como um “leitor implícito”, nos termos de Iser, ao preencher as lacunas da obra de Cora com sua interpretação pessoal e ao destacar aspectos que poderiam guiar futuros leitores, como a naturalidade e a força do lirismo da poetisa.

Outro ponto notável é a associação que Drummond faz entre Goiás e Minas Gerais, caracterizando-os como espaços irmãos e sugerindo uma conexão entre as tradições e os valores culturais dessas regiões, bem como a cercania poética de ambos autores. Esse gesto, além de reforçar a valorização de Cora como representante de uma identidade regional, insere sua obra em um contexto nacional ao alinhá-la com o imaginário poético brasileiro. De igual modo, sugere que como ele, do interior de Minas, Cora, do interior de Goiás, é uma poeta à altura dos grandes nomes da poesia brasileira.

Por fim, a carta termina com uma declaração de “carinho” e “admiração”, encerrando o texto com um tom afetivo que humaniza a relação entre os dois poetas e evidencia a autenticidade da recepção de Drummond. Essa manifestação pública de reconhecimento e apreço contribuiu significativamente para consolidar o lugar de Cora Coralina no cenário literário nacional, funcionando como um paratexto poderoso que ampliou a circulação e a valorização de sua obra.

Ao interpretar a obra de Cora, Drummond não apenas decifra suas palavras, mas projeta nela suas próprias emoções e afetos, revelando como a leitura se transforma em um processo de introspecção e autocompreensão. Em 2 de setembro de 1979, como resposta à carta do poeta maior, Cora Coralina escreveu:

“Carlos Drummond de Andrade. Meu amigo, meu Mestre. Com alguma demora no recebimento de sua Mensagem e maior da minha parte, vai aqui na pobreza deste papel de que só vale o branco, meu agradecimento àquele que de longe e do alto atentou para a pequena escriba, sem lauréis e sem louros, sem referências a mencionar. Sua palavra, espontânea e amiga, fraterna veio como uma vertente de água cristalina e azul para a sede de quem fez longa e dura caminhada ao longo da vida. Abençoado seja o homem culto que entrega ao vento palavras novas que tão bem ressoam no coração de quem tão pouco as tem ouvido. Despojada de prêmios e de láureas, caminho na vida como o trabalhador que bem fez rude tarefa, sozinho, sem estímulos e no fim contempla tranqüilo e ainda confiante a tulha vazia. Meu Mestre. Meu Irmão. Que mais acrescentar? Eu sou aquela menina despenteada e descalça da Ponte da Lapa. Eu sou Aninha. Cora Coralina. Cidade de Goiás, 2/9/79” (Britto, Seda, 2009, p. 383, grifos do autor).

Outra carta, com conteúdo semelhante, foi datada por Cora em 19 de setembro de 1979 e enviada a Drummond, acompanhada de uma nota de sua nora:

“Carlos Drummond de Andrade. Meu amigo, meu Mestre. Com alguma demora no recebimento de sua Mensagem e maior da minha parte vai, na pobreza deste papel, de que só vale mesmo o branco, meu agradecimento àquele que de longe e do alto atentou para alguém, dona de perdidos versos, neste tempo de poetas novos e audazes. Sua palavra, espontânea e amiga veio como um copo de água cristalina para a sede de quem faz dura caminhada ao longo da vida. Abençoado seja o homem culto e alto que entrega ao vento

palavras novas que tão bem caíram no coração de quem tão pouco as tem ouvido. Meu Mestre, meu Irmão, que mais acrescentar? Despojada de louros e de láureas, caminho na vida como o trabalhador que sempre fez rude tarefa, sozinho, sem estímulos e no fim contempla tranqüilo a tulha vazia. Seu cartão me atentou e compreendi que nem tudo passa despercebido na vida. Aqui fica o coração mesmo da velha escriba. Cora Coralina. Cidade de Goiás-GO, 19/9/79.”

“Revendo os papéis de dona Cora, que se acha adoentada, encontrei essa carta dentro do envelope de seu cartão, na dúvida de que tenha seguido o original ou não, faço segui-la no seu ‘devido endereço’, pois seria uma pena que não chegasse ao seu destinatário, ou melhor, àquela ilustre pessoa a quem é endereçado. Amei o seu cartão, tirei para mim uma xerox do mesmo, e peço sua licença. Para falar a verdade mesmo, dona Cora passou muito mal, mas graças a Deus está se recuperando e sei que ficará feliz se o senhor acusasse o recebimento desta. Nize Brêtas (sua nora)” (Britto, Seda, 2009, p. 383-384, grifos do autor).

A carta de Cora Coralina a Carlos Drummond de Andrade revela um profundo respeito pela figura do poeta mineiro, ao mesmo tempo em que afirma com vigor sua própria identidade e trajetória como escritora. A resposta de Cora, embora permeada de modéstia e humildade, transmite também um orgulho sutil — não pelas honrarias ou prêmios conquistados, mas pela integridade e dignidade do trabalho literário que a poetisa construiu ao longo de sua vida.

O tom da carta é marcado por profunda reverência e gratidão. Cora se dirige a Drummond como “Meu amigo, meu Mestre”, estabelecendo uma relação de respeito mútuo e reconhecendo a importância da palavra e do exemplo de Drummond em sua própria formação literária. Ao mencionar a “demora” no recebimento de sua mensagem, —a poetisa sugere não apenas um distanciamento temporal, mas também uma distância simbólica, relacionada ao percurso árduo da escrita e do reconhecimento literário. Isso se intensifica quando Cora descreve sua trajetória como uma “longa e dura caminhada ao longo da vida”, evocando o desgaste e a solidão da experiência literária de quem, sem reconhecimento imediato, persiste na tarefa de escrever com determinação.

O conceito de humildade que permeia a carta é evidenciado ainda em sua referência à “pobreza deste papel”, que, longe de indicar uma falta de esforço ou dedicação, sugere a ausência de pretensões e autoengrandecimento. Cora se descreve como alguém “sem lauréis e sem louros”, o que, por um lado, poderia apontar para a marginalização no campo literário, mas, por outro, reflete sua postura de não se submeter a convenções ou critérios externos para validar sua produção. Ela se identifica com a figura do “trabalhador” que “bem fez rude tarefa”, alguém que, ao realizar sua obra com perseverança, se distancia das glórias efêmeras e encontra consolo na “tranquilidade” de um trabalho bem executado, mesmo que esse esforço permaneça invisível para muitos.

Outro ponto significativo na carta de Cora é a forma como ela se coloca simultaneamente como “Aninha”, “a menina despenteada e descalça da Ponte da Lapa”, e como a “escriba” “Cora Coralina”. Essa identificação com a infância, marcada pela simplicidade e despojamento, sugere que a poetisa revisita suas origens humildes, utilizando-as como base para a autenticidade de sua escrita. Ao afirmar sua identidade por meio dessas duas figuras — a de Aninha, a criança simples e sem pretensões, e a de Cora Coralina, a poetisa —, Cora realiza um gesto de reconciliação com seu passado e sua trajetória. Ela traça um caminho que vai desde as dificuldades de sua infância até o reconhecimento tardio, em uma fase da vida em que muitas escritoras já estão afastadas da atenção crítica.

A carta, ao afirmar que a mensagem de Drummond “veio como uma vertente de água cristalina e azul para a sede”, revela a profunda importância do reconhecimento literário para Cora. O gesto de Drummond, longe de ser apenas uma gentileza, é percebido por ela como uma verdadeira dádiva, capaz de saciar uma sede emocional e intelectual. Esse ato de reconhecimento se transforma em uma fonte de esperança e renovação para Cora, que ao longo de sua trajetória enfrentou o silêncio e a indiferença do mundo literário.

Em suma, a carta de Cora Coralina a Carlos Drummond de Andrade é um eloquente testemunho da relação entre escritor e crítica, da luta pela afirmação de uma literatura pessoal, e desprovida de vaidades, e do valor do reconhecimento genuíno em uma trajetória literária marcada pela persistência e pela solidão. Ao exaltar Drummond, Cora também reafirma sua posição de escritora, não pelas glórias externas, mas pela consistência e pureza de seu trabalho. Dessa forma, a carta se torna um manifesto de resistência e de busca por um lugar legítimo na literatura brasileira, onde o reconhecimento não dependa de premiações ou validação oficial, mas apenas da verdade e da sinceridade de sua escrita.

Outro texto pujante de Drummond que contribuiu para a projeção de Cora e seu “modo diferente de contar velhas histórias” foi a crônica publicada no *Jornal do Brasil* em 27 de dezembro de 1980, mesmo ano do lançamento da 3ª edição de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, para a qual o autor contribuiu com gesto de grande peso literário e cultural.

Na crônica, intitulada “Cora Coralina de Goiás”¹³, Drummond celebra Cora como uma figura singular e universal na literatura brasileira. Ele a descreve como “um diamante goiano”, enaltecendo sua poesia profundamente humana e conectada às experiências dos humildes e ao

¹³ Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_10/23949. Imagem do jornal na seção Anexos.

cotidiano. No texto, o autor destaca *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* por seu lirismo natural, não acadêmico, revelando um relicário de memórias singular. Drummond reconhece em Cora uma força poética que transcende classificações, inserindo-a como uma admirável representante da brasilidade. Sob a perspectiva da estética da recepção, a crônica funciona como um importante endosso que legitima a obra de Cora e molda a percepção do público leitor ao sublinhar a universalidade de sua poesia e a identificação da autora com os humildes e os elementos cotidianos da vida.

Drummond explora a musicalidade do nome de Cora Coralina, sugerindo que ele ressoa com uma beleza que transcende o simples som. A caracterização da poetisa como “um ser geral, coração inumerável” indica sua conexão com diversas experiências humanas, uma leitura que enaltece a abrangência temática de sua obra. Os versos destacados reforçam a ideia de que Cora celebra vidas marginalizadas e explora memórias pessoais como um relicário, usando a simplicidade artesanal como força expressiva, em contraste com o rigor acadêmico.

Ao inserir Cora Coralina em um diálogo mais amplo com a literatura brasileira, Drummond rompe com as fronteiras regionais que frequentemente limitam a recepção de autores de estados periféricos ao eixo cultural dominante. Ele descreve *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* como um livro “comovedor”, cuja publicação pela Universidade Federal de Goiás é destacada como um marco de legitimação. Nesse sentido, o texto de Drummond transcende a crítica literária e assume um caráter político ao questionar critérios discriminatórios e classificatórios na valorização cultural, propondo uma leitura mais inclusiva da obra de Cora Coralina. Essa recepção acolhedora e reflexiva foi crucial para consolidar sua posição no cenário literário, oferecendo aos leitores uma via para interpretar sua poesia como uma celebração da brasilidade e da resistência poética.

Um documento que reforça a construção da relação de afeto e respeito entre Cora Coralina e Carlos Drummond de Andrade é a carta de Daniel, irmão de José Olympio, responsável pela produção na Editora José Olympio. Endereçada a Cora Coralina, a missiva apresenta o seguinte conteúdo:

“Livraria José Olympio Editora. Rio 27/2/1982. D. Cora. Foi com alegria que vi e li esta crônica do grande Drummond. Acabo de falar com ele (é muito amigo meu), e ele renovou o que disse na crônica: ‘que tem a maior admiração pela senhora e que, de fato, gostou muito de sua poesia’. Ele não sabia que há muitos anos tínhamos publicado os Poemas dos becos de Goiás, 1965, que já vai longe! – e que, desde então, a senhora tinha entrado – com todos os méritos – na literatura brasileira. O Drummond me disse que viu a senhora,

há dias, na televisão. Não tive essa sorte, não a vejo desde aquela visita que lhe fiz, há mais de dez anos, com o Hortêncio Bariane e o grande Bernardo Élis. Não deu para irmos à sua festa na Manchete. Viu essa foto da festa? O meu saudoso abraço para a senhora e outro do José. Daniel” (Britto, Seda, 2009, p. 386, grifos do autor).

Além de reforçar os elogios de Drummond à obra de Cora Coralina, a carta de Daniel oferece uma importante reflexão sobre a inserção da poetisa no panorama literário brasileiro. Ao afirmar que Cora já “tinha entrado — com todos os méritos — na literatura brasileira”, Daniel sublinha que, de maneira legítima, ela conquistou seu lugar no cenário literário. Nesse contexto, o reconhecimento de Drummond serve como uma validação dessa entrada, confirmando a importância da poetisa para a literatura nacional.

4.2.7 Célia Siqueira Arantes (1928-2012)

De Buriti Alegre, interior de Goiás, Célia Siqueira Arantes foi uma poetisa e contista que se destacou no cenário cultural goiano na virada do século XXI. Foi titular da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG), onde ocupou a cadeira nº 45. Integrou a União Brasileira de Escritores – Seção Goiás, o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, a Associação Goiana de Imprensa e a Academia Anapolina de Letras. Recebeu vários diplomas, medalhas e troféus por sua atuação nas letras, nas artes e no teatro¹⁴.

Arantes foi convidada a escrever um paratexto para a 3ª edição de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, e diferentemente dos demais convidados, que apresentaram textos dissertativos, Arantes optou pelo lirismo. Não sabemos ao certo se o tipo de texto tenha sido de fato sua predileção, ou se uma sugestão da editora. Consideramos que a última alternativa seja a assertiva, já que, nessa mesma edição, outros dois textos líricos em tributo ao livro foram incluídos. Com versos densos e breves, a poetisa de Buriti Alegre inicia seu tributo a Cora Coralina e sua poesia:

Cora Coralina
mulher anciã, vivida.

Na força fecunda de sua palavra
que inunda sua obra, sua lavra
abrangendo em comunicação
alma e coração,
[...]

¹⁴ Fonte: <https://www.aflag.com.br/academicas/103-celia-siqueira-arantes>.

na simplicidade
 da beleza,
 [...]

Mulher de todos os tempos,
 sem idade,
 não revive
 e nem vive
 da saudade.
 O passado, passado a limpo
 a ferro e fogo,
 [...]

Saboreia o presente
 e oferece um naco do sabor
 ao visitante-viajor
 na frescura de sua casa antiga,
 [...]

Na revelação de sua genialidade
 a mulher sem idade
 presente às manifestações do futuro,
 numa antecipação configurada
 de seu elevado quociente intelectual.
 A idade cronológica não conta,
 mas, a lucidez, a lógica.
 E tanto o tempo...
 perdeu a conta
 [...]

Na musicalidade de sua voz
 a um tempo trémula e forte,
 força que transcende
 além de sua frágil figurinha
 de seu porte forte
 envolve-nos com seus versos,
 impregnados de coerência e saber,
 (Coralina, 1980, p. 21-22).

Dentro da perspectiva da estética da recepção, o poema de Arantes pode ser lido como um testemunho poético ao capturar a forma como Cora Coralina e sua obra inaugural foram recebidas e compreendidas no momento de sua revalorização literária. Os primeiros versos do poema de Arantes destacam a “força fecunda” da palavra de Cora Coralina, que por meio de sua simplicidade e magia, conecta o leitor a um universo rico, construído a partir da “simplicidade da beleza” e da vivência de Cora Coralina. Essa abordagem evidencia um ponto central da estética da recepção: a capacidade do texto literário de gerar envolvimento emocional e reflexão, abrindo caminhos para que o leitor construa significado em diálogo com a obra. Arantes ressalta o poder evocativo de Cora ao narrar o cotidiano, ao revisitar o passado com autenticidade — passado a limpo, a ferro e fogo —, e ao projetar essa vivência em um contexto mais amplo, onde “o tempo perdeu a conta”.

A integração entre obra e biografia, presente na abordagem poética de Arantes, dialoga com a recepção do leitor. Cora Coralina é descrita como alguém que “saboreia o presente” e compartilha generosamente “um naco do sabor” com seus visitantes, sejam leitores ou viajantes. Sua casa e sua presença física tornam-se extensões de sua poética, configurando uma interação viva e direta que ultrapassa o texto escrito. Essa dimensão performativa e oral da obra coralina, “na musicalidade de sua voz [...] envolvida com coerência e saber”, reforça o caráter comunitário e acessível de sua poesia, capaz de criar pontes entre gerações e contextos culturais.

[...]
 O conceito que tem das coisas, da vida,
 a integração da realidade,
 a permanente juventude espiritual
 desta mulher sem idade
 que abomina o atraso cultural
 torna-a grande em sua humildade
 [...]
 (Coralina, 1980, p. 22).

Arantes descreve Cora como uma “mulher sem idade”, cuja “juventude espiritual” ultrapassa os limites cronológicos e físicos. Esse aspecto confere à poeta um papel universal e atemporal, reafirmando o impacto contínuo de sua obra e sua relevância futura. A leitura de Arantes posiciona Cora não apenas como testemunha e cronista de Goiás, mas como uma autora que, com sua “força mental”, questiona e ressignifica o passado, integrando-se às “manifestações do futuro”.

Ao final, a poetisa de Buriti Alegre define a poetisa dos becos como “patrimônio vivo da cidade de Goiás”, um reconhecimento que reflete não apenas o impacto literário de sua obra, mas igualmente sua importância para a cultura regional e nacional. Essa legitimação cultural é essencial no contexto da recepção, pois demonstra como o diálogo entre obra, autora e leitores contribuiu para consolidar o lugar de Cora Coralina no imaginário coletivo.

[...]
 Cora Coralina, mulher, anciã
 entre doces e poemas,
 tempo, desencanto, penas,
 o que vislumbra no horizonte
 da velha casa da ponte? ...
 Espera alguém que ajude? ...
 Com carinho, solicitude?
 Um pouco de conforto, paz?

— É o mínimo que se pode oferecer

ao PATRIMÔNIO VIVO DA CIDADE DE GOIAS,
que a viu nascer...
(Coralina, 1980, p. 23).

A leitura do poema, sob a perspectiva da estética da recepção, evidencia como a recepção de Cora Coralina não se limita à apreciação de sua obra literária, mas abrange sua figura enquanto narradora, memória viva e símbolo cultural. A abordagem de Célia Siqueira Arantes reflete a interação dinâmica entre o texto e seus leitores, que, ao reinterpretarem a obra, ampliam seu alcance e a ressignificam em novos contextos. O poema é, assim, tanto uma celebração quanto uma prova viva do impacto transformador da poesia de Cora Coralina.

4.2.8 *Circe Camargo Ferreira (1949-)*

O segundo paratexto lírico que abre a obra inaugural de Cora Coralina é o de Circe Camargo Ferreira, filha de Luíza de Camargo Ferreira, amiga da poetisa. Com o título “Poema a Cora Coralina” a composição é uma celebração poética que reflete a imagem construída de Cora Coralina por seus leitores e admiradores. Mais do que um elogio, o texto apresenta uma visão simbólica e atemporal da poetisa, destacando aspectos de sua trajetória pessoal e literária. Inicialmente, o poema explora a conexão de Cora com o tempo e sua capacidade de resistência e renovação, culminando em uma perspectiva metafísica sobre sua existência e legado.

Diferentemente dos demais paratextos, providenciados pela editora, o de Circe Camargo Ferreira foi entregue a Cora como um gesto de carinho e partiu da poetisa a iniciativa de pedir à editora que o incluísse na abertura da 3ª edição do livro. Ferreira acredita que o paratexto de Heitor Rosa tenha surgido da mesma forma¹⁵.

É importante notar que o poema foi escrito em um momento histórico marcante para a cidade de Goiás, onde residiam as poetisas: o declínio do ciclo do ouro. Além disso, a cidade tinha perdido o título de capital do estado para Goiânia havia alguns anos e esse processo de modernização do estado marginalizava o patrimônio histórico e cultural da antiga capital. Nesse contexto, Cora Coralina emerge como uma guardiã da memória e da identidade cultural da região. Ferreira escreve à amiga com admiração:

És uma pedra extraída
de um velho garimpo,

¹⁵ Entrevista concedida por Circe Camargo Ferreira a Mateus Gustavo Bispo, arquivista da Fundação Frei Simão Dorvi, em 17 de dezembro de 2024.

há muito extinto,
há muito exaurido.

Vens do ontem
que se fez hoje
há de ser amanhã.

Do caminho infinitamente longo
— as marcas —
Os cabelos brancos,
Os olhos profundamente sábios,
Os pés cansados Mas, no coração,
ainda os sonhos, a sabedoria, a compreensão
(Coralina, 1980, p. 25).

Nesses versos, Ferreira apresenta Cora Coralina como uma figura simbólica, associada à força, à resistência e ao valor, representada pela metáfora da “pedra extraída de um velho garimpo”. Essa imagem destaca a origem simples e a durabilidade da poeta, que emerge de um contexto histórico marcado pelo desgaste — “há muito extinto, há muito exaurido”. A metáfora sublinha a singularidade de Cora, mas ao mesmo tempo evoca o declínio do ciclo do ouro na cidade, simbolizando a resiliência de uma cultura que luta para preservar sua identidade em meio às transformações impostas pela modernidade.

A continuidade temporal é outro tema central dessa parte. A repetição “vens do ontem / que se fez hoje / há de ser amanhã” coloca Cora em uma posição de permanência e universalidade, transcendendo limites cronológicos. Esse caráter atemporal é equilibrado por uma descrição que humaniza a poeta, enfatizando seus traços físicos e emocionais: “os cabelos brancos”, “os olhos profundamente sábios”, “os pés cansados”. Contudo, a essência da autora é capturada em sua vitalidade interior: “no coração, ainda os sonhos, a sabedoria, a compreensão”. Essa tensão entre as marcas do tempo e a permanência da força criativa de Cora Coralina reforça a percepção de sua obra como profundamente conectada à experiência humana e cultural de Goiás, oferecendo um contraponto ao esquecimento e à marginalização histórica.

Ao tempo que te trouxe,
cabe o segredo de tua existência
pouco importa teu signo, dia, mês, ano, vieste.
Se foi na primavera, no verão, outono, inverno
O que importa é que vieste
e soubeste tirar
do tempo corrido,
vivido,
sofrido,
a sabedoria de existir.

Assim...
 Se te pergunto da vida
 nada indago da morte
 porque sei...
 Tu vieste e sabes do infinito, a eternidade
 e remanejar a vida,
 para todo sempre
 (Coralina, 1980, p. 25).

Nesses versos, Ferreira amplia a reflexão sobre o significado da trajetória de Cora Coralina, minimizando os marcos temporais convencionais — “teu signo, dia, mês, ano” — em favor de uma visão mais metafísica de sua existência. A poeta é apresentada como alguém que transcende a efemeridade e encontra significado na experiência vivida. A composição “soube tirar / do tempo corrido, vivido, sofrido, / a sabedoria de existir” sintetiza sua habilidade em transformar dificuldades em aprendizado e poesia, estabelecendo uma conexão com a função transformadora da literatura. A “sabedoria de existir” que Ferreira evoca, é também um reflexo da maneira como o leitor preenche as lacunas da vida de Cora, projetando sobre ela uma ideia de continuidade e transcendência, que se mistura com as próprias experiências de vida do leitor (Iser, 1979).

Nesse ponto, a metáfora adquire uma profundidade histórica: o “tempo corrido, vivido, sofrido” remete à trajetória de Goiás como uma cidade relegada à periferia cultural e econômica após a transferência da capital. A força de Cora Coralina, entretanto, reside em sua capacidade de integrar essa realidade histórica em sua poética, preservando a memória e reinterpretando a experiência do declínio com dignidade e resiliência. A afirmação “nada indago da morte / porque sei...” revela a confiança do eu poético na imortalidade simbólica de Cora Coralina. A poetisa é descrita como alguém que compreende a “eternidade” e domina a arte de “remanejar a vida”, oferecendo ao leitor uma visão de transcendência que conecta a história local à universalidade de sua obra.

O poema de Circe Camargo Ferreira constrói uma visão multifacetada de Cora Coralina, combinando aspectos simbólicos, históricos e metafísicos para destacar sua relevância como figura literária e cultural. A metáfora da pedra, enfatiza sua origem simples, sua força e singularidade, enquanto os versos finais elevam a poetisa dos becos a um plano de transcendência, reforçando sua imortalidade simbólica. Inserido no contexto histórico de Goiás, o poema ganha ainda mais camadas de significado, ao associar a trajetória de Cora à memória de uma cidade que vivia o fim de um ciclo econômico e cultural, mas encontrava na poeta uma guardiã de sua identidade e riqueza.

O conceito de “repertório”, de Iser, — ligado à experiência individual e ao horizonte de expectativa coletivo — incorpora o poema dedicado a Cora ao conectar a trajetória da poetisa ao contexto histórico de Goiás, incluindo o declínio do ciclo do ouro e a perda do título de capital para Goiânia. A leitura de Ferreira, fundamentada em seu conhecimento cultural e histórico de Goiás, além de sua relação pessoal com Cora, permite uma interpretação que reconfigura a obra de Cora Coralina e a reveste de novos significados, relacionados à preservação da memória cultural.

Sob a ótica da estética da recepção, o texto demonstra como a obra e a figura de Cora Coralina foram assimiladas e reinterpretadas pelos leitores conterrâneos que a viam como uma representação de resistência, renovação e sabedoria atemporal. Em sua poesia, Circe Camargo Ferreira celebra a poetisa e a projeta como um símbolo de Goiás e de sua história, assegurando seu lugar no imaginário coletivo como uma autora cuja relevância transcende seu tempo e lugar.

4.2.9 Heitor Rosa (1940-)

O terceiro paratexto lírico que integra a obra inaugural de Cora Coralina é o de Heitor Rosa, intitulado *Poema com açúcar*. A composição homenageia Cora Coralina ao destacar uma de suas facetas mais emblemáticas: a doceira de Vila Boa, reconhecida por sua poesia e também por sua maestria na confecção de doces. Essa dualidade entre poeta e doceira é o ponto central do texto, que entrelaça as duas atividades como expressões de uma mesma essência criativa e artesanal, ressignificando a doçaria como uma arte tão sublime quanto a poesia.

Ao tratar a doçaria e a poesia de Cora como partes de uma mesma expressão criativa, Rosa reflete o “campo de possibilidades”, sobre o qual versa Iser (1979), sugerindo que o leitor tem a liberdade de interpretar a obra da poetisa de várias formas, inclusive conectando elementos da vida cotidiana com sua produção artística. A metáfora dos “doces” e “poemas” evidencia como o leitor pode, ao interagir com a obra de Cora, preencher as lacunas e fazer novas associações entre os diferentes aspectos de sua vida e de sua arte.

Poema com açúcar — Para Aninha

Doces e poemas
Poemas que são doces
Doces de poemas

De Cora doceira
De Cora da ponte
De Cora da fonte...
da vida

(Coralina, 1980, p. 26)

Desde os versos iniciais, Rosa apresenta os “doces” e os “poemas” como elementos equivalentes: “Poemas que são doces / Doces de poemas”. Essa associação não é casual; ao contrário, reflete a maneira como Cora Coralina mesclava o trabalho manual com a sensibilidade artística. Em Goiás, Cora era reconhecida por seus doces, confeccionados com técnicas tradicionais e cuidado artesanal, o que lhe conferia prestígio como doceira, tanto quanto como poeta em sua fase madura.

Canto o poema
Poema de encanto
Poema que aflora
Da doce Cora

Alma com açúcar
Mãos com poesia
(Coralina, 1980, p. 26)

A metáfora de “alma com açúcar / mãos com poesia” une essas dimensões, sugerindo que tanto a doçaria quanto a poesia demandam sensibilidade, criatividade e dedicação. A produção de doces, assim como os versos de Cora, é apresentada como um gesto de acolhimento e generosidade, algo que ela fazia para compartilhar sabores e histórias, enraizados em sua terra e cultura. Essa ligação entre arte e cotidiano posiciona Cora como uma figura capaz de transformar o ordinário em extraordinário.

Céu Vermelho
Rio Vermelho
Vermelhos frutos
caju e amora
São doces os divinos doces
feitos por Cora

Canto a juventude
De Cora doceira
De Cora da ponte
De Cora da fonte

Na Vila Boa habita
Boa e doce inquilina
Divina musa
Cora Coralina
(Coralina, 1980, p. 26).

Ao longo do poema, Rosa amplia a dimensão simbólica de Cora Coralina ao vinculá-la à paisagem e aos elementos culturais de Goiás. Referências como “Céu Vermelho”, “Rio Vermelho”, e “vermelhos frutos / caju e amora” evocam a riqueza natural e histórica da região, elementos que Cora não apenas viveu, mas incorporou em seus versos e em seus doces. Os “doces divinos” feitos por Cora tornam-se metáforas para sua habilidade de preservar e reinterpretar tradições, conectando-as a algo maior: uma memória coletiva que resiste ao tempo.

Ao repetir “De Cora doceira / De Cora da ponte / De Cora da fonte”, Rosa reforça a identidade de Cora como uma ponte viva entre o passado e o presente. A ponte e a fonte, símbolos de conexão e renovação, situam a poeta não apenas como criadora, mas como guardiã das tradições locais, mantendo vivas as histórias e os sabores de Goiás. A menção ao título de “divina musa” destaca sua transcendência, mas sem perder a ligação com suas raízes simples e humanas.

O “leitor implícito”, nos moldes de Iser, se torna evidente na maneira como Rosa interpreta a obra de Cora, especialmente ao associá-la aos sabores e à sensibilidade de sua terra. Ele constrói um modelo de leitor que entende a poética de Cora por sua estética e pela maneira como ela reflete as experiências cotidianas e as incorpora em sua produção literária. Esse leitor vê a poesia como algo que ultrapassa os limites da linguagem e se conecta com as experiências sensoriais da vida.

O poema de Heitor Rosa celebra Cora Coralina, enaltecendo sua singularidade ao integrar a doçaria e a poesia como expressões complementares de uma mesma essência criativa. A partir da produção de doces — reconhecida como uma de suas marcas pessoais em Goiás —, Rosa constrói a imagem de uma artista que soube transformar o cotidiano em arte, seja ao moldar a simplicidade dos ingredientes em sabores marcantes, seja ao transmutar as vivências de sua terra em versos atemporais. Ao destacar essa faceta de Cora, Rosa celebra sua genialidade e a posiciona como uma ponte entre a tradição e a modernidade, uma mulher capaz de unir o sabor da terra e a força das palavras, eternizando a história de sua gente.

4.3 Recepção na imprensa

Neste tópico, analisamos a recepção na imprensa de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, com foco nas primeiras críticas publicadas em jornais e em outros meios de comunicação. Esse enfoque permite observar como a obra foi recebida tanto pela crítica especializada quanto pela imprensa, refletindo as expectativas e reações do cenário cultural da época. A recepção pública

desempenha um papel fundamental na construção da visibilidade de uma obra literária, e, no caso de Cora Coralina, nos ajuda a entender seu florescimento no contexto literário brasileiro.

4.3.1 *Péricles da Silva Pinheiro*

A primeira publicação que destacamos na recepção de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* é a crítica de Péricles da Silva Pinheiro, poeta e crítico literário de renome, que colaborou por vários anos no suplemento literário do jornal *O Estado de São Paulo* (Britto, 2006, p.79). Publicada em 27 de junho de 1965, na *Folha de São Paulo*, sua análise reflete as primeiras impressões sobre a obra de Cora Coralina, que, recém-lançada, começava a se afirmar no cenário literário brasileiro.

(...) Estréia, aliás, excelente, começando onde muitos talvez se sentiriam compensados em terminar. Não é uma poesia, a sua, de perspectivas inéditas em nosso processo literário. É fácil, a propósito, nomear-lhe antecedentes de composição e de técnica, em bons exemplos brasileiros. A fatura, assim, não é original. Contudo, o que impressiona desde logo nos poemas da sra. Cora Coralina, é a extraordinária riqueza de vivência e o poder de sugestão lírica que consegue extrair dos seus temas, em geral colocados no plano remanescente da evocação. É, ‘tout court’, o processo da volta à pureza da infância, porém racionalmente humanizado e transferido em tudo o que toca por qualidades excepcionais de compreensão do discurso poético como fonte inesgotável de beleza emocional. Não, entretanto, em molde ‘egoístico’, no sentido da exploração sentimental de uma universalidade porventura restrita e de caráter pessoal, porque abrange, na sua conexão tolerante e generosa, um largo círculo de problemas morais, sociais e humanos, envolvendo-os todos em igual atmosfera de lirismo e de poesia. O tempo é a tônica de sua problemática. Mas não um tempo aprisionado, porém liberto de restrições, de forma a não tornar monótono o processo de recuperação lírica dos valores aviventados pela memória. Embora sua composição em geral se nutra nesse estilo de vivência, o tratamento temático não reflete necessariamente a sensação de coisas mortas, em virtude de sua atualização simbólica, que só o mistério da poesia pode explicar e justificar. O livro da sra. Cora Coralina é, verdadeiramente, um livro de poesia, que toca pela beleza e pela sensibilidade, com alguns poemas que representam achados excelentes, talvez iguais aos melhores da lírica em nosso País (Pinheiro, 1965, p. 2 *apud*. Britto, 2006, p.79).

Pinheiro inicia sua análise com um tom elogioso, reconhecendo a estreia de Cora Coralina como “excelente” e destacando que ela “começa onde muitos talvez se sentiriam compensados em terminar”. No entanto, sua apreciação não se limita à originalidade da obra no contexto literário brasileiro, que, segundo ele, não apresenta inovações em termos de técnicas ou perspectivas inéditas. Para o crítico, a construção da obra “não é original”; uma afirmação que, longe de diminuir o trabalho de Coralina, ressalta o que realmente a distingue: a capacidade da poetisa de extrair uma “extraordinária riqueza de vivência” e sugerir lirismo a partir de temas simples, cotidianos e humanos.

A crítica de Pinheiro, em um tom generoso, reconhece em Cora Coralina a habilidade de transformar a nostalgia e a reminiscência, comuns à poesia de vivências passadas, em um espaço de “belezas emocionais”. O processo de “volta à pureza da infância” surge como um dos eixos centrais de sua poesia, mas com a importante nuance de uma abordagem “racionalmente humanizada”, que segue além da simples reflexão sobre o passado e se expande para questões universais da vida, envolvendo “problemas morais, sociais e humanos”. Nesse aspecto, Pinheiro destaca a “tolerância e generosidade” da poetisa ao abordar temas amplos e coletivos, contrastando com uma abordagem “egoística” que restringiria os sentimentos e experiências à esfera pessoal.

Outro aspecto que Pinheiro valoriza na obra é a maneira como Cora Coralina “liberta” o tempo, evitando que ele se transforme em uma “restrição monótona”. Sua abordagem simbólica do tempo, ao atualizar os temas, confere à obra um frescor poético que resgata as memórias sem reduzi-las a um simples eco do passado. Dessa forma, a obra não é vista como uma mera transposição de experiências extintas, mas como uma revitalização, na qual o mistério da poesia justifica a sua própria existência.

Pinheiro conclui sua análise exaltando o livro de Cora Coralina como “verdadeiramente um livro de poesia”, destacando sua capacidade de tocar o leitor pela “beleza” e “sensibilidade”. De forma enfática, o crítico não hesita em afirmar que “alguns poemas” da autora são “achados excelentes, talvez iguais aos melhores da lírica em nosso País”. A crítica de Péricles da Silva Pinheiro, portanto, reflete a recepção positiva da obra de Cora Coralina, consagrando-a como um exemplo significativo da poesia brasileira, tanto pela sua força lírica quanto pela profundidade emocional e social de sua abordagem.

4.3.2 Oliveira Freitas

A segunda publicação que destacamos é a de Oliveira Freitas, da Associação Nacional de Escritores, publicado em 12 de setembro de 1965 no caderno cultural do *Correio Braziliense*. Sua análise crítica da obra inaugural de Cora Coralina revela uma leitura engajada e valorizadora, reconhecendo a poetisa e sua produção literária de maneira profunda e admirativa.

Remonta a essa fase de tradições e lendas, que se transplantavam para a literatura escrita, o nome de ANA LINS DOS GUIMARÃES PEIXOTO (CORA CORALINA), cuja predestinação literária merecedora do prof. Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, in “Anuário Histórico, Geográfico e Descritivo do Estado de Goiás”, editado em 1910, elogios como êstes:

“É um dos maiores talentos que possui Goiás, é um temperamento de verdadeiro artista. Não cultiva o verso, mas conta na prosa animada tudo o que o mundo tem de bom, numa linguagem fácil e harmoniosa, ao mesmo tempo, elegante. É a maior escritora do nosso Estado, apesar de não contar ainda vinte anos de idade (apud G. Mendonça Teles, ob. cit.)” (Freitas, 1965, grifos do autor).

Freitas posiciona Cora Coralina como uma figura central na literatura goiana, destacando sua relevância histórica e literária, amplamente reconhecida por seus pares. Ele sublinha que, desde 1907, ela já atuava ativamente no cenário literário, dirigindo o semanário *A Rosa*, evidenciando seu envolvimento no movimento cultural da época. Para Freitas, ao longo do século, ela se consolidou como uma autora antológica, cuja obra transcende o tempo e se estabelece como uma referência indispensável para as gerações futuras. Essa leitura reflete uma recepção positiva e enaltecida, que reconhece na poetisa uma voz singular e essencial para a literatura goiana.

Freitas analisa a linguagem de Cora Coralina, observando que, embora seus poemas não sigam os padrões tradicionais de densidade poética, eles transmitem uma emoção genuína e um certo toque de sublimidade. Ele cita Gilberto Mendonça Teles, que também reflete sobre a linguagem da poetisa, sugerindo que ela não se enquadra nos padrões clássicos da poesia, mas possui uma força expressiva única. Essa análise revela uma recepção que valoriza a autenticidade e a originalidade da voz poética de Cora, destacando sua habilidade de tocar e envolver o leitor por meio de uma linguagem simples, mas profundamente significativa e impactante.

Ao descrever *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* como uma “miniatura de mundos idos”, Freitas recorre à expressão de J. B. Martins Ramos, sugerindo que a obra de Cora Coralina captura e eterniza um passado que, embora tenha desaparecido, renasce na prosa poética da autora. A análise de Freitas enfatiza a habilidade da poetisa em resgatar memórias, tradições e histórias populares, transformando-as em literatura viva. Ele destaca que, mesmo que de maneira modesta, Cora Coralina afirma que seu livro não é “poesia”, a obra carrega um valor estético e emocional que transcende essa classificação, oferecendo ao leitor uma experiência única e rica em significados.

O realismo presente na obra de Cora Coralina é outro aspecto destacado por Freitas, especialmente em suas descrições dos becos de Goiás. O autor cita trechos que retratam a vida marginalizada e sofrida das pessoas que habitam esses espaços, evidenciando a sensibilidade social da poetisa ao abordar temas como a prostituição, a pobreza e a exclusão. Contudo, Freitas também observa que Cora Coralina tem a capacidade de transformar esses cenários dolorosos, revelando, mesmo em meio à tristeza, traços de beleza e harmonia.

Ao descrever a obra de Cora Coralina como algo que “nos oferta figuras poéticas entre tons bethovenianos”, Oliveira Freitas sugere que a poetisa transpõe para a literatura a mesma profundidade e variedade emocional presentes nas composições de Beethoven. A música do compositor é amplamente associada a uma vasta gama de sentimentos, que vão da melancolia e dor à alegria e transcendência. Essa comparação insinua que a poesia de Cora Coralina, de maneira semelhante, explora uma diversidade de tons e emoções, proporcionando uma experiência estética rica e multifacetada.

Freitas sugere que, assim como Beethoven, Cora Coralina é capaz de alternar entre diferentes registros emocionais e temáticos em sua obra. Ele cita, por exemplo, a descrição dos becos de Goiás, onde a poetisa retrata a marginalização e o sofrimento humano com um realismo cru, mas também revela beleza e harmonia presentes mesmo na tristeza. Essa habilidade de equilibrar o doloroso e o sublime, o cotidiano e o universal, aproxima o poemário da grandiosidade da música de Beethoven. A referência aos “tons bethovenianos” reforça a ideia de que a poesia de Cora Coralina não se limita a uma única tonalidade emocional, mas abrange uma variedade de sentimentos e experiências, criando uma obra complexa e profundamente humana.

A referência a Beethoven pode ser interpretada como um reconhecimento da universalidade da obra de Cora Coralina. Assim como a música de Beethoven transcendeu as fronteiras de seu tempo e espaço, tornando-se uma expressão artística universal, a poesia de Cora Coralina possui o potencial de ultrapassar o contexto regional de Goiás, alcançando uma dimensão mais ampla e atemporal. Além disso, Freitas ressalta a conexão de Cora Coralina com o folclore e as tradições locais, enfatizando que sua obra, profundamente enraizada na cultura goiana, incorpora elementos do folclore indígena e africano, bem como histórias e lendas transmitidas oralmente. Essa ligação com as raízes culturais é vista como um dos pilares fundamentais da obra de Cora Coralina, conferindo-lhe um caráter singular e regional.

No texto, Freitas dedica especial atenção ao poema “Oração do Milho”, que ele considera o ponto sublime do poemário. Ele descreve o poema como uma liturgia milenar que celebra a relação entre o homem e a terra, assim como o ciclo da vida. Sua leitura destaca a profundidade espiritual e filosófica dessa obra, que transcende o contexto regional para abordar temas universais, como humildade, fé e a conexão com a natureza. Essa análise revela uma interpretação que busca identificar, na obra de Cora Coralina, não apenas o valor literário, mas também o significado humano e existencial. Quanto ao epílogo do poemário, no qual Cora Coralina expressa um

sentimento de desvalorização de sua própria obra ao afirmar que “melhor fora não ter nascido”, Freitas argumenta:

Você teria de nascer para descobrir e revelar o Belo; para semear flôres nos caminhos da vida; para recomeçar o Mundo. Você já não pertence a si própria: você já pertence à eternidade. Em suas palavras, a Deus cantando, glorificando até o final (Freitas, 1965, grifos do autor).

Rejeitando a visão que a poetisa tem de si mesma, Freitas afirma que ela nasceu justamente para “revelar o Belo” e para “recomeçar o Mundo”, uma crítica que reflete uma recepção que valoriza a contribuição de Cora Coralina para a literatura e a cultura, reconhecendo sua importância como uma voz única e essencial. A análise de Oliveira Freitas sobre *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* revela uma recepção positiva e enriquecedora da obra de Cora Coralina. Ele destaca a autenticidade da linguagem, a sensibilidade social, a conexão com o folclore e as tradições, além da habilidade da autora de transformar o cotidiano e o passado em literatura.

Sob a perspectiva da estética da recepção, a leitura de Freitas demonstra que a obra de Cora Coralina foi acolhida como uma contribuição fundamental para a literatura goiana e brasileira, consolidando-a como uma figura antológica e eterna. Sua análise também reflete o contexto cultural e literário da época, em que se iniciava o processo de reconhecimento e valorização das vozes regionais e femininas na literatura.

4.3.3 Ático Vilas Boas Mota¹⁶

Doutor em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, docente da Universidade Federal de Goiás, Ático Vilas Boas Mota foi um intelectual, linguista, jornalista e crítico literário brasileiro, reconhecido por suas contribuições à literatura e à cultura goiana. Sua escrita reflete seu profundo engajamento com as tradições locais, além de uma sensibilidade aguçada para a poesia e a prosa que emergem do interior do Brasil. Defensor das expressões culturais regionais, Mota, em sua análise da obra de Cora Coralina, não apenas celebra sua poesia, como a insere no contexto mais amplo da identidade cultural goiana e brasileira. Sua crítica literária

¹⁶ Nota sobre a fonte: O texto de Ático Vilas Boas Mota, utilizado neste trabalho, foi extraído de um recorte de jornal datado de 1965, de origem não identificada. Embora o original seja mantido em posse de um dos colaboradores desta dissertação, a fonte exata do veículo de publicação permanece indeterminada, indicando a necessidade de futuras pesquisas para uma maior precisão e enriquecimento do campo de estudo.

é marcada por um tom afetivo e um olhar atento às nuances da linguagem e das temáticas regionais.

O texto de Mota sobre *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* transcende os limites de uma resenha literária, transformando-se em um verdadeiro elogio à brasilidade e à habilidade da autora de resgatar a essência de Goiás por meio de sua poesia. O crítico situa o poemário no contexto cultural e histórico brasileiro, destacando sua relevância para a literatura. Ele inicia sua análise ressaltando que a obra de Cora Coralina foi publicada pela Livraria José Olympio, uma das editoras mais importantes do Brasil à época. Mota descreve o livro como uma “brabeza doce”, expressão que captura a dualidade da obra: ao mesmo tempo suave e intensa, regional e universal. A referência à “brasilidade” é central em sua análise, pois ele vê na obra de Cora Coralina uma representação do que significa ser brasileiro, especialmente no contexto do interior do país. Para Mota, a poesia de Cora Coralina é uma celebração das raízes culturais e históricas de Goiás, ao mesmo tempo que oferece uma profunda reflexão sobre a condição humana.

O crítico chama atenção para a linguagem única de Cora Coralina, que ela mesma define como “um modo diferente de contar velhas histórias”. Ele observa que a autora não se preocupa em seguir as convenções literárias tradicionais, mas em criar uma narrativa poética que ressoe com a vida cotidiana e as memórias de sua terra natal. A poesia de Cora Coralina é caracterizada como “tortuosa” e “saltitante”, atributos que refletem tanto a geografia quanto o ritmo da cidade de Goiás. Mota enxerga nessa linguagem uma forma de resistência à padronização literária, uma maneira de preservar a autenticidade das histórias e das pessoas que habitam os becos de Goiás.

Um dos pontos centrais da análise de Mota é a habilidade de Cora Coralina em representar o passado, transformando-o em algo vivo e palpável. Ele a descreve como uma “mulher franzina de alto sonhar”, capaz de transitar com naturalidade entre o real e o imaginário, entre o presente e o passado. Mota destaca que Cora Coralina não se limita a recordar, mas recria, dando vida a figuras e cenários que poderiam facilmente ser esquecidos. Essa recriação é realizada com uma sensibilidade que o crítico compara à de Renan, em *Souvenirs d'Enfance*, destacando a delicadeza e o carinho com que a autora lida com suas memórias.

Embora a obra de Cora Coralina esteja profundamente enraizada na cultura goiana, Mota enfatiza sua universalidade. Ele argumenta que, ao retratar os becos, as ruas e as pessoas de Goiás, a poetisa aborda temas que transcendem o contexto local, como a saudade, o sonho e a passagem do tempo. Essa universalidade é alcançada sem que a autora perca a autenticidade de sua voz

regional, o que se revela como uma das grandes virtudes de sua obra: a capacidade de ser simultaneamente específica e universal, local e atemporal.

Mota celebra a sensibilidade de Cora Coralina em encontrar beleza nas coisas simples e cotidianas. Ele destaca como a autora transforma elementos aparentemente insignificantes, como os becos de Goiás, em símbolos de uma rica paisagem humana. A lista de becos que o crítico reproduz no texto — Beco do Cisco, Beco do Cotovelo, Beco de Antônio Gomes, entre outros — é apresentada como uma “ladainha de beleza toponímica”, uma celebração dos nomes e das histórias que esses lugares carregam. Para o jornalista, Cora Coralina reúne esses elementos díspares de maneira harmoniosa, sem recorrer ao sentimentalismo ou ao excesso de detalhes.

O crítico conclui o texto reafirmando que Cora Coralina é muito mais do que uma escritora; ela é um símbolo de Goiás e de sua cultura. Ele a descreve como uma “cantora de Goiás Velha sempre nova como um brinquedo da infância”, uma rapsoda cuja voz transcende as fronteiras regionais, levando a poesia e a história de sua terra para todo o país. Ao final, ele convida o leitor a conhecer Goiás e a obra de Cora Coralina, sugerindo que essa experiência será profundamente enriquecedora e transformadora.

A análise de Ático Vilas Boas Mota sobre *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* é uma celebração da obra de Cora Coralina e de sua capacidade em resgatar e recriar o passado de Goiás. Sua crítica é marcada por um profundo respeito e admiração pela autora, além de um olhar atento às sutilezas de sua linguagem e temática. Ao situar a obra de Cora Coralina no contexto da brasilidade e da cultura goiana, o crítico não apenas valoriza a autora, mas também reforça a importância da literatura regional para a identidade nacional. Nesse sentido, seu texto extrapola os limites da análise literária, configurando-se como um manifesto em defesa da diversidade cultural e da riqueza das expressões artísticas que surgem do interior do Brasil.

4.3.4 Bernardo Élis

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado foi um destacado escritor, advogado, professor, poeta e romancista brasileiro, reconhecido por sua significativa contribuição à literatura goiana e brasileira. Natural de Corumbá de Goiás, foi o primeiro e único goiano a ser eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 1975, uma das maiores honrarias da literatura nacional. Ao longo de sua carreira, publicou diversas obras, incluindo *Ermos e Gerais*, sua mais premiada, e *Apenas um Violão*. Também se destacou como contista, participando de importantes antologias e recebendo

elogios da crítica nacional, como a inclusão na *Antologia do Conto Brasileiro Contemporâneo*, organizada pelo crítico literário Alfredo Bosi.

Bernardo Élis teve um papel fundamental no cenário literário de Goiás, promovendo a literatura por meio de congressos e sua atuação no magistério. Além disso, se envolveu em cargos culturais importantes, como diretor do Instituto Nacional do Livro e assessor cultural em Brasília. Seu legado é amplamente reconhecido, não apenas por sua trajetória literária, mas também pelo impacto que teve no fortalecimento da cultura e das letras em Goiás e no Brasil.

A análise crítica de Bernardo Élis¹⁷ em relação a Cora Coralina e seu primeiro livro, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, oferece uma reflexão minuciosa sobre a poetisa e sua obra, abordando tanto a complexidade de sua experiência de vida quanto os aspectos de sua escrita. Élis inicia sua análise destacando o poema “Minha Infância”, no qual Cora Coralina expressa o sofrimento, o isolamento e a marginalização que marcaram sua trajetória. No entanto, a crítica de Élis não se limita apenas ao reconhecimento do sofrimento expresso na poesia, ele propõe que o que se observa nos versos de Cora Coralina é, em grande parte, um “fingimento” do poeta. Para Élis, esse fingimento não diminui a dor representada nos poemas; ao contrário, ele transforma o sofrimento em arte, funcionando como uma forma de catarse para a poetisa e permitindo-lhe transmutar sua realidade pessoal em um espaço de criação literária.

“Triste, nervosa e feia, / Sem carinho, sem mãe. / Sem proteção de pai... — melhor fora não ter nascido”. Com tais palavras Cora Coralina termina o poema chamado “Minha Infância”; talvez o mais pungente de toda a sua produção poética, como catarse ou purgação dos fantasmas que lhe habitavam os sótãos e porões da alma. Naturalmente que usa a poeta dos recursos de todos os poetas, aquele recurso tão bem definido por Fernando Pessoa, quando diz: “O poeta é um fingidor / Finge tão perfettamenteemente / que chega a fingir que é dor / a dor que em verdade sente” (Élis, 1985, p. 4, grifos do autor).

A ideia do “fingimento” proposta por Élis, inspirada na famosa definição de Fernando Pessoa, sugere que o poeta “finge” suas emoções, mas, ao fazê-lo, acaba revelando verdades mais profundas. Essa concepção permeia toda a análise de Élis sobre Cora Coralina, que, ao utilizar a poesia, expressa sua dor enquanto a transforma em uma ferramenta de reinvenção e criação de significado. Embora a poetisa compartilhe uma visão de sofrimento contínuo e aparentemente

¹⁷ Nota sobre a fonte: O texto de Bernardo Élis, utilizado neste trabalho, foi extraído de um recorte de jornal datado de 1985, de origem não identificada. Embora o original seja mantido em posse de um dos colaboradores desta dissertação, a fonte exata do veículo de publicação permanece indeterminada, indicando a necessidade de futuras pesquisas para uma maior precisão e enriquecimento do campo de estudo. A imagem do recorte consta nos Anexos.

interminável, Élis reconhece que essa dor possui uma potência que contribui para a construção de uma arte singular. Ele também ressalta a pluralidade de Cora Coralina, cuja vida multifacetada, marcada por papéis distintos, se reflete diretamente em sua produção literária. “Cora Coralina não foi nem é uma apenas, mas duas, dez, mil, dez mil e quinhentas, como dita Mário de Andrade, que nisso está um dos segredos do artista” (Élis, 1985, p.4). Para o crítico, a complexidade dessa trajetória, com seus paradoxos e contradições, é incorporada na poesia, que abrange uma rica gama de emoções e experiências humanas. Em relação ao impacto de sua obra inaugural, Élis sustenta:

Aí estão depoimentos Carlos Drummond de Andrade ou de Oswaldino Marques confessando, a emoção de que foram tomados ante a leitura dos seus poemas. Pode haver maior prova de sucesso? A arte é tanto mais arte, quanto mais consegue transmitir emoções. Na verdade, com seu enorme poder de captar o poético, nossa poeta criou páginas imortais que desvelam segredos jamais suspeitados dentre as pedras e as águas da eterna Vila Boa, recriando toda uma vida que o tempo antes plantara, que sepultara, porque essa vida está sempre renascendo no coração de cada geração que surge (Élis, 1985, p. 4).

O trecho expõe a admiração de Bernardo Élis pela habilidade de Cora Coralina em transmitir emoções por meio de sua poesia, ressaltando o impacto que seus poemas exercem sobre os leitores. Ao citar depoimentos de figuras renomadas como Carlos Drummond de Andrade e Oswaldino Marques, Élis reforça a ideia de que a emoção despertada pela leitura de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* é um testemunho do sucesso da obra. A afirmação de que a arte se torna mais valiosa à medida que consegue tocar as emoções humanas é um ponto central, evidenciando a relação intrínseca entre arte e emoção.

Élis prossegue com uma reflexão sobre a poesia de Cora Coralina como uma forma de resgatar e perpetuar as memórias e vivências de Vila Boa. A metáfora de “pedras e águas” remete ao caráter imortal e cristalino da arte da poetisa, capaz de revelar “segredos jamais suspeitados”. A ideia de que essa vida, constantemente renovada, continua a ressoar nas gerações subsequentes sugere que a obra de Cora Coralina não apenas reflete uma realidade, mas se transforma em um meio de ressignificação contínua, fluindo como águas correntes.

Para o crítico, naquele momento, Cora Coralina emerge como um ícone da literatura brasileira, cuja poesia transcendia as fronteiras de Goiás e alcançava uma universalidade que reverberava por todo o Brasil. Nesse contexto, Élis afirma: “Hoje os poemas de Cora Coralina são patrimônios da humanidade: ninguém poderia dizer que conhece Goiás se não conhece esses poemas”. Em seu texto, ele continua a expressar sua admiração pela poesia da poetisa dos becos:

A mim são especialmente gratos os poemas desse grande livro, pelo que há de comum entre a minha visão de mundo e a de Cora Coralina, harmonia que me fez abordar temas congêneres, embora meus poemas (pobres poemas) não possuam esse rugir e esse fragor dos de Cora Coralina (Élis, 1985, p. 4).

Bernardo Élis reconhece a harmonia entre suas abordagens poéticas, sugerindo que os temas tratados em seus próprios poemas são semelhantes aos de Cora Coralina. No entanto, ele faz uma autocrítica ao afirmar que seus versos não possuem a mesma intensidade, o “rugir e fragor” característicos da poesia de Cora. Essa metáfora destaca a força emocional e o impacto da obra de Cora Coralina, sugerindo que, embora seus poemas compartilhem temas comuns, eles não atingem a mesma magnitude no campo da expressão visceral. A humildade de Élis, um grande expoente da literatura, diante de sua própria produção revela o reconhecimento da potência única da poesia de Cora Coralina, ao refletir sobre a diferença de intensidade entre as obras de ambos.

O crítico menciona o tom melancólico e fatalista presente em muitos dos versos de Cora Coralina, refletindo sobre o sofrimento em seu poemário: “Podia dizer que a poesia de Cora Coralina é triste, se tal afirmativa não invertesse as premissas lógicas. A arte jamais é triste ou alegre, feia ou bonita, boa ou má, que tais são os atributos da vida, de que a arte é mero reflexo” (Élis, 1985, p. 4). Contudo, ele rejeita a ideia de classificar a poesia de Cora Coralina como “triste”, argumentando que a arte não deve ser reduzida a categorias simplistas como tristeza ou alegria, feiura ou beleza. Ao sugerir que a arte transcende essas dualidades, Élis nos convida a ver a poesia de Cora Coralina como algo mais complexo e multifacetado, que vai além das emoções superficiais e captura a totalidade da experiência humana. Para Élis, a força da poesia de Cora Coralina reside na sua capacidade de captar a essência da experiência humana e traduzi-la em versos que tocam as fibras mais profundas da alma. A verdadeira arte, para o crítico, é aquela que consegue transmitir emoções de forma tocante, e ele vê a poesia de Cora Coralina como um exemplo perfeito dessa qualidade.

Por fim, Élis destaca o impacto duradouro de Cora Coralina na literatura brasileira. Seus poemas, que surgem como uma expressão de dor e superação, permanecem como um valioso patrimônio cultural, que, segundo ele, continuará sendo lido e apreciado por gerações futuras. Para o crítico, a poetisa faz jus à grandiosidade de sua obra, reconhecendo-a como uma das vozes mais significativas da literatura brasileira. Essa análise não se limita a uma simples interpretação de sua obra inaugural, mas converte-se em um tributo à capacidade de Cora Coralina de transformar sua

experiência pessoal em uma forma de arte universal, assegurando assim a relevância e o impacto de sua obra tanto na literatura brasileira quanto mundial.

4.3.5 Miguel Jorge

Natural de Mato Grosso do Sul e radicado em Goiânia, Miguel Jorge é um acadêmico e escritor de relevância para a literatura goiana, especialmente no que diz respeito à divulgação de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, obra inaugural de Cora Coralina. Britto e Seda sublinham que:

O escritor Miguel Jorge foi um dos que acreditaram no valor de sua obra num momento em que muitos fecharam as portas ao seu talento. Miguel a promoveu, publicando alguns de seus poemas nos suplementos literários de Goiânia, convidando-a para se integrar ao GEN e organizando a festa de lançamento de seu primeiro livro (Britto e Seda (209, p. 274).

O lançamento do livro, em setembro de 1965, foi um marco na trajetória de Cora Coralina, fruto da amizade e dedicação de Miguel Jorge, que desempenhou um papel fundamental como agente cultural. Ele foi responsável pela mobilização do Grupo de Escritores Novos (GEN) e do Bazar Oiô para organizar a primeira noite de autógrafos da poetisa na capital.

Britto e Seda (2009, p. 273-274) demonstram que a duradoura amizade entre os autores foi marcada por diversos encontros e trocas de correspondências. Neste tópico, apresentamos uma breve análise de “Cora Coralina: Por Tudo, Literatura”, texto escrito por Miguel Jorge e publicado por volta de 1973, em um periódico cuja origem não conseguimos identificar com precisão. A imagem da publicação consta nos Anexos (figura 23).

Na crônica, após comentar sobre a serenidade e popularidade de Cora Coralina durante sua estadia na Clínica Santa Paula, quando se submeteu a uma cirurgia ortopédica, o autor revisita as críticas iniciais a *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. Ele discorre sobre os paratextos “Cora Coralina Professora de Existência”, de Oswaldino Marques, e “Cora Bretas – Cora Coralina: Miniaturista de mundos idos, que assim ela eterniza”, de J. B. Martins Ramos, os quais reconhecem e celebram a poetisa dos becos e sua poesia com o rigor que ele considera merecido. Em seguida, ao relatar sua visita a Cora Coralina, que se recuperava na casa de um sobrinho, Miguel Jorge revela:

Foi assim que eu a encontrei. Rodeada de Livros, jornais. Sempre bem informada. O mundo literário lhe interessa muito. Mas, sua preocupação no momento era bem outra e foi logo me dizendo, abrindo os jornais, lendo trechos de artigos para mim. Sua grande preocupação é o menor abandonado. Sensível, generosa, forte em suas decisões. Cora escreveu um poema falando do menor, desse que perambula pela rua sem amparo, e quer que seja publicado na Semana da Criança. Peço-lhe um pedaço do poema (Figura 23, Anexos).

O texto do crítico oferece um retrato íntimo e afetuoso de Cora Coralina, destacando sua dedicação à leitura e à literatura, bem como seu engajamento social e humanitário, mesmo em um momento de fragilidade e convalescência. A descrição de Cora Coralina como uma pessoa “rodeada de livros, jornais” e “sempre bem informada” ressalta sua intelectualidade e curiosidade, evidenciando seu vasto repertório. No entanto, o autor vai além ao revelar que, naquele momento, sua principal preocupação não era sua saúde ou a literatura, mas uma causa social urgente: o menor abandonado. Nesse contexto, Cora recita versos de seu poema inédito, “Menor Abandonado”, que viria a integrar a segunda edição de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, lançada em 1978.

Essa dualidade na personalidade de Cora Coralina — a escritora e a ativista social — é um dos aspectos mais marcantes do texto de Miguel Jorge. Ele a descreve como “sensível, generosa, forte em suas decisões”, qualidades que transparecem tanto em sua poesia quanto em sua atuação prática. A referência ao poema que ela escreveu sobre as crianças abandonadas, e seu desejo de vê-lo publicado durante a Semana da Criança, reforça seu compromisso em usar a literatura como ferramenta de conscientização e transformação social.

O texto também sugere que Cora Coralina não era apenas uma observadora passiva das mazelas sociais, mas uma pessoa comprometida em buscar ativamente a mudança. Ao compartilhar trechos de artigos e expressar sua preocupação com os menores desamparados, ela revela uma consciência aguda das injustiças sociais e um desejo genuíno de mobilizar a sociedade em prol dessa causa. Após a leitura do poema, Miguel Jorge menciona que Cora faz uma pausa reflexiva e, em seguida, muda de assunto. Ele pergunta se há novos projetos em andamento, e ela, entusiasmada, confirma estar escrevendo uma novela:

A novela tem seu início na Estação da Luz, em São Paulo. A outra parte se desenvolve na Via da Penha, que tem ao todo 40 casas pertencentes ao português Manuel Valadares. Bem, como eu precisava de um português autêntico tomei o Manuel Valadares do José Mauro de Vasconcelos, do *Meu Pé de Laranja Lima*. Com ou sem o consentimento do autor o meu português será o Manuel Valadares, ao pé do livro uma nota explicava (Figura 23, Anexos).

Miguel Jorge observa que Cora Coralina está tão imersa no processo criativo que chega a temer pelo fim de sua carreira como doceira: “Noto com interesse, que agora ela é apenas a escritora. Nunca mais voltará aos doces, para tristeza de seus inúmeros fregueses. É importante pensar que seu poder de criação cresce cada vez mais”. O crítico oferece uma visão afetuosa e admirativa do momento de expansão criativa da poetisa, que, além de crônica e poesia, se aventurava também no campo da novela. Ele celebra o crescimento de seu “poder de criação”, destacando sua capacidade de reinvenção e de explorar novos horizontes literários. Cora, por sua vez, revela seus planos para a segunda edição de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, que será ampliada com novos textos e comentários. Miguel Jorge observa, com entusiasmo, o contínuo florescimento da autora:

Escrever para Cora Coralina é sua maneira de vivenciar, de sentir o mundo, descobrir coisas. Mas, há outro aspecto de sua sensibilidade, de seu lado humanitário. Ela deseja criar o dia do vizinho. Para isso já tem até a data certa, o dia 20 de agosto. Estamos vivendo uma época de pouca comunicabilidade, diz ela, creio que o vizinho deve ter o seu dia de homenagem. Tenho uma filha e uma nora que já comemoram essa data. Vou encaminhar uma mensagem para os lojistas de Goiânia pedindo apoio para essa minha idéia (Figura 23, Anexos).

O fragmento da crônica revela duas dimensões fundamentais da personalidade de Cora Coralina e de sua relação com o mundo: a escrita como uma forma de existência e seu compromisso humanitário. Ao concluir que, para Cora, escrever é uma maneira de “vivenciar, de sentir o mundo, descobrir coisas”, Miguel Jorge destaca a literatura não apenas como uma expressão artística, mas também como um meio essencial de interação com a realidade. Nesse sentido, a escrita transcende sua função criativa e se torna um instrumento de compreensão e conexão com a humanidade. Essa visão reflete a ideia de que a arte é indissociável da vida da autora, e ressalta o comprometimento de Cora com sua prática literária, que vai além da simples produção de textos, configurando-se como uma verdadeira forma de ser e estar no mundo.

O excerto também reforça o lado humanitário de Cora Coralina, evidenciado em sua proposta de criar o “dia do vizinho”. Essa ideia reflete uma preocupação genuína com a valorização das relações humanas em um contexto cada vez mais marcado pelo distanciamento e pela falta de comunicação. Com sensibilidade, Cora percebe que a modernidade tende a fragmentar as relações interpessoais, e sua iniciativa visa resgatar o senso de comunidade e proximidade que parecia estar se perdendo. A escolha de uma data já comemorada por sua filha e nora demonstra que essa

proposta não era apenas teoria, mas uma prática que já se enraizava no seu cotidiano, reforçando a autenticidade de seu engajamento social. Ao se aproximar das últimas linhas da crônica, Miguel Jorge sintetiza e celebra:

Cora Coralina está bem viva, trabalhando sempre, redescobrimo coisas através de seu processo artístico. Dentro em breve voltará à sua velha casa da ponte em Vila Boa. Lá reviverá seus personagens, os personagens de suas estórias, seus poemas, sua preocupação com o mundo (Figura 23, Anexos).

No contexto da recuperação da poetisa após uma cirurgia, o texto de Miguel Jorge destaca sua dedicação à literatura. A expressão “bem viva” sublinha tanto sua vitalidade criativa quanto sua capacidade de superar um período de fragilidade física. A referência ao retorno de Cora à “velha casa da ponte em Vila Boa” carrega um significado simbólico profundo, representando não apenas a recuperação de sua saúde, mas também um reencontro com suas origens e com a força de suas raízes criativas.

O texto também ressalta a “preocupação com o mundo”, um aspecto central da literatura de Cora Coralina, que sempre se dedicou a abordar questões coletivas e sociais. Mesmo em um momento delicado de sua vida, sua escrita continuava a refletir esse compromisso com a sociedade, mostrando que sua arte era inseparável de seu engajamento humanitário. Miguel Jorge celebra a força de Cora Coralina, que, mesmo em recuperação, segue imersa na criação literária. O retorno à casa da ponte, portanto, não é apenas um regresso físico ao lar, mas também uma reafirmação de seu compromisso com a vida e com a criação literária, em conexão com o mundo ao seu redor. Diante do exposto, Miguel Jorge conclui sua crônica com reflexões poéticas, apresentando versos do poema “Rio Vermelho” que revelam a essência da obra de Cora Coralina e seu profundo vínculo com as raízes e a cultura goiana.

À sua frente, as janelas abrem-se para o rio Vermelho, também personagem de sua poética.

“Fora da Serra Dourada.
Distante desta cidade,
não sou nada, minha gente.

Rio Vermelho das janelas da casa velha.
Rio que se afunda debaixo das pontes.
Que se reparte nas pedras.
Que se alarga nos remansos.
Esteira de lambaris.
Peixe cascudo nas locas.

Rio de águas velhas.
 Roladas das enxurradas.
 Crescidas das grandes chuvas.
 Chovendo nas cabeceiras.
 Rio do princípio do mundo.
 Rio da contagem das eras”

Todas essas vibrações passam e repassam continuamente pela sensibilidade da poeta, e agora, ela vai rever seus novos escritos, seus contos, seus poemas. Cora sente-se viva e cheia de vitalidade para a literatura, para a felicidade de todos nós (Figura 23, Anexos, grifo nosso).

O final do texto é repleto de simbolismo e emoção. A referência ao “Rio Vermelho”, visível tanto pelas janelas da casa de Cora quanto em seu poema, reforça a conexão íntima da escritora com a natureza e seu processo criativo. O rio, cujas águas “se afundam debaixo das pontes” e “se alargam nos remansos”, surge como uma metáfora para a continuidade da vida e da criação artística de Cora, que, assim como o curso do rio, segue seu trajeto, imune às adversidades.

Ao trazer os versos de Cora Coralina, Miguel Jorge destaca a perenidade e a renovação presentes em sua obra. O rio, que “crescera das grandes chuvas” e “chove nas cabeceiras”, simboliza vitalidade e transformação, refletindo o momento de Cora, que, após sua recuperação, retorna renovada à sua prática literária. A ideia de que “todas essas vibrações passam e repassam continuamente pela sensibilidade da poeta” sugere que a escritora está agora mais viva do que nunca, plena em sua capacidade criativa e pronta para revisitar seus escritos com nova energia. Ao afirmar que Cora se sente “cheia de vitalidade para a literatura”, Miguel Jorge conclui a crônica, celebrando o renascimento artístico da poetisa, reafirmando seu compromisso com a literatura e com a felicidade de seus leitores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo investigar a recepção de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, de Cora Coralina, entre 1965 e 1985, com o intuito de compreender como a obra foi recebida e reinterpretada nas duas primeiras décadas após seu lançamento. Adotando a perspectiva da estética da recepção, fundamentada nas teorias de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, foi possível analisar de que maneira a interação entre a autora, sua obra e seus leitores, contribuiu para a trajetória do livro no cenário literário brasileiro.

Cora Coralina não foi apenas uma autora lida, ela foi, também, uma leitora engajada, cujas experiências literárias, imersas em horizontes diversos e enraizadas em seu contexto cultural e

familiar, moldaram sua poética. Nesse sentido, a pesquisa realizada para esta dissertação revelou uma diferença significativa entre o público idealizado por Cora Coralina e seus primeiros leitores. Enquanto a autora expressava, em seus paratextos, o desejo de que *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* alcançasse um público amplo e diverso — incluindo presidiários, trabalhadores braçais e mulheres marginalizadas —, a recepção inicial de sua obra foi majoritariamente elitista. Os primeiros leitores do poemário eram, em sua maioria, jornalistas, professores e intelectuais, pertencentes às camadas sociais mais privilegiadas e com acesso frequente a livros, jornais e revistas. Essa contradição reflete as barreiras socioculturais e econômicas que marcaram a circulação da obra e sua recepção inicial.

Cora Coralina, conectada às realidades sociais de Goiás, manifestava o anseio de democratizar sua poesia. Em tom sincero e inclusivo, ela dedica seu livro às mãos operárias, aos boiadeiros, às mulheres marginalizadas e aos presidiários, esperando que suas palavras tocassem as vidas daqueles que, muitas vezes, eram ignorados pelo cânone literário e pelas dinâmicas de consumo cultural. Como escreve a autora:

Este livro pertence mais aos leitores do que a quem o escreveu. Que o saiba sempre em brochura, ao alcance de crianças, jovens e adultos, que mãos operárias repassem estas páginas e sintam-se presentes, junto à mulher operária que as elaborou. Que possa ultrapassar as cidades e alcançar a alma sertaneja, levando minha presença-terra aos enxadeiros e boiadeiros que tanto me ensinaram. Que entre em casas de mulheres marcadas de luz vermelha e leve a elas esta Mensagem do Evangelho: Disse-lhes Jesus: Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes entrarão na vossa frente no reino de Deus. Possa ser lido nas prisões e levar ao presidiário a última página deste livro num apelo de regeneração e na minha oferta de fraternidade humana. Tenha ele sempre uma apresentação simples e sugestiva e, por muito tempo, possa viver fora das encadernações de luxo entre lombadas hieráticas e dourados bonitos. Possa valer pelo seu conteúdo, sempre encontrado em bancas populares e em balcões de livrarias – seu preço ao alcance de um leitor modesto (Coralina, 2006, p. 23).

O trecho revela a intencionalidade da autora em relação ao público e também sua crítica ao elitismo literário que associa valor artístico ao luxo material das edições. Ao imaginar um livro “sempre encontrado em bancas populares” e “ao alcance de um leitor modesto”, Cora Coralina formulava uma poética de acessibilidade, alinhada ao seu desejo de que a literatura pudesse ser um espaço de inclusão e de representatividade.

Aparentemente, a realidade da recepção inicial do poemário estava distante dessa visão. A tiragem limitada da primeira edição de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* alcançou, principalmente, educadores e profissionais do campo editorial e literário. Esse público, admirador

da poesia de Cora Coralina, não correspondia ao leitor “do campo”, “da prisão” ou “das casas de mulheres marcadas de luz vermelha”, idealizado pela autora, mas indiretamente, ao longo do tempo, ressoaram a poesia coralina por meio de suas instituições.

Somente a partir da segunda edição, lançada pela Editora da Universidade Federal de Goiás em 1978, a obra começou a ganhar um público mais amplo, com esforços deliberados de divulgação junto a nomes consagrados da literatura brasileira, como Carlos Drummond de Andrade. Esses movimentos projetaram a obra no cenário nacional, mas mantiveram-na em um espaço de recepção predominantemente letrado e distante das classes populares.

Essa disparidade também aponta para as tensões entre a democratização do acesso à literatura e os sistemas de validação literária que, muitas vezes, reforçam barreiras econômicas e culturais. Apesar do desejo de Cora Coralina de tornar sua poesia um bem acessível, o contexto histórico e social da época, aliado à estrutura do mercado editorial, limitou seu alcance inicial. Ainda assim, sua obra carregava em si a força transformadora de alcançar múltiplos públicos ao longo do tempo, sendo apropriada e reinterpretada em diferentes contextos e por diversos leitores.

Sob a ótica da estética da recepção, essa tensão entre o leitor idealizado e o real não deve ser vista como um fracasso, mas como um reflexo das condições históricas que moldam as práticas de leitura e os horizontes de expectativas. A mensagem universal de inclusão e empatia, presente na poesia de Cora Coralina, continua a ressoar, oferecendo-se como um convite à reflexão, à identificação e ao diálogo, independente das barreiras iniciais de circulação. Assim, a poeta dos becos reafirma seu lugar como uma voz atemporal e plural, cujo alcance transcende as limitações materiais e históricas.

A investigação das seis primeiras edições do poemário, considerando os paratextos e os testemunhos de críticos e leitores contemporâneos de Cora, revelou a importância da estratégia editorial e da recepção pública para a projeção da obra. Embora a repercussão inicial tenha sido modesta, a reedição do livro pela Imprensa da Universidade Federal de Goiás (UFG), em 1978, acompanhada de textos críticos de nomes consagrados, foi fundamental para conferir visibilidade à obra no cenário nacional. Além disso, o estudo do repertório literário de Cora Coralina — a partir de sua biblioteca pessoal e de seus depoimentos — assim como a exploração de seus primeiros escritos, permitiu compreender como suas leituras subsidiaram a construção de sua poética e o desenvolvimento de uma voz literária única, que transcende o contexto regional e dialoga com questões universais de identidade, memória e resistência.

Esta investigação se mostra relevante, para os estudos literários, em três eixos centrais: 1. na análise da estética da recepção no contexto brasileiro, explorando o papel do leitor na validação da obra literária; 2. no destaque ao repertório literário da autora e seu diálogo com a prática da leitura, demonstrando que sua obra não surge por acaso, mas de um projeto intelectual coerente, ancorado em um engajamento profundo com o saber; e 3. na ênfase nas reedições de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, investigando os paratextos e as interações crítico-midiáticas que impulsionaram a inserção de Cora Coralina no cenário literário nacional.

Esta pesquisa se baseou na hipótese de que a recepção pública, impulsionada por iniciativas editoriais, desempenhou um papel crucial na conquista da visibilidade e na projeção nacional da obra de Cora Coralina. A confirmação dessa hipótese foi alcançada. No entanto, é fundamental destacar que as ações literárias de Cora, anteriores à publicação de seu primeiro livro, foram igualmente determinantes. Essas iniciativas, incluindo pequenas publicações em jornais, atraíram a atenção da editora responsável por transformar sua trajetória.

Enraizada nas memórias e tradições do interior de Goiás, a poesia de Cora construiu uma obra que transcende o regionalismo, alcançando uma dimensão universal ao tratar de temas como identidade, memória e resistência. Sua escrita, caracterizada por uma linguagem simples, mas de profundidade reflexiva, conquistou, desde o início, leitores ilustres e continua a ressoar em leitores de diferentes gerações. Isso demonstra como a literatura é um espaço de diálogo entre o passado e o presente, entre o local e o global. Nesse sentido, a trajetória de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* é um reflexo da força transformadora da literatura em suas múltiplas dimensões, além de exemplificar como a poesia pode abrir caminhos para o reconhecimento de vozes marginalizadas e promover a inclusão de histórias frequentemente esquecidas.

Ademais, ao refletir sobre o legado da obra inaugural de Cora Coralina, recorreremos ao “Poema do Milho” (1965, p. 78-83), cuja imagem do “canudinho enrolado” pode ser vista como uma metáfora para o manuscrito original não publicado de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. Assim como a espiga, ainda frágil e em estágio inicial de crescimento, o poemário passou por um processo de amadurecimento, ganhando força ao se enraizar no território goiano e nas vivências literárias que moldaram a autora. O poema descreve o milho como algo que “cria substância”, “passa a verde”, “liberta-se” e “enraíza”. Essa progressão reflete igualmente o desenvolvimento do poemário, que, ao longo das edições, se fortaleceu, se expandiu e encontrou seu lugar singular na literatura brasileira.

Nesse contexto, *Caminhos de Cora*, título que inspira esta dissertação, refere-se não apenas à trajetória editorial de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, marcada pelas edições que ampliaram sua visibilidade e ressignificaram sua recepção, mas também ao percurso da própria autora rumo ao reconhecimento literário. Como apresentado no capítulo 4 da dissertação, após o hiato de 13 anos, o reconhecimento inicial de sua obra pela crítica literária foi expressivo. Nomes de peso do passado — como Carlos Drummond de Andrade, J. B. Martins Ramos, Oswaldino Marques e Wendel Santos — e outros tantos do presente reconhecem a qualidade e a relevância de sua obra desde as primeiras edições. Entretanto, ainda persiste uma discussão sobre o verdadeiro valor da poesia de Cora Coralina no contexto literário nacional.

Esse cenário de questionamento contrasta com a recepção calorosa e afirmativa das primeiras duas décadas após o lançamento de sua obra, refletindo a complexidade da avaliação crítica ao longo do tempo. Por essa razão, sugerimos que estudos futuros aprofundem a análise da recepção inicial de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, bem como de outras obras de Cora Coralina, com o objetivo de revisitar os testemunhos de intelectuais que reconheceram a qualidade e a importância de sua produção literária para o país. A ampliação dessas pesquisas pode acelerar o processo de reconhecimento de sua literatura, não apenas como uma voz regional, mas como uma das mais importantes e transformadoras da história literária do Brasil.

Por fim, aludimos aos versos de “Oração do Presidiário” (1980, p. 211) “Acertai, Senhor, os meus passos como acertastes um dia os passos errados de Paulo de Tarso, na estrada de Damasco”. A ideia de transformação invocada no poema pode também simbolizar a trajetória de reconhecimento do poemário, que, assim como o caminho de Paulo, nem sempre seguiu uma rota linear. Ao completar 60 anos de publicação neste ano, a obra inaugural de Cora já poderia ter se consolidado no imaginário brasileiro e influenciado outros autores. No entanto, não há indícios suficientes dessa influência. Nesse contexto, desejamos que a recepção crítica da obra se intensifique, ajudando a corrigir os rumos de sua história e assegurando que o legado de Cora Coralina seja, cada vez mais, reconhecido e celebrado.

REFERÊNCIAS

- BENEDITO, Mouzar; PIRES, Mário. *Movimento: Cena Brasileira; Subúrbio Carioca*, Rio de Janeiro, 11 abr. 1977. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/318744/1917>. Acesso em: 21 out. 2024.
- BITTAR, Maria José Goulart. *As três faces de Eva na Cidade de Goiás*. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997.
- BRITTO, Clovis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. *Cora Coralina: raízes de Aninha*. Aparecida: Editora Ideias & Letras, 2009.
- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: José Olympio, 1965.
- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 2. ed. Goiânia: Imprensa da Universidade Federal de Goiás, 1979.
- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 3. ed. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1980.
- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 4. ed. São Paulo: Global, 1983.
- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 5. ed. São Paulo: Global, 1984.
- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 6. ed. São Paulo: Global, 1984.
- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 23. ed. São Paulo: Global, 2006.
- CORALINA, Cora. *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*. São Paulo: Global, 2012.
- DRUMMOND, Carlos. Cora Coralina, de Goiás. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1980, n. 00262(1), 27 dez. 1980. Caderno B, p. 07.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- ISER, Wolfgang. *A interação do texto com o leitor*. In: LIMA, Luiz Costa (coord.). *A Literatura e o Leitor: Textos de Estética da Recepção*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979, p.83-132.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- JAUSS, Hans Robert. *A Estética da Recepção: Colocações Gerais*. In: LIMA, Luiz Costa (coord.). *A Literatura e o Leitor: Textos de Estética da Recepção*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979, p.43-61.

QUINTELA, A. C; NUNES, M. L. O. A chancela editorial da UFG e a inflexão no impacto da obra de Cora Coralina. *Revista Signótica*, Goiânia, v. 34, set.2022.

TELES, José Mendonça. *Dicionário do escritor Goiano*. 4. ed. Goiânia: Kelps, 2011.

Sites

AFLAG. Célia Siqueira Arantes. Disponível em: <https://www.aflag.com.br/academicas/103-celia-siqueira-arantes>. Acesso em: 30 out. 2024.

BNDIGITAL BRASIL. *Cora Coralina, de Goiás*. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_10&Pesq=Bandeira&pagfis=23949. Acesso em: 18 fev. 2024.

BNDIGITAL BRASIL. *Gente brasileira*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/318744/1917>. Acesso em: 21 out. 2024.

BNDIGITAL BRASIL. *Notas sobre Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/028274_01/20411. Acesso em: 06 fev. 2025.

BNDIGITAL BRASIL. *Poeta por acaso, doceira por convicção*. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/154083_04/44157. Acesso em: 18 fev. 2024.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE. *Vida: cronologia*. Disponível em: <https://www.carlosdrummond.com.br/conteudos/visualizar/Cronologia>. Acesso em 28 nov. 2024.

OSWALDINO MARQUES. *Biografia*. Disponível em: <http://www.oswaldinomarques.pro.br/01-biografia.htm>. Acesso em: 23 out. 2024

SERRA DO LUAR. *Martins Ramos*. Disponível em: <https://serradoluar.art.br/>. Acesso em: 23 out. 2024.

TV CULTURA. *Cora Coralina, entrevista completa no programa Vox Populi*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gWi_uzkHn9o. Acesso em: 20 jan. 2024.

UFG. *Nota de falecimento*. Disponível em: <https://ufg.br/n/151353-nota-de-falecimento?atr=pt-BR&locale=pt-BR>. Acesso em: 31 out. 2024.

ANEXOS

Figura 1: Crônica de Carlos Drummond de Andrade sobre Cora Coralina, publicada no Jornal do Brasil em 27 de dezembro de 1980.

CADERNO B - JORNAL DO BRASIL - Rio de Janeiro, sábado, 27 de dezembro de 1980 - PÁGINA 7

Drummond

CORA CORALINA, DE GOIÁS

ESTE nome não inventei, existe mesmo, e de uma mulher que vive em Goiás: Cora Coralina.

Cora Coralina, tão gostoso pronunciar este nome, que começa aberto em rosa e depois desliza pelas entranhas do mar, surdinando música de seretas antigas e de dona Janaina moderna.

Cora Coralina, para mim a pessoa mais importante de Goiás. Mais do que o Governador, as excelências parlamentares, os homens ricos e influentes do Estado. Entretanto, uma velhinha sem posses, rica apenas de sua poesia, de sua invenção, e identificada com a vida como é, por exemplo, uma estrada.

Na estrada que é Cora Coralina passam o Brasil velho e o atual, passam as crianças e os miseráveis de hoje. O verso é simples, mas abrange a realidade varia. Escutemos:

"Vive dentro de mim uma cabocla velha de mau olhar, acocorada ao pé do borralho, olhando pra o fogo."
"Vive dentro de mim a lavadeira do rio Vermelho. Seu cheiro gostoso dá-gua e sabão."
"Vive dentro de mim a mulher cozinheira. Pimenta e cebola. Quitute bem-feito."
"Vive dentro de mim a mulher proletária. Bem linguaruda, desabusada, sem preconceitos."
"Vive dentro de mim a mulher da vida. Minha irmazinha... tão desprezada, tão murmurada..."

Todas as vidas. E Cora Coralina as celebra todas com o mesmo sentimento de quem abençoa a vida. Ela se coloca junto aos humildes, defende-os com espontânea opção, exalta-os, venera-os. Sua consciência humanitária não é menor do que sua consciência da natureza. Tanto escreve a Ode as Muletas como a Oração do Milho. No primeiro texto, foi a experiência pessoal que a levou a meditar na beleza intrínseca desse objeto ("Leres e verticais. Jamais sofisticadas. Seguras nos seus calços de borracha escura. Nenhum enfeste ou sortilégio"). No segundo poema, o dom de aproximar e transfigurar as coisas atribui ao milho estas palavras: "Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que amanhece. Sou o cocho abastecido

onde ruma o gado. Sou a pobreza vegetal agradecida a vós, Senhor."

Assim é Cora Coralina: um ser geral, "coração imumerável", oferecido a estes seres que são outros tantos motivos de sua poesia: o menor abandonado, o pequeno delinquente, o presidiário, a mulher-da-vida. Voltando-se para o cenário goiano, tem poemas sobre a enxada, o pouso de boiadas, o trem de gado, os becos e sobrados, o prato azul-pombinho, último restante de majestoso aparelho de 92 peças, orgulho extinto de família. Este prato faz jus a referência especial, tamanha



"Mulher sertaneja, livre, turbulenta, cultivadamente rude..."

a sua ligação com usos brasileiros tradicionais, como o rito da devolução: "As peses, ia de empréstimo a casa da boa Tia Norita. E era certo no centro da mesa de aniversário, com sua montanha de empadas bem tostadas. No dia seguinte, voltava, conduzido por um portador que era sempre o Abdenago, preto de valor, de alta e mútua confiança. Voltava com muito-obrigados e, melhor cheinho de doces e salgadinhos. Tornava a relíquia para o relicário..."

Relicário e também o sortido depósito de memórias de Cora Coralina.

Remontando a infância, não a ornamenta com flores falsas: "Eramos quatro as filhas de minha mãe. Entre elas ocupei sempre o pior lugar." Lembra-se de ter sido "triste, nervosa e feia. Amarela, de rosto empalmeado. De pernas moles, caíndo a toa. "Perdera o pai muito norinha. Seus brinquedos eram coquilhos de palmeira, caquinhos de louça, bonecas de pano. Não era compreendida. Tinha medo de falar. Lembra com amargura essas carencias, esquecendo-se de que a tristeza infantil não lhe impediu, antes lhe terá preparado a percepção solidária das dores humanas, que o seu verso consegue exprimir tão vivamente em forma antes artesanal do que acadêmica.

Assim é Cora Coralina, repito: mulher extraordinária, diamante goiano cintilando na solidão e que pode ser contemplado em sua pureza no livro Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais. Não estou fazendo comércio de editora, em época de festas. A obra foi publicada pela Universidade Federal de Goiás. Se há livros comovedores, este é um deles. Cora Coralina, pouco conhecida dos meios literários fora de sua terra, passou recentemente pelo Rio de Janeiro, onde foi homenageada pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, como uma das 10 mulheres que se destacaram durante o ano. Eu gostaria que a homenagem fosse também dos homens. Já é tempo de nos conhecermos uns aos outros sem estabelecer critérios discriminatórios ou simplesmente classificatórios.

Cora Coralina, um admirável brasileiro. Ela mesma se define: "Mulher sertaneja, livre, turbulenta, cultivadamente rude. Inserida na gleba. Mulher terra. Nos meus reservatórios secretos um vago sentido de analfabetismo." Opõe a morte "aleluas festivas e os sinos alegres da Ressurreição. Doceira fut e gosto de ter sido. Mulher operaria".

Cora Coralina: gosto muito deste nome, que me invoca, me bouleversa, me hipnotiza, como no verso de Bandeira.

Carlos Drummond de Andrade

Figura 2: Texto de Ático Vilas Boas Mota em jornal não identificado.

AO PÉ DA ESTANTE

cora coralina e a poesia de vila boa

POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS, obra doce de oitenta e sete páginas, que a Livraria José Olympio Editora acaba de soltar por inspiração dos deuses amantes do que há de melhor no que se chama brasilidade. Do fundo do tempo a poesia aqui transfigurada em mulher franzina, olhar pólo nos re-
 "mos humildes do mundo e da vida, brinca de ser menina tagarela e, no misterioso ofício de desenrolar o passado, vara ruas, corre pontes, atravessa córregos, pula serras, vira pássaro, assina pacto com as águas, vai buscar gente lá nos domínios onde a saudade e o sonhar dormem na mesma rede. Cora Carolina não fez poesia de intenção — pensava ela — e fêz, sim, questão de deixá-lo bem claro:
 "Versos... Não.
 Poesia... Não.
 Um modo diferente de contar velhas histórias".

E o nome daquela mulher franzina de alto sonhar, senhora dona de Vila Boa, virou um desnoçado carretel de linha desem-
 bestado, escorregou pelos cantos do Brasil, apregoando o perfil da velha Goiás. E por esse mundão de meu país muitos alguém escancarando a boca: — "Puxa! Mas Goiás é bonita assim?" — Pois que dúvida. Aqui vamos nós também caminhando, olhos comovidos pelos meandros de suas páginas, versos tortuosos, saltitantes como os becos e calcamento da doce cidade velha.

POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS, gran-
 de invenção. Eis aí um belo jeito de a gente fazer poesia sem se dar por isso: modo diferente de contar coisas antigas. Se quis evitar as possíveis flechas daqueles que não estão acostumados a ver a beleza que as coisas inocentemente carregam, deu nos uma bellissima lição: a de redescobrir o encantamento da cidade de Goiás, "cidade feita a mão" no dizer expressivo de Regina Lacerda, outra figura feminina que nos ensina a ver em sua terra natal o encanto simples de uma cidade que sabe guardar, cuidadosamente, os passos de um Brasil que fugiu e adormeceu no meio do caminho, como em gostosa pousada, para sonhar que um dia haveria de chegar aos confins do oeste e namorar os Andes.

Cora Carolina soube ainda nos ensinar os caminhos da poesia que Vila Boa derrama em suas ladeiras, a poesia imantante que seus olhos e sensibilidade sabem descobrir, onde mesclam como parte do espaço lavrado em pedra antigos mestres, colegas, tipos de rua, restos de conversas de nem sei mal, quando E como os recorda com vida! Ao fazê-lo, põe toda a sua bondade de vilaboense, alma igualzinha à de Renan em "Souvenirs d'Enfance", pela fineza, pelo acerto no emprêgo das palavras pelo carinho com que sabe evocar as figuras nem sempre alegres às vezes tristes demais, que povoaram os rincões da infância longe. Sabe amar e nos faz adorar a sua terra, de maneira global, universal, sem reticências, sem atender às exigências das convenções, sem subterfúgios mas gu-
 losamente: passamos a querer como partes de nossa vida os becos

ensombreados e assombrados lodacentos, escuros e escusos, cujos nomes de batismo constituem uma verdadeira ladainha de beleza toponímica, pelo que têm de sonoros, de ingênuos e gostosos:

Beco do Cisco
 Beco do Cotovêlo
 Beco de Antônio Gomes
 Beco das Taquaras
 Beco do Seminário
 Bequinho da Escola
 Beco do Ouro Fino
 Beco da Cachoeira Grande
 Beco do Calabrote
 Beco do Mingu
 Beco da Vila Rica.

E se mais becos houvesse, lá chegara a sensibilidade absorven-
 de Cora Coralina, que sabe à maravilha reunir elementos assim dispa-
 res sem causar ao leitor aquela impressão de gaveta cheia de bugigangas. Somou elementos da paisagem humana de maneira harmoniosa, o que a torna profundamente superior, poque sem preconceitos. Até o "drama da mulher da vida", o perfil do religioso, a silhueta do bonadeiro, tudo aqui é escolhido como deve, o que vale dizer — revestido pela poesia.

Essa capacidade de transfiguração do todo indiscriminado sob a aura uniforme da beleza, nos leva a lembrar que a doce velhinha que é Cora Coralina é sempre, ainda a menina de olhos arregalados para o mundo, e que "o tempo planta avencas", mas é um tempo bom; não faz mal à alma transúcida de Cora, não briga com ela, mesmo que se lhe chame de Aninha, não lhe encruta os olhos que lhe tolha a visão da recôndita beleza das coisas, não lhe enfra-
 quece o coração diante do maravilhoso espetáculo que é a própria vida: vida assim mesmo, sem tirar nem por, com muita gente, muitas cores, muitos lugares, muitas palavras, muitos sonhos e muita ternura de senhora-moça, menina:

"Meus brinquedos...
 Coquilhos de palmeira,
 bonecas de pano,
 Caquinhos de louça,
 Cavalinhos de forquilha,
 Viagens infundáveis...
 Meu mundo imaginário
 mesclando a realidade".

E de vila em vila, e de beco em beco, e de venda em venda,
 e de feira em feira, de praça em praça desse mundo tão faminto de um pouco de poesia, tão necessitado de redescobrir a poesia, há de chegar, depressa ou devagar, a voz de Cora Coralina, a canfona de Goiás Velha sempre nova como um brinquedo da infância, nossa Cora. E quem duvidar do seu miraculoso e encantador jeitinho de redescobrir poesia, não custa nada: é só tomar o rumo do oeste e dar um salto a Vila Boa, cidade vestida domingueiramente à espe-
 ra do namorado.

ATICO VILAS BOAS MOTA

como José Décio Filho, José Godoy Garcia e Jesus Barros Boquady, a quem se fazem ligeiras referências, com insignificantes reproduções de fragmentos de poemas.

Injustificadas também parecem duas jovens poetisas de talento do GEN, sem dúvida as mais expressivas do grupo. Aliás, o nome de Edir Malagoni, autora de TARDES DO NADA, nem consta do livro. E se a intenção era mesmo divulgar os nomes de autores goianos entre velhos e moços, por que não se lembrar da promissora Maria Lúcia Félix cujo livrinho, ROSA NO VENTO, com menção honrosa no concurso de poesia da U. F. G., foi no começo do ano editado pela Editora "Lectura" do Rio de Janeiro? Lacunas injustificáveis!

Poder-se-á objetar com a finalidade precipua da publicação, a de ensinar, por método prático a análise

Nesse caso, o livro viria contradizer violentamente os princípios com que foi elaborado, uma vez que o fim, o objetivo de toda a aprendizagem do vernáculo é: "ler, exaurindo a fonte, falar e escrever corretamente" etc.

Não obstante as razões, que entretanto não de causar espécie há que reconhecer no roteiro do professor Douglas Avanço um trabalho feito com esforço, representando iniciativa digna de elogios, pelas virtudes que demonstra em seu campo, somente não sendo o primeiro empreendimento no gênero porque no passado a mestra goiana Odília Socrates do Nascimento Monteiro fez publicar um livro para o curso primário, em que incluiu páginas de escritores goianos de seu tempo.

Outro mérito seu é o de resuscitar o ideal de

roteiro de análise

o professor Douglas Avanço, pessoa de relevo no magistério superior e médio, elaborou e editou, por conta própria, este interessante livro, de finalidade didática, intitulado modestamente Roteiro de Análise.

Em "Declaração de motivos" no princípio do volume, diz o educador que se trata de "apenas" "um quadro esquemático do método de análise". Análise sintática, esclareça-se. E no elogiável intuito de difundir entre os estudantes o conhecimento da literatura goiana utilizou-se no estudo das regras da sintaxe, de textos de autores de Goiás, aqui nascidos ou residentes.

Embora declarada a intenção de ensinar a análise

Se não existem reparos a fazer de parte didática, não se pode deixar de estranhar, todavia, o critério da seleção dos autores figurantes que se desvia do anunciado na introdução. Tem-se a impressão de que o autor ao proceder a escolha dos nomes, teria deixado dominar-se por sentimentos de coleguismo e amizades algumas vezes ou por influências alheias ao espírito da obra.

Se assim não fosse, como explicar, por exemplo, que nomes importantes de nossa poesia moderna, participantes de movimento modernista de 1942 da revista OESTE, ficassem relegados, a plano inferior, enquanto a outros de menor ex-

Figura 3: Texto de Bernardo Élis publicado em dezembro de 1985.

BERNARDO ÉLIS



Cora Coralina e o fingimento do poeta

Triste, nervosa e feia.
Sem carinho, sem mãe.
Sem proteção de pai...
— melhor fora não ter nascido.

Amarela de rosto empapuçado.
De pernas moles, caindo à toa.
Retrato vivo de um velho doente
Indesejável entre as irmãs.

E nunca realizei nada na vida.
A inferioridade sempre me tolheu.
E foi assim, sem luta, que
me acomodei
na mediocridade de meu destino.

Com tais palavras Cora Coralina termina o poema chamado "Minha Infância", talvez o mais pungente de toda a sua produção poética, como catarse ou purgação dos fantasmas que lhe habitavam os sótãos e porões da alma. Naturalmente que usa a poeta dos recursos de todos os poetas, aquele recurso tão bem definido por Fernando Pessoa, quando diz:

O poeta é um fingidor.
Finge tão perfettamente,
que chega a fingir que é dor
a dor que em verdade sente.

Não levemos, pois, muito a sério o que contam os versos de Cora Coralina, nos quais lamenta:

E nunca realizei nada na vida
A inferioridade sempre me tolheu.

Nisto vai todo o seu fingimento de poeta. Se há uma vida plenamente realizada é a da minha querida amiga Aninha. Ela cumpriu tudo na vida de forma profunda, através de sua arte: viveu mil vidas e efetivou mil projetos. Foi anta e pecadora, rica e pobre, doente e sadia, nova e velha, criminosa e inocente, perdida e achada, lavadeira de roupa, proprietária de fazenda de gado e lavoura, dona de ouro e diamantes, gritando com escravos e fâmulos e sendo ela própria mandada como escrava e fâmula, cumprindo ordens de patrões, senhores e senhoras; enfim Cora Coralina não foi nem é uma apenas, mas duas, dez, mil, dez mil e quinhentas, como diria Mário de Andrade, que nisso está um dos segredos do artista. E para quem é numeroso, não pode

haver inferioridade tolhedora, porque o seu império é sempre o da liberdade e da independência. Ao artista como ao vento não tolem correntes, nem cárceres de paredes ou muros, soprando ele aonde quer e por onde delibera.

"E foi assim, sem luta, que me acomodei à mediocridade de meu destino" — termina o poema, aprofundando mais ainda o fingimento do poeta. Nesses dois versos, como nos anteriores, tudo é fingimento. O destino de Aninha-da-Ponte nada tem de mediocre, nem ela se acomodou sem luta. Justamente entre as características definidoras de caráter de nossa poeta é que a mediocridade não tem vez nem hora. Não pode ser mediocre quem como ela se destacou desde a juventude pela inteligência viva, pela sensibilidade à flor da pele, pela coragem serena e pertinaz; não pode ser acomodaticioso o temperamento que se insurgiu contra a rotina e a fatalidade de um ambiente bisonho e quem repeliu a pasmaceira e o sossego, encarando a vida frente a frente como o caçador encara a fera ou como o destemido enfrenta o lobisomem e o vence com galhardia.

Fazendo, há poucos dias, um superficial exame da poesia de Cora Coralina, tinha eu a oportunidade de formular uma pergunta: — será que todos que lêem seus versos deles se encantam como nós goianos de Vila Boa? E a resposta era afirmativa. Ai estão depoimentos de Carlos Drummond de Andrade ou de Oswaldinho Marques confessando a emoção de que foram tomados ante a leitura dos seus poemas. Pode haver maior prova de sucesso?

A arte é tanto mais arte, quanto mais consegue transmitir emoções. Na verdade,

com seu enorme poder de captar o poético, nossa poeta criou páginas imortais que desvelam segredos jamais suspeitados dentre as pedras e as águas da eterna Vila Boa, recriando toda uma vida que o tempo antes plantara, que se pultara, porque essa vida está sempre renascendo no coração de cada geração que surge.

Hoje os poemas de Cora Coralina são patrimônio da humanidade: ninguém poderá dizer que conhece Goiás se não conhece esses poemas. Ainda outro dia eu falava dos versos de Cora Coralina que ressoam com a perenidade dos aforismos ou dos adágios, por exemplo:

"No beco da Vila Rica tem sempre uma galinha morta".
Ou aquele outro: "Sou Paranaíba para cá", tão definidor de nossa goianidade. Hoje esse dito está menos em evidência, mas há vinte anos passados, era chavão comum de quase todo artigo de jornais goianos. Era a confissão da consciência que tínhamos de nosso encarceramento, de nossa exclusão do mundo nacional ou mundial, onde cumpríamos a pena sem culpa de vivermos num mundo ao qual não chegavam os ecos do progresso!

E há outros que citar, como aquele terrível adágio por ela revivido: "Na pataca da miséria o diabo tem sempre o seu vintém." É um anexim que estala e fere como chicote na pele do rosto, como a matraca penitencial de sexta-feira santa e dói fundo como miserere de sambenitos. Podia dizer que a poesia de Cora Coralina é triste, se tal afirmativa não invertesse as premissas lógicas. A arte jamais é triste ou alegre, feia ou bonita, boa ou má, que tais são os atributos da vida, de que a arte é mero reflexo.

A mim são especialmente gratos os poemas desse grande livro, pelo que há de comum entre a minha visão de mundo e a de Cora Coralina, harmonia que me fez abordar temas congêneres, embora meus poemas (pobres poemas) não possuam esse rugir e esse fragor dos de Cora Coralina. Entretanto, vejo aproximações entre meu poema "Ladada de um soldado músico" e o de "Soldado Carajá"; também eu falei de "Tranças de Matilde", como Cora falou das "Tranças de Maria". A diferença está na perspectiva da situação. Para Cora, o sumiço de Maria, a de longas tranças, provocou dores e paixões porque eram tranças verdadeiras, tão verdadeiras que resistiram à digestão do sucuri para terminar feitas rédeas da montaria do apaixonado pela dona das tranças.

No meu poema, a filosofia é diferente. "As tranças de Matilde", que havia levado pessoas ao suicídio e casais à separação — essas tranças fatídicas eram tão mais fatídicas quanto mais postíças. Com isso quero apenas dizer que tudo são ilusões e embustes. Sem dúvida, são pontos de vista e o meu, hoje mais do que nunca, fixado na crença de que a vida é uma anedota, uma piada, na maioria das vezes, muito sem graça, mas que os donos do mundo nos querem fazer crer que mereçam respeito.

Que pena, pois que a vida não vale a pena de alguém pensar! Pois isso é bom repetir aqueles versos bestiológicos, assim redigidos:

Pena que o penacho/ Perca penas/
Apenas alguém o empena./ Que diacho/ E um penacho/ Que se depena/ Apenas não vale a pena/
Que a menor das penas do penacho/ Já me agachou

Figura 5: Registro dos livros da biblioteca pessoal de Cora Coralina, preservado pela Fundação Frei Simão Dorvi.

LIVROS DE CORA CORALINA

- ABOUT, Edmond. **Les Mariages de Paris**. Paris: Nelson Editeurs.
- ABRAHÃO, Alcyone. **Chevrolet 69**.
 ----- **Disritmia** (contos). GYN: Oriente, 1977.
- ACCIOLI, João. **O tempo repetido**. SP: IBREX, 1984.
- ACHIAMI, Aldellatif Loâhi. **Poesia palestina de combate**. RJ: 1981.
- AGUIAR, Dr. Porfirio de. **Vida de São Francisco de Assis**. SP: 1925.
- AIRES, Aidenor. **Na estação das aves**. GYN: Oriente, 1973.
 ----- **Amaragrei**. BSB: Oriente, 1978.
 ----- **Rio Interior**. GYN: Secretaria de Ed. e Cultura do Est. de Goiás, LÍDER, 1979.
 ----- **Os deuses são pássaros do vento** (poemas). GYN: CERNE, 1984.
- ALBALAT, Antônio. **A formação do estilo pela assimilação dos autores**. 6ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Ed., 1950.
- ALBUQUERQUE, Côn. Amaro Cavalcanti de. **Liturgia da Missa**. 19ª ed. Rio: Edições "Lumen Christi", 1969.
- ALENCAR, Antônio Sena. **A visita do Papa João Paulo II ao Brasil**. GYN: UCG, 1981.
 ----- **A espera misteriosa**. GYN: Líder, 1984.
 ----- **Ataliba e Rosalina no drama de um casamento**. GYN: UCG, 1984.
- ALENCASTRE, Amílcar. **A rebelião dos povos coloniais**. RJ: Prado Ed., 1962.
- ALESSANDRO, Celina Lamounier d'. **Acalanto**. BSB: Senado Federal, 1976.
- ALMEIDA, Ceciliano Abel de. **O desbravamento das selvas do Rio Doce**. 2ª ed. Rio: José Olympio, 1978.
- ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**. 2ª ed. RJ: Imprensa Bíblica Brasileira, 1945.
 ----- **Novo Testamento**. Rio: Sociedades Bíblicas Unidas, 1949.
 ----- **Novo Testamento**. Rio: 1959.
 ----- **Novo Testamento e Salmos**. Rio: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
 ----- **Novo Testamento**. Edição de 1976.
- ALMEIDA, Nelly Alves de. **Estudo sobre quatro regionalistas**. GYN: UFG, 1968.
 ----- **Presença literária de Bernardo Elis**. Antologia. 1970.
- ALVARENGA, Valdir. **Plenilúnio**. Santos: Col. Picaré/Poesia, 1982.
- ALVES, Castro. **Hinos do Equador**. Salvador: Progresso Ed., 1956.
 ----- **Espumas Flutuantes** (poesias). Edição popular. RJ: 1957.
- ALVES, J. V. Portella Ferreira. **Mallet – O Patrono da Artilharia**. Rio: Biblioteca do Exército, 1979.
- ALVIM, Francisco. **Passatempo e outros poemas**. Editora Brasiliense, 1981.
- ALVIM, Maria Lúcia. **Romanceiro de Dona Beja**. Rio: Fontana, INL, 1979.
- AMADO, Jorge. **Terras do sem fim**. 6ª ed. SP: Martins, 1942.
 ----- **Seara Vermelha**. 2ª ed. SP: Martins Ed., 1954.
 ----- **Os pastores da noite**. SP: Martins.
 ----- **Tereza Batista – cansada de guerra**. SP: Martins, 1972.
 ----- **Os velhos marinheiros ou o Capitão de longo curso**. 36ª ed. RJ: Record, 1977.
- AMARAL, Jane Mahalem do. **Fresta**. Editora Luiz Cruz.
- AMIM, Jair Elias. **Dualidade Inaudita**. GYN: 1980.
- ANCHIETA, Pe. José de. **Poema da Virgem**. 3ª ed. Edições Paulinas, 1958.
- ANDRADE, Themis Carvalho de. **Carmelita**. São Paulo: A Tribuna de Santos.
 ----- **O canto dos pássaros**. 1980.
- ANTUNES, Xênia. **Exercícios de amor e de ódio**. BSB: Edição do autor, 1980.
- APPES, Idalina Cotrin & MÓNACO, Édson. **O arco-íris**. SP: 1978.

Figura 6: Registro dos livros da biblioteca pessoal de Cora Coralina, preservado pela Fundação Frei Simão Dorvi.

- ARANTES, Sebastião. **O pranto dos inhambus**. GYN: Cultura Goiana, 1975. 7 exemplares.
- ARAÚJO, Antônio Amaury C. de. **Assim morreu Lampião**. 3ª ed. São Joaquim: Traço Ed. Ltda. 1982.
- ARRUDA, Eunice. **Invenções do Desespero**.
- ARTIAGA, Zoroastro. **Dos Índios do Brasil Central**. Uberaba: Triângulo.
- ASTURIAS, Miguel Angel. **Legendas de Guatemala**. 6ª ed. Buenos Aires: Editorial Losada S.A., 1975.
- AVANÇO, Douglas. **O Capeta 9316**. GYN: Cultura Goiana, 1973. 2 exemplares.
- AYRES, Francisco. **Poemas da Vida e do Sonho**. GYN: Cultura Goiana, 1981.
- AZEVEDO, Aluizio. **Girândola de amores**. 6ª ed. SP: Martins.
- AZEVEDO, Aroldo de. **O Brasil e o Mundo**. 25ª ed. SP: Cia. Ed. Nacional, 1964.
- AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. **Anuário Histórico, Geográfico e Descritivo do Estado de Goiás p/ 1910**. Ed. Fac-Similar. BSB: SPHAN, 1987.
- AZEVEDO, Pedro Cordolino Ferreira de. **D. Francisco – O bispo cego**. RJ: Dep. de Imprensa Nacional, 1954. 2 exemplares.
- AZEVEDO, Sânzio de. **Aspectos da Literatura cearense**. Fortaleza: UFC, 1982.
- BALDWIN, Hanson W. **Batalhas ganhas e perdidas**. Col. Gen. Benício. RJ: Biblioteca do Exército, 1978.
- BARBOSA, Alaor. **Confissões de Goiás**. Goiânia: Oriente, 1968.
- **Pequena história da Literatura Goiana**. GYN: AGL, 1984.
- BARBOSA, José Afonso. **Corcel do Tempo**. Goiânia: CERNE, 1982.
- BARREMACHEA, C. A. **Nome da semente** (poesias). BSB: 1980.
- BARRETO, Abílio. **Canto Primeiro**. LYS.
- BARRIGA, Heliana. **Poesia Primeira**. Belém: 1982.
- **Mãe Amor**. Belém: Gráfica Falangola, 1983.
- **Naturmomem (poesia)**. Embrapa/CPATU, 1983.
- BARROS, Enéias Martins de. **Curso de Português**. Quarta Série. São Paulo: Ed. do Brasil, 1954.
- BASTOS, J. B. Pereira. **Quietude**. Vol. 2. SP: Soma, 1983.
- BASTOS, Olegário. **Poesia e Prosa**. SP: Editora Zangalos, 1980.
- BATISTA, Alice Godinho. **Um raio de luz na noite escura**. GYN: Oriente, 1974.
- BÉCA RIA, Dr. Cesário da. **Manual do Chicanista**. 7ª ed. BSB: EBRASA, 1968.
- BEHR, Nicolas. **Iogurte com farinha**. BSB: 1977.
- BELLONI, Consuelo. **Eu me deixei sonhar** (poemas). RJ: CBAG, 1981.
- BENTO, Kátia. **Contrafala**. Recife: Edições Pirata, 1980.
- **O jogo da velha**. SP: Editora do Escritor, 1981.
- BERNARDES, Carmo. **Kiçaga**. GYN: Leal Ed., 1972. 3 exemplares.
- **Areia branca** (contos e casos). GYN: Cultura Goiana, 1975. (3 exemplares).
- **Jurubatuba**. 2ª ed. SP: Cultura Editora, 1979.
- **Força da Nova**. GYN: Secretaria de Educ. do Est. de Goiás, 1981.
- **Idas e Vindas**. Ed. Codecri.
- BERNARDO T. P., Carlos. **Bases para tua conduta**. “Raumsol”. 3ª ed. São Paulo: Logosófica, 1977.
- BERTHAUT, C. Georgin E. H. **Curso Secundário de Latim**. 2ª ed. São Paulo: Escolas Salesianas, 1935. Profissionais
- BERTHOLDO, Oscar. **A colheita comum**. Cadernos de poesia. Livraria 2001 Ltda. Gráfica Bento Gonçalves, 1972.
- BIASI, Renato de. **A energia nuclear no Brasil**. RJ: Biblioteca do Exército, 1979. Biblioteca do Exército, 1978.
- BION, Goiany Comélio. **Obras de Guy de Maupassant**. Edição org. por Sérgio Milliet. SP: Martins.
- BITTENCOURT, Fernando. **Roteiros e Tesouros**. Rio: Edições G. R. D., 1962.
- BLOCH, Pedro. **Anedotas e histórias de gente**. RJ: Tecnoprint.
- BOAVENTURA, Jorge. **O Mito da Caverna (sua atualidade)**. Rio: Biblioteca do Exército, 1963.
- BONACHELLA, Maria Cecília Machado. **Três Fases / Poesia**. Piracicaba: Editora Franciscana, 1978.
- BONDESPACHO, Ana. **A rede era furta-cor**. RJ: CEBAG Ed.

Figura 7: Registro dos livros da biblioteca pessoal de Cora Coralina, preservado pela Fundação Frei Simão Dorvi.

- BONFIM, Paulo. **Praia de Sonetos**. Massao Olmo Roswitha Editores. 1981.
- BONIFÁCIO, José. **A visão do estadista**. Dep. de Imprensa Nacional, 1972.
- BORGES, Humberto Crispim. **O Vale dos Imbaúbas** (contos). GYN: Bandeirante, 1979.
- **Moisés Santana – Vida e Obra**. GYN: CERNE, 1980.
- BORGES, João dos Reis. **Um beijo pendurado nos cabelos**. BSB: Gráf. Valci, 1981.
- BOUTHOU, Gaston & CARRÈRE, René. **O desafio da guerra**. Rio: Biblioteca do Exército, 1979.
- BRACKEL, Baroneza F. V. **A filha do diretor do circo**.
- BRAGA, Fernando. **O exílio do viandante**. BSB: Thesaurus Ed., 1982.
- BRANCO, Lena Castello. **Arraial e Coronel**. SP: Cultrix, 1978. (2 exemplares).
- BRANDÃO, A. J. Costa. **Almanach da Província de Goyaz (Col. Doc. Goianos I)**. 2ª ed. GYN: UFG, 1978.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os objetos do dia**. GYN: Oriente, 1976.
- **Peões pretos e congos**. BSB: Universidade de Brasília, 1977.
- BRANDÃO, Francisco Manoel. **Brasília e o Buritiseiro**. RJ: 1958.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **O verde violentou o muro**. 6ª ed. SP: Global Ed., 1984.
- BRANT, Vera. **A Ciclotímica**. RJ: Rocco, 1975. (2 exemplares)
- BRASIL, Americano do. **Súmula de História do Brasil**. 2ª ed. GYN: Dep. Estadual de Cultura, 1961.
- BRASILENSE, Eli. **Bom Jesus do Pontal**. S. Paulo: Martins, 1954.
- **Rio Turuna**. GYN: UFG, 1964.
- **Um grão de mostarda**. 3ª ed. GYN: Oriente, 1972.
- BRAUN, Jayme Caetano. **De fogão em fogão**. Col. 3. Chirus. Ed. La Salles, 1958.
- **De fogão em fogão**. 2ª ed. Col. Pampa. Porto Alegre: Livraria Sulina Ed., 1971.
- **Bota de Garrão**. Col. Pampa. Porto Alegre: Sulina, 1979.
- BRISSAUD, André. **Almirante Canaris**. RJ: Biblioteca do Exército, 1978.
- BRITO, Hélio Seixo de. **Histórico de uma Administração**. GYN: Prefeitura, 1965. 2 exemplares.
- BRITO, Mário da Silva. **Obra Primas da Novela Universal**. SP: Martins, 1954.
- BROM, Jorge. **Contos Regionais**. 2ª ed. Goiânia: Oriente, 1979.
- BRONHAM, W. M. **Possuindo todas as coisas**. 1962.
- BRUNTON, Paul. **O caminho secreto**. SP: Pensamento.
- BUENO, Maria Thereza Galvão. **Trilogia do Sol**. (Sonetos). SP: 1982.
- BULHÕES, Octávio Gouveia de. **Contribuição de Goiaz à Numismática Brasileira**. GYN: CERNE, 1969.
- BURNAT, Jean. **A última czarina**. BH: Itatiaia, 1960.
- BUZAID, Alfredo. **Castro Alves, Evangelista do Direito**. SP: Gráfica “Revista dos Tribunais”, 1964.
- **Ensaio Literários e Históricos**. SP: Saraiva, 1973.
- **Camilo, o Católico**. Jan/1977.
- **Dom Pedro II**. Separata da Rev. da Academia de Letras. Ano XXXIV. Nº 90. Mai/1977.
- CABRAL, Néelson Lustoza. **Paisagens do Nordeste**. SP: 1962.
- CAIADO, Leolídio. **Curriculo da Saudade**. Goiânia: UFG, 1969.
- CAIADO, Leonino. **Pronunciamentos II**. GYN: Governo do Estado de Goiás, 1971.
- **Pronunciamentos III**. GYN: Governo do Estado de Goiás, 1972.
- **Pronunciamentos IV**. GYN: Governo do Estado de Goiás, 1973.
- **Pronunciamentos VII**. GYN: Governo do Estado de Goiás, 1975.
- CALDAS, Álvaro. **Tirando o capuz**. Rio: Codecri, 1981.
- CALMON, Pedro. **Franklin Dória**. RJ: Biblioteca do Exército, 1981.
- CÂMARA, Dom Elder. **Mil razões para viver**. (Meditações do padre José). 2ª ed. Rio: Civilização Brasileira, 1979.
- CÂMARA, Jaime. **Nos tempos de Frei Germano**. GYN: Cultura Goiana, 1974.
- **Nos tempos de Frei Germano**. 2ª ed. GYN: Gráf. O Popular, 1979.
- CAMARGO, Maria do Carmo. **Vamos fazer versos – Jogos florais**. Rio: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda., 1961.

Figura 8: Registro dos livros da biblioteca pessoal de Cora Coralina, preservado pela Fundação Frei Simão Dorvi.

- CAMARGO, Ten. Cel. Prof. Enjolras José de Castro. **Estudos de problemas brasileiros**. RJ: Biblioteca do Exército, 1979.
- CAMINHA, João Carlos. **Delineamentos da Estratégia**. Vol. 2 e 3. RJ: Biblioteca do Exército, 1983. 2 exemplares.
- CAMPOS, Monsenhor Pinto de. **Caxias – Centenário de sua 1ª Biografia – 1878-1978**. RJ: Biblioteca do Exército, 1978.
- CAMPOS, Umberto de. **Crítica**. 1ª Série. 3ª ed. RJ: José Olympio, 1935.
 ----- **Crítica**. 2ª Série. 2ª ed. RJ: José Olympio, 1935.
 ----- **Crítica**. 3ª Série. 3ª ed. RJ: José Olympio, 1935.
 ----- **Crítica**. 4ª Série. RJ: José Olympio, 1936.
 ----- **Sepultando os meus mortos**. Rio: José Olympio.
- CANABRAVA, Luiz. **Sangue de Rosana**. Rio: José Olympio, 1954.
- CÂNDIDA SOBRINHO, Lucília. **Nas asas do tempo**. BH: O Lutador, 1984.
- CANUTO, Antônio. **Imagens e Miragens**. Coleção Picaré Poesia. Santos.
- CAPUZZO, Nely. **Miséria, quem te gerou?** Porto Alegre: Livraria do Globo, 1964.
- CARDOSO, Joaquim. **Poesias completas**. 2ª ed. Civilização Brasileira, 1979.
- CARMELLO, Amando da Silva. **A poesia cumprimenta os amigos**. SP: 1922.
- CARNEIRO, Cecílio J. **Pecado nos trópicos**. José Olympio.
- CARVALHO, Gen. Ferdinando de. **Os sete matizes do vermelho**. Rio: Biblioteca do Exército, 1977.
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de. **Crônicas de Valentina**. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1890.
- CARVALHO, Mário de Freitas & Outros. **A Universidade e a problemática econômica**. GYN: UFG, 1980.
- CARVALHO, Ten. Cel. Luiz Paulo Macedo (trad.). **Memórias do Marechal Montgomery**. Rio: Biblioteca do Exército, 1976. (2 exemplares, livros diferentes, Tomo I e Tomo II.)
- CASALDÁLIGA, Dom Pedro. **Cantigas Menores**. Goiânia: Projornal, 1979.
- CASALDÁLIGA, D. Pedro & Outros. **Missa da terra sem males**. Rio: Tempo e Presença, 1980.
- CASANOVAS, C. F. de Freitas. **Dicionário geral de monossílabos**. Col. Dicionários especializados. 2. Instituto Nacional do Livro, 1968.
- CÁSSIA, Rita de. **Cores**. Fortaleza: UFC, 1984.
- CASSIMIRO, Maria do Rosário. **O processo educativo**. GYN: UFG, 1979.
- CASTRO, Hugo de. **Cem Poemas Chineses**. Vertente Ed., 1978.
 ----- **O drama das estradas de ferro no Brasil**. SP: L. R. Editores. Ltda., 1981.
- CELESTINO FILHO. **Rosas Atômicas**. GYN: Oriente, 1977.
- CERCHI, Carlos Alberto. **Apologia Naturalista**. Uberaba: Rio Grande Artes Gráficas S.A., 1980.
- CESTRON, Gilberto. **Os anjos vão para o inferno**. Porto: Tavares Martins, 1954.
- CEVIDALLI, Anita Salmoni. **Lecture Per Brasiliani**. SP: F. Orlandi S.A. – Ind. e Com., 1976.
- CHALLITA, Mansour. **Calila e Dimna**. RJ: Apex, 1975.
 ----- **Este é o Líbano**. RJ: ACIGI, 1976.
- CHASTON, Lita. **Por que América?** SP: Editora do Escritor.
 ----- **São Paulo Litoral Norte. História e Turismo**. Vol. 2. SP: Ed. do Escritor.
 ----- **São Paulo Litoral Norte. História e Turismo Cultural**. Vol 3. SP: Ed. do Escritor.
 ----- **São Paulo Litoral Norte. Turismo na Costa do Ouro**. Vol. 2. SP: Ed. do Escritor.
- CHEIN, Maria Helena. **Do olhar e do querer**. GYN: Oriente, 1974.
- CHIAVENATTO, Júlio José. **A Guerra do Chaco**. 4ª ed. SP: Brasiliense, 1980.
 ----- **Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai**. 9ª ed. SP: Brasiliense, 1980.
- CHRISTIE, Agatha. **Cipreste Triste**. RJ: Nova Fronteira, 1975.
- CHRISTO, Maria Stella Libâni. **Fogão de Lenha**. RJ: Vozes, 1973.
- COARACY, Vivaldo. **Todos contam sua vida – memórias de infância e adolescência**. Rio: José Olympio, 1959.
- COELHO, Aristides P. **Nos confins dos três mares... a Antártida**. Rio: Biblioteca do Exército, 1983.
- COGOLLI, Dina. **Atmos Attimi** (poemas). GYN: UFG, 1968.

Figura 9: Registro dos livros da biblioteca pessoal de Cora Coralina, preservado pela Fundação Frei Simão Dorvi.

- CORALINA, Cora. **Poemas dos Becos de Goiás e Estória Mais**. Col. Doc. Goianos. 3ª ed. GYN: UFG, 1980.
- **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais**. 14ª ed. SP: Global Editora.
- **Vintém de Cobre – Meias Confissões de Aninha**. GYN: UFG, 1983.
- CORTEZ, Nati. **O mistério dos discos voadores**. Natal: Cia. Ed. do RN, 1976.
- COSTA FILHO, Odylo. **Meus meninos, os outros meninos**. Record, 1980.
- COSTA JÚNIOR, Miguel. **Tranquilo Tranquilli – primeiras notas para uma biografia**. SP: ASBA, 1961.
- COSTA, Dimas. **Tarca – versos gauchescos**. Porto Alegre: Martins, 1981.
- COURTOIS, Abbé Gaston. **Vida de São Vicente de Paulo**. 2ª ed. Rio: Conselho Superior do Brasil da SSV, 1976.
- COUTINHO FILHO. **Dimensões de Goiás intelectual e folclore em áreas da Paraíba**. João Pessoa: 1969.
- COUTINHO, Galeão. **A vocação de Vitorino Lapa**. SP: Martins, 1942.
- COUTO, Goiás do. **Memórias e belezas da Cidade de Goiás**. SP: Tip. Edane S.A., 1958.
- COUTO, Ladislau. **Ciranda simplesmente por amor**. Goiânia: Ed. Santuário, 1984.
- CRUZ FILHO, Luzitano Garcia. **Pedaços**. BSB: 1983.
- CRUZ, Geraldo Dias da. **Monção – Coroados**. BH: Imprensa Oficial, 1973.
- **Proclama aos incautos**. SP: Ed. do Escritor, 1979.
- CRUZ, Juan Martinez de la (trad.). **Cartas Che Guevara. Obras Completas**. Vol. 2. Edições Populares.
- CUNHA, Fernando. **Programa Nuclear: O crime do século**. BSB: Câmara dos Deputados, 1980. 2 exemplares.
- CURADO, Ada. **O sonho do Pracinha e outros contos**. SP: Revista dos Tribunais, 1954.
- CURADO, Eurico. **Poesia**. GYN: Bolsa de Publicações Hugo Ramos, 1956.
- CURADO, Mariana Augusta Fleury. **Biografia. Agnelo Arlington Fleury Curado – “Pai do ensino farmacêutico em Goiás”**. GYN: Oriente, 1973.
- CURADO, Nita Fleury. **Vida**. GYN: ETFG, 1969.
- CURADO, Sebastião Fleury. **Três Memórias Históricas**. Vol. I. SP: Tipographia Siqueira, 1936.
- CURADO, Violeta Metran. **Sempre, setembro**. GYN: Oriente, 1981.
- CZERNY, Adalbert. **O médico e a educação da criança**. SP: Cia. Ed. Nacional, 1934.
- DÉCIO FILHO, José. **Poemas e Elegias**. 2ª ed. 1979.
- DELAZARI, Benedita. **Debaixo do pé de sapoti**. 2ª ed. SP: Pannartz, 1983.
- DENÓFRIO, Darcy França. **Vôo cego**. GYN: UFG, 1980. 2 exemplares.
- DIAS, Oswaldo. **Pôr do Sol**. 2ª ed. SP: Soma, 1983.
- DOSTOIEVSKY, Fedor. **O jogador**. SP: Clube do Livro, 1945.
- **Noites brancas**. SP: Clube do Livro, 1948.
- DUARTE, Bandeira. **O avaro**. Rio: Zelio Valverde, 1944.
- EDUARDO, Luiz. **A mulher dos outros**. BSB: Edições Carne de Sol, 1980.
- ÉLIS, Bernardo. **Ermos e Gerais** (contos goianos). GYN: Bolsa de Pub. Hugo de Carvalho Ramos, 1944.
- **Primeira chuva**. GYN: ETG, 1955.
- **O Tronco**. SP: Martins, 1956.
- **Veranico de Janeiro**. Rio: José Olympio, 1966.
- **Marechal Xavier Curado – criador do Exército Nacional**. GYN: Oriente, 1973.
- **André Louco**. RJ: Olympio, 1978. (3 exemplares).
- ESCHATRUTH, Nataly V. **O príncipe moleiro**. SP: Empresa Ed. Brasileira.
- ESPINHEIRA, Ariosto. **Infância brasileira**. 190ª ed. SP: Cia. Ed. Nacional, 1966.
- FAGUNDES, Coriolano de L. C. **Censura & Liberdade de expressão**. SP: Ed. Taipa Ltda, 1982.
- FAISSOL, Speridião. **O “Mato Grosso de Goiás”**. RJ: IBGE, 1952.
- FAUVEL, Juliano. **Primeiro Ano. Conversação Francesa**. 9ª ed. SP: Melhoramentos.
- FEITOSA, Leônidas. **Folhetilha de Cordelha**. 2 exemplares.
- FEITOSA, Vicente Ferreira. **Ensinaamentos para uma vida harmoniosa**. GYN: CERNE, 1981.
- FELÍCIO, Brasigóis. **Martírio das Horas – Poemas**. GYN: Oriente, 1973.

Figura 10: Registro dos livros da biblioteca pessoal de Cora Coralina, preservado pela Fundação Frei Simão Dorvi.

- **Diários de André.** GYN: Oriente, 1974.
- **A marca de Caim** (contos). GYN: Graf. O Popular, 1984.
- FELÍCIO, Goiamérico. **Funesta Festa.** GYN: Helga, 1981.
- FERNANDES, Aparício. **Anuário de Poetas do Brasil.** 2º vol. RJ: Folha Carioca Ed. 1980.
- **Poetas do Brasil.** 2º vol. Rio: Folha Carioca Ed., 1980.
- (Org.) **Anuário de 1982 – Poetas do Brasil.** 1º vol. RJ: Folha Carioca Ed., 1982.
- FERNANDES, Millor. **Papaverum Millor.** Rio: Nórdica, 1974.
- FERRAZ, Flávio Carvalho. **Poesia descalça.** SP: Edição Brasil Arquitetura, 1981.
- FERREIRA, A. Buarque de H. **Dicionário.** RJ: Cia. Editora Nacional. Incompleto.
- FERREIRA, David Mourão. **Portugal – A Terra e o Homem – Antologia de Textos de escritores do séc. XX.** II vol. 1ª série. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1979. 2 exemplares.
- FERREIRA, David Mourão & SEIXO, Maria Alzira. **Portugal – A Terra e o Homem – Antologia de Textos de escritores do séc. XX.** II vol. 3ª série. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1981. 2 exemplares.
- FERREIRA, Francisca Soares. **Amar e ser amada – Bodas de Ouro.** Fortaleza: 1981.
- FERREIRA, Lia Campos. “Número, faz favor! **Central, 2508**”. SP: Ed. do Escritor, 1982.
- FIALHO NETO, José. **Trocadilhos dispersos, comentários “imersos” e a...casos di...versos.** SP: PANNARTZ Ltda, 1985.
- FIGUEIREDO, Jádilney Pinto de. **Dom José Newton de Almeida Batista – 50 anos de Sacerdócio.** BSB: Senado Federal Centro Gráfico, 1978.
- FLAUBERT, Gustavo. **Madame Bovary.** SP: Clube do Livro, 1944.
- FLEURY, Rosarita. **Patrono da Cadeira 23.** GYN: IHGG, 1978.
- **Evolução cultural e sociológica de uma vida.** GYN: Líder, 1979. 2 exemplares.
- **Altamiro de Moura Pacheco.** GYN: Líder, 1981.
- FOGAZZARO. **Pequeno Mundo Antigo.** SP: Martins Fontes.
- FONSECA, Gondin da. **A Revolução Francesa e a vida de José Bonifácio.** SP: EDART, 1968.
- FORRO, Frei Elias Medeiros. **Poesias escolhidas.** 4ª ed. Salvador: 1976.
- FORTES, Rubens. **Poemas desta e da outra vida.** SP: 1975.
- FRANÇA, Basileu Toledo. **Cancioneiro de Trovas do Brasil Central - Americano do Brasil.** (Edição crítica). 2ª ed. Goiânia: Oriente, 1973.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **Homens e Temas do Brasil.** RJ: Zélio Valverde, 1944.
- FRANCO, Divaldo P. **Lampadário Espírita.** 2ª ed. Rio: Federação Espírita Bras., 1971.
- FREIRE, Ulisses. **Brasil Eugênico.** 2ª ed. SP: 1933.
- FREITAS, Fúlvيا Carvalhais de. **Versos, ainda que seja outono.** SP: Imprensa Batista Missionária, 1971.
- FREITAS, Maria de & CAMPOS, Lolita de Assis. **Anhanguera.** SP: Ed. do Brasil S/A.
- FREITAS, Sônia R. Q. de. **Canto porque Canto.** SP: ProL. Ed., 1984.
- FREYRE, Gilberto. **Dona Sinhá e o filho padre.** RJ: José Olympio, 1974.
- **Nordeste.** 3ª ed; José Olympio.
- FRÓES, Heitor P. **Musa Octogenária.** Rio: Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1982.
- **Contos em Prosa e Verso.** Rio e Natal: Cia. Bras. de Artes Gráficas, 1984.
- **Poesiês & Pathos.** RJ: 1984.
- FURTADO, Maria Aldina S. **Educando com poesia.** BSB: Fundação Educacional do DF, 1983.
- GALEANO, Eduardo. **Memória de fogo (1) – Nascimentos.** Rio: Paz e Terra, 1983.
- GAMA, Domicio da. **Atlas Universal de Geographia.** RJ: Nova Ed., Livraria Garnier.
- GARAY, Berecil. **Mordidas no mingau.** GYN: Imery Publicações, 1983.
- **Mordidas no mingau.** 2ª ed. BSB: Arte Ouro Velho, 1984.
- GARCIA, José Godoy. **Araguaia Mansidão** (poemas). GYN: Oriente, 1972.
- **Aqui é a Terra.** GYN: Oriente, 1980.
- GAVIÃO, Ayro. **Querência Xucra.** Poemas do Rio Grande. 2ª ed. Porto Alegre: 1966.
- GHEORGHIU, C. Virgil. **A espiã.** RJ: Biblioteca do Exército, 1983.
- GIRARDI, Pe. Antônio Marcos. **10% com urgência.** SP: Ed. do autor, 1976.
- GODOI, Albatênio de. **Do meu tempo.** Goiânia: UFG: 1969.

Figura 11: Registro dos livros da biblioteca pessoal de Cora Coralina, preservado pela Fundação Frei Simão Dorvi.

- GODOY, Claro Augusto. **Fragmentos do Passado**. GYN: Gráf. O Popular, 1975.
- GODOY, Maria Paula Fleury de. **Do Rio de Janeiro a Goiás (A viagem era assim)**. Velloso S.A., 1961.
- GOMES, Modesto. **As horas e os minutos**. GYN: DEC, 1971.
- **Estudos de Literatura Goiana**. GYN: Centauro Ed., 1978.
- GOMES, Oswaldo Pereira. **História do 4º GAC**. RJ: Biblioteca do Exército, 1983.
- GONÇALVES, Maria Magaly Trindade e outros. **Homenagem a Cora Coralina**. Araraquara: Pref. Mun., 1985. 2 exemplares.
- GONÇALVES, Phaulo. **Momentos alegres do Livro Goiano**. GYN: Barão Itararé, 1974.
- GORKI, Máximo. **Varenka Olessova**. SP: Clube do Livro, 1949.
- GOULART, Diva. **As estações** (poemas). Pongetti, 1970.
- GOULART, Helvécio. **A janela azul** (poemas). GYN: Oriente, 1970.
- **Memória das Águas – Poemas**. GYN: Oriente, 1970.
- **Memória das águas**. GYN: Oriente, 1977.
- GUIMARÃES, Cândida Severiana. **Adivinhão**. GYN: Oriente, 1973. (2 exemplares)
- GUIMARÃES, Hermes. **Trabalhemos para a paz em nosso pequeno planeta**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- HENDERSON, Dion. **Na montanha**. SP: Cultrix, 1969.
- HEREDIA, C. M. de. **Memórias de um repórter dos tempos de Cristo**. Tomo I. Petrópolis: Vozes, 1947.
- HERINGER, Berenice. **Latinidade – Poemas**. BH: Comunicação, 1981.
- HERNANDEZ, José. **Martin Fierro**. Buenos Aires: Companhia General Fabril Editora, 1963.
- **Martin Fierro**. 10ª ed. Buenos Aires: Editorial Sopena Argentina S.A., 1969.
- HESSE, Hermann. **Contos**. 4ª ed. RJ: Civilização Brasileira, 1970.
- HOEPERS, Frei Mateus. **Os Santos Evangelhos**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1963.
- HOLANDA, Celina de. **A mão extrema**. SP/Recife: Edições Quiron Ltda. e Pref. de Recife, 1976.
- **Sobre esta Cidade de Rios**. Recife: 1979.
- HOMEM, Homero. **Cabra das Rocas**. 7ª ed. SP: Ática, 1980.
- HORTA, Anderson Braga. **Incomunicação**. BSB: Ed. Comunicação, MEC, 1977.
- HUGO, Victor. **Os homens do mar**. SP: Clube do Livro, 1946.
- ISAAC, João. **A face real da Vida**. SP: Artes Gráficas Bisordi S.A., 1969.
- ISABELLE, Arsene. **Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul**. Rio: Ed. Zélio Valverde S. A., 1949.
- IVO, Lêdo. **Ninho de cobras**. Rio: José Olympio, 1973.
- JAIMÉ, Décio. **Primícias**. SP: Revista dos Tribunais, 1955.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. 6ª ed. Livraria Francisco Alves.
- JORGE, J. G. de Araújo. **Bazar de ritmos** (poesias). 3ª ed. RJ: Casa Ed. Vecchi, 1934.
- JORGE, Miguel. **Antologia da 1ª Semana Goiana de Poesia Moderna**. GYN: DECIGL, 1966.
- **Antes do túnel**. GYN: UFG, 1967.
- **Texto e Corpo**. GYN: UFG, 1969.
- **Antologia do novo conto goiano**. GYN: Cultura Goiana, 1972.
- **O visitante – Os angélicos**. GYN: UFG, 1974.
- **Os frutos do rio**. GYN: Oriente, 1974.
- **Avarmas**. SP: Ática, 1978.
- **Avarmas**. 2ª ed. SP: Ática, 1980.
- JOSEPH, Marie. **A Fazenda dos Dois Cruzeiros**. RJ: Moderna, 1934.
- **Mistério da Serra Doirada**. Rio: Pongetti, 1939.
- JUCA FILHO, Cândido. **Grafia Moderna**. 2ª ed. RJ: Freitas Bastos, 1931.
- JUNQUEIRA, Guerra. **Antologia para a Juventude**. Porto: Lello & Irmãos, 1950.
- **Vibrações Líricas**. Lisboa: Lello & Irmãos, 1950.
- JUNQUEIRA, Iron. **Canção do Amanhecer**. Goiânia: Ed. Rio Bonito, 1974. (3 exemplares)
- **O Nonô de Naná**. Anápolis/GO
- **Primavera ao longe**. Anápolis: Walt Disney.
- **Vereda de Luz**. Gráfica Horizonte, 1974.

Figura 12: Registro dos livros da biblioteca pessoal de Cora Coralina, preservado pela Fundação Frei Simão Dorvi.

- JUVENAL, Amaro. **Antônio Chimango**. Col. Província. Porto Alegre: Globo.
- KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. 7ª ed. Araras/SP: Instituto de Difusão Espírita, 1979. 2 exemplares.
- LACERDA, Carlos. **Xanam e outras histórias**. SP: Livraria Francisco Alves, Ed. Paulo de Azevedo Ltda.
- LACERDA, Joaquim Maria de. **Pequena História do Brasil**. 1914.
- LACERDA, Regina. **Pitanga**. 1954.
- **A Independência em Goiás**. GYN: Oriente, 1970.
- **Histórias que o homem de bronze contou**. GYN: Saraiva, 1981.
- LAO-TSÉ, **Tão Te King**. BSB: Coordenada Ed. de Brasília, 1978.
- LAPPOINT, Gustavo Perla. **A lenda das cataratas**. Curitiba: Ed. SCRGL.
- LAZARTE, Omar. **Uma nova dimensão de vida**. SP: ECE, 1980. 2 exemplares.
- LEAL, Concessa. **Entardecer** (poesias). RJ: Pongetti, 1971.
- LEAL, Osório. **Viagem às Terras Goyanas (Brasil Central)**. GYN: UFG, 1980.
- LEÃO, Ursulino. **Rodovia Preferencial**. BSB: MEC, Ed. Cátedra, 1981.
- LEHMANN, Pe. João Batista. **Na luz perpétua**. 4ª ed. Juiz de Fora: Lar Católico, 1956.
- LEITE, João Pantaleão G. **Última Gineta (Poesias Crioulas)**. RS: Imprensa Planalto, 1973.
- LEITE, Mário Rizério. **Lendas de minha terra**. GYN: Bolsa de Publ. Hugo de C. Ramos, 1951.
- LEWIN, Ronal. **Churchill – O Lorde da Guerra**. RJ: Biblioteca do Exército, 1979.
- LIEBMANU, Kans. **Terra – um planeta inabitável?** Rio: Biblioteca do Exército, 1979.
- LIMA, Aírton Garcia de. **Sábado à noite na Capital**. Col. Machado de Assis, vol. 15. BSB: 1979.
- LIMA, Guimarães. **Goyaz Terra & Alma**. BSB: Horizonte Ed., 1983.
- **No rolar do tempo**. GYN: VFC, 1984.
- **O bonzo da Historiografia de Goiás**. GYN: Ac. Goiana de Letras, 1984.
- LIMA, Manoel Ferreira. **Vozes do Caminho**. GYN: UFG, 1969.
- LIMA, Osmar. **Arremate** (poemas). GYN: Helga Artes Gráficas, 1980.
- LIMA, Sônia Gonçalves de. **A procura** (poemas e prosas). Recife: Ed. Universitária, 1979.
- LIMAVERDE, Regine. **Estrela de vidro**. Fortaleza: UFC, 1984.
- LINS, Augusto Emílio Estelita. **Ordem Equestre de São Gregório Magno**. Vitória: 1954. 2 exemplares.
- **Pranto e canto de amor filial**. Vitória: 1955.
- LOBO, Oswaldo Sérgio. **Memórias**. BSB: Gráfica Brasil Central, 1978.
- LOËLL, Herta. **Manufatura de cerâmica popular em Mato Grosso Central**. SP: Scheves – Símbolo S.A. Indústrias Gráficas, 1976.
- LOMBARDI, Bruna. **O perigo do dragão**. 2ª ed. Rio: Record, 1984.
- LOON, Hendrik W. V. **Vidas Ilustradas**. 5ª ed. Porto Alegre: Ed. Globo, 1956.
- LÓPEZ, Emílio Mira Y. **Quatro gigantes da alma**. 3ª ed. Rio: José Olympio, 1955.
- LUCENA, Luiz. **Leve...como um beijo**. SP: 1983.
- LUZ, Isau Coelho. **Orvalho de sol**. 1982.
- **Pingos d'água**. 2ª ed.
- LUZ, Sebastião do Prado. **Roteiro Iluminado**. 1979.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. **A Moreninha**. Edição Didática, Ed. Ática.
- MACEDO, Jonatha Álvaro. **Fragmentos de um poeta**. Horizonte Editora.
- MACEDO, Lino de. **A Bandeira**. Lisboa: Companhia Nacional, 1897.
- MACHADO, Antônio de Alcântara. **Mana Maria**. Rio: José Olympio, 1936.
- MACHADO, João Batista. **Emoções da Vida**. Anápolis: Walt Disney, 1983.
- MACHADO, Marieta Telles. **Encontro com Romãozinho**. GYN: Oriente, 1976.
- **O burrinho do presépio**. GYN: UFG, 1983.
- MACIEL, Marília Fairbanks. **Tempo de Saudade** (poesias). 3ª ed. SP: Cupolo Ltda., 1971.
- **Momento sem tempo**. SP: Ed. Cupolo Ltda., 1972.
- **Janela acesa**. 3ª ed. SP: 1973.
- MACIEL, Sueli. **Poesmas esperança em redor**. 1984.
- MAGALHÃES JÚNIOR, R. **Getúlio – Pró e Contra**. Edições Melhoramentos.

Figura 13: Registro dos livros da biblioteca pessoal de Cora Coralina, preservado pela Fundação Frei Simão Dorvi.

- MAGALHÃES, J. B. **Osório – Síntese de seu Perfil Histórico**. Rio: Biblioteca do Exército, 1978.
- MALAGONI, Edir Guerra. **Tardes do Nada** (poemas). GYN: ETG, 1965.
- MANIZ, Edmundo. **A guerra social de Canudos**. RJ: Civilização Brasileira, 1978.
- MARIANI, Alberto. **A cicatriz do silêncio**. BSB: Senado Federal, 1981.
- MARINHO, Emmanoel. **Jardim das violetas**. Secretaria de Educação e Cultura de Dourados, Mato Grosso do Sul, 1983.
- MARINHO, Emanuel. **Cantos da Terra**. 2ª ed. Col. Artesanal Gráfica do Lira, 1984.
- MARQUES, César Domingos. **Canto das Águas**. Brasília: 1984.
- MARQUES, Oswaldino. **A dançarina e o horizonte** (poemas). RJ: Civilização Brasileira, 1977.
- MARQUES, Xavier. **Terras mortas** (contos). Rio: José Olympio, 1936.
- MARTINELLI, Maria Cavalcanti & outros. **João d'Abreu – Sua vida, sua obra**. GYN: Unigraf, 1983.
- MARTINELLO, Luiz Vitor. **Os anjos mascam chiclete**. SP: Polaris S/C Ltda., 1983.
- MARTINEZ, Sebastião. **Amor, humor e braza**. RJ: Olympica Ed. Ltda., 1969.
- MARTINS, Bosco. **Eu! Poeta?** Ed. Ellos, 1977. 2 exemplares.
- **Poeta moderno**. Ribeirão Preto: Ellos, 1977. 2 exemplares.
- **Antologia cigana e novos poemas**. SP: Cultura e Paz, 1979.
- MARTINS, Luís. **Lira**. BSB: Edição do autor, 1984.
- MASCARENHAS, Alexandre. **Folhas partidas**. BSB: 1980.
- MASCARO, Ubirajara. **Contornos**. Uberlândia: Ampla, 1984.
- MATOS, Campos. **Imagens do Portugal Queirosiário**. Terra Livre.
- MATOS, Edísio Gomes de. **Várias estórias com pé e cabeça**. BSB: Senado Federal, 1977.
- MATOS, Francisco Gomes de. **Desburocratização**. RJ: Biblioteca do Exército, 1979.
- MATOS, Odilon N. de. **Notícia Bibliográfica e Histórica** (incompleto). SP: Cairu.
- MATTOS, Amaral de. **Problemática da patologia da criança maranhense**. 1975.
- MATTOS, Meira. **O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época**. Vol. I e II. RJ: Biblioteca do Exército, 1983.
- MAUPASSANT, Guy. **Romance de uma mulher**. SP: Clube do Livro, 1944.
- MAYER, Leide Diógenes. **Reflexão sobre tipos e arquétipos do Homem**. BSB: Horizonte Ed., 1984.
- MEDEIROS JÚNIOR, Elias de. **Instantâneo**. BSB: 1983.
- **Pedaços de mim**. Brasileira, 1983.
- MEDEIROS, Umberto Augusto de. **Educação Moral e Cívica**. 2º vol. GYN: Cultura, 1975.
- MÉDICI, Emílio Garrastazu. **Nova consciência de Brasil**. BSB: Imprensa Nac., 1970.
- **O jogo da verdade**. 2ª ed. BSB: Dep. de Imprensa Nacional, 1970.
- **A verdadeira Paz**. BSB: Dep. de Imprensa Nac., 1971.
- MÉIA, Felicidade. **O banco de jardim**. Fundação Ceciliano Abel de Almeida. UFES: 1983.
- MEIRA, Sílvio. **Antologia Poética**. RJ: Gráfica Luna Ltda., 1975.
- MEIRELLES, Anna Célia de Faria. **Prelúdio**.
- MEIRELES, Org. José Dilermando. **Evangelino Meireles – Vida e Obra** (Conferências). BSB: 1973.
- MELLO, Sylvia Helena Tocantins de. **Respingos da maresia**. Belém: Falangola, 1982.
- MELLO, Thiago de. **Estudos do homem**. 2ª ed. GYN: Martins Fontes, 1978.
- **Estudos do homem**. 3ª ed. GYN: Martins Fontes, 1980.
- **Horóscopo para os que estão vivos**. 2ª ed. SP: Martins Fontes, 1984.
- MELO, Augusta Faro Fleury de. **Mora em mim uma canção-menina**. GYN: FCG (Fundação Cultural de Goiás), 1982.
- **Lua pelo corpo**. GYN: UCG, 1984. 2 exemplares.
- MELO, Moacir Lázaro de. **A História de Goianésia**. GYN: Graf. O Popular, 1981.
- MELO, William Agel de. **Geórgicas – estórias da terra**. GYN: Oriente, 1974.
- MENDES, Tauny. **O encantado Ballet Bolshoi**. Anápolis: Walt Disney, 1978.
- MENDES, Trad. Oscar & LINADO, Milton. **O Dr. Jivago**. BH: Itatiaia, 1958.
- MENEZES, Ribeiro de. **A briga de Pedro**. GYN: UNIGRAF, 1982.
- MESQUITA, Alfredo. **Brasil, Viagem ao Norte e Nordeste**. S. Paulo: Martins Ed. 1974.

Figura 14: Registro dos livros da biblioteca pessoal de Cora Coralina, preservado pela Fundação Frei Simão Dorvi.

- MESQUITA, Trad. Luís José de. **Mater et Magistra**. Rio: José Olympio, 1963.
- MIRANDA, Ama Britto. **História de Pedro Afonso**. GYN: Oriente, 1973.
- MOCHAD, Dionélio. **Passos perdidos**. SP: Martins Fontes.
- MOLINERO Prof. **Aulas secretas de um Guru**. SP: Dois Amigos, 1968.
- MONDRIN, Guido. **Recado a Flávia**. BSB: 1976.
- MONIZ, Edmundo. **A guerra social de Canudos**. RJ: Civilização Brasileira, 1978.
- MONTAGU, Ewen. **O homem que nunca existiu**. Rio: Biblioteca do Exército, 1978.
- MONTELLO, Josué. **Caminho da Fonte**. RJ: MEC, 1959.
- **Biblioteca Educação e Cultura** (coleção). RJ: MEC, 1980.
- MORAES, Carlos Dante. **Figuras e ciclos da história riograndense**. Editora Globo, 1959.
- MORAES, Lourdes Maria F. de. **Cartase** (livro de sonetos). Goiânia: 1984.
- MORAIS, Bento Bueno de. **A nossa Língua**. SP: Edições e Publicações Brasil.
- MOREIRA FILHO, Juarez. **Infância e travessuras de um sertanejo**. GYN: Oriente, 1980.
- MOREYRA, Álvaro. **O dia nos olhos**. RJ: Lux.
- MOTI, Odette de Barros. **Justino, o retirante**. 19ª ed. Coleção Jovens do Mundo Todo. Brasiliense, 1982.
- MOTTA, Hécio José da. **Mapa da Capitania de Goyaz – 1750**. GYN: UFG, 1971.
- MOURA, Antônio José de. **Notícias da Terra**. SP: Símbolo, 1978. 2 exemplares.
- MOURA, Jorge & TAVARES, Pedro. **Poemas errantes**. GYN: 1972.
- MOURA, Mariza H. M. de. **Conflitos de Gerações**. Goiânia: Cultura Goiana, 1975.
- MUNIZ, Ciro Palmerston. **Construção do Recado**. Goiânia: UFG, 1967.
- **Tempo maior**. GYN.
- NASCENTE, Gabriel. **Os gatos** (poemas). 1967.
- **Os Passageiros** (poemas). GYN: Cultura Goiana, 1975.
- **Menestrel de rua**. GYN: Oriente, 1976.
- **A nova poesia em Goiás**. GYN: Oriente, 1978.
- **Colheita**. Goiânia: Unigraf, 1979.
- NASCIMENTO, Dalva Albermaz do. **Orientação metodológica da percepção musical**. GYN: 1970.
- NASCIMENTO, Manoel Alves do. **Para você melhorar na Vida**. Governador Valadares: DID.
- NATALI, Marco. **Receitas para perceber**. Campos do Jordão: DIO Ed., 1982.
- NAVA, Pedro. **Baú de Ossos**. RJ: Ed. Sabiá Ltda, 1972.
- NEJAR, Carlos. **Casa dos Arreios**. Porto Alegre: Globo/MEC, 1973.
- NEMÉSIO, Vitorino. **Portugal – A Terra e o Homem – Antologia de Textos de escritores dos séculos XIX-XX**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978.
- NERUDA, Pablo. **El mar y las campanas**. 2ª ed. Buenos Aires: Losada S.A., 1974.
- **Confesso que Vivi**. 7ª ed. São Paulo: Difel, 1979.
- NETO, Coelho & BILAC Olavo. **A Pátria Brasileira**. 18ª ed. RJ: Francisco Alves, 1926.
- NETO, Coelho. **Miragem**. 4ª ed. Porto: Léo & Irmão Ltda., 1926.
- NETO, J. Simões L. **Contos gauchescos e lendas do Sul**. 2ª ed. RJ: Globo, 1961.
- **Contos gauchescos e lendas do Sul**. 3ª ed. RJ: Globo, 1965.
- **Contos gauchescos e lendas do Sul**. 9ª ed. RJ: Globo, 1976.
- NETO, Veiga. **Antologia Goiana**. GYN: 1944.
- NETTO, Augusto Severo. **Sinfonia do Tempo**. Col. Ferreira Itajibo. Vol. 2. Natal: 1957.
- NEVINHO. **Desejos e outros**. BSB: 1983.
- NICOLELES, Giselda Laporta. **Rumo à liberdade**. 4ª ed. SP: Moderna, 1983.
- NOBRE, Freitas. **Anistia para o Legislativo**. BSB: Câmara dos Dep., 1984.
- NOGUEIRA, Arnaldo. **Palavras ao vento**. Edição do autor, 1981.
- NOGUEIRA, Wilson Cavalcanti. **Pires do Rio: marco da história de Goiás**. GYN: 1977.
- **Mestre carreiro**. GYN: Instituto Goiano do Folclore, 1980.
- O'Shea(Dr.) **Como educar meu filho**. Porto Alegre: Olympio, 1955.
- OLINTO, Jorge. **Longe, no passado** (poesia e prosa). Rio: Pongetti, 1970.
- OLIVEIRA, Antônio Augusto Pires de. **O Capitão da Serra Negra**. SP: Martins, 1982.

Figura 15: Registro dos livros da biblioteca pessoal de Cora Coralina, preservado pela Fundação Frei Simão Dorvi.

- OLIVEIRA, Antônio Baptista de. **Contos e Mistérios**. Goiânia: Cultura Goiana, 1980.
- OLIVEIRA, Fausto Pires de. **Elementos para a história de São Simão**. São Simão: 1975.
- OLIVEIRA, H. Maia d'. **Cântaro Partido**. SP: Ed. Reservada Arte Gráfica, 1969.
- OLIVEIRA, Isócrates de. **Frederico e o mundo real**. GYN: UFG, 1983.
- OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. **Poemas**. SP: 1950.
- **Jogo de sombras**. SP: Vanguarda, 1978.
- **Exumação** (poemas). Ed. Cortez – Paubrasil, 1981.
- OLIVEIRA, Pedro Alberto de. **Palavras soltas**. 1982.
- OLIVEIRA, Tarquínio J. B. de. **As cartas chilenas**. SP: Ed. Referência, 1972. (2 exemplares)
- **Ouro Preto e Mariana**. BH: Berlendis e Vertecchia Editores.
- OLIVEIRA, Tarquínio J. B. & LANARI, Cássio. **Ouro nas Minas Gerais**. Ouro Preto: ESAF, 1976.
- OMÁ, Emir. **Aquarelas Goianas** (poesias). GYN: Tip. ETEFG, 1970.
- **Flor de abril**. 1971.
- ORICO, Osvaldo. **Tres Cuentos Del Mar**. Madrid: “Los Talleres de Estado, Artes Gráficas”, 1946.
- ORTÊNCIO, Bariani & FRANCESCHINI, Luiz. **Vovó do Pito e o que foi pelo sertão**. SP: Editora de Autores Novos, 1956.
- ORTÊNCIO, Bariani. **Vão dos Angicos**. Rio: José Olympio, 1969.
- **Cozinha Goiana**. 2ª ed. Goiânia: Oriente, 1980.
- OTERO, Léo Godoy. **Gente de Rancho** (contos goianos). GYN: Bolsa de Publicações Hugo Ramos, 1954.
- PACHECO, Eudes. **Marcas – Poemas**. GYN: 1977. 2 exemplares.
- PAIVA, Stela Maria Rezende. **Temporã**. BSB: Itamarati Ltda., 1980.
- PALACIN, Luiz. **Goiás 1722/1822**. GYN: Oriente, 1972. 2 exemplares.
- PALACIN, Luiz & MORAES, Maria Augusta S. **História de Goiás**. 3ª ed. GYN: Cultura Goiana, 1981.
- PANIAGO, Elias & GOMES, Dayse de Campos Moreira. **Estudos Sociais**. 2ª ed. Ed. do Brasil.
- PANIAGO, Maria do Carmo T. **Viçosa – Tradições e Folclore**. Viçosa: UF de Viçosa, 1977.
- PASSOS, Elder Camargo de. **História de Goiás**. Goiás: 1970.
- PASSOS, Elder Camargo & Outros. **Museu de Arte Sacra da Boa Morte**. GYN: UCG, 1984.
- PATLON Gen. **A guerra que eu vi**. RJ: Biblioteca do Exército, 1979.
- PAUDIÉ & PÂNDU, Ana. **Que nome darei ao meu filho?** Ediouro, 1977.
- PECOTCHE, Carlos Bernardo González. (Raumsol) **O mecanismo da vida consciente**. 3ª ed. SP: Logosófica, 1979.
- PEREIRA, Antônio Olavo. **Fio de prumo**. RJ: José Olympio, 1965.
- PEREIRA, Osny Duarte. **Juizes brasileiros atrás da Cortina de Ferro**. 2ª ed. RJ: José Konfino, 1952.
- PESSOA, Fernando. **O Eu profundo e os outros Eus**. 10ª ed. Rio: Nova Fronteira, 1980.
- PIAUÍ. **Cirandinha**. 1979.
- PICCHIA, Menotti del. **Dente de Ouro**. SP: Clube do Livro, 1946.
- **O crime daquela noite**. SP: Clube do Livro, 1948.
- PILÓ, Conceição. **Cultos e Tradições de Conceição do Mato Dentro**. Grafenge, 1980.
- PIMENTA NETTO. **Tio Omega / Romance**. GYN: Gráfica O Popular, 1968.
- PIMENTEL, Comélio. **Mensagens de fé e de otimismo**. 2ª ed. Fortaleza: Tipoprogresso, 1982.
- PIMENTEL, Sidney. **Terra molhada**. Anápolis: Editora Comercial Safady Ltda., 1974.
- PIMENTEL, Ten. J. S. de Azevedo. **Episódios Militares**. RJ: Biblioteca do Exército, 1978.
- PIÑON, Nélida. **Tempo das frutas**. Rio: Editora Fon-Fon, 1966.
- PIZZOLANTI, Maria Lúcia d'Ávila. **Guia dos Direitos da Mulher**. RJ: Nórdica, 1984.
- POE, Edgar Allan. **Novelas extraordinárias**. SP: Clube do Livro, 1945.
- POOLE, Cecil A. **Os eternos frutos do conhecimento**. RJ: Renes, 1979.
- POTSCH, Waldemiro. **O Brasil e suas riquezas**. 26ª ed. Rio: Francisco Alves, 1954.
- POTTER, Charles Francis. **História das Religiões**. RJ: Edições de Ouro.
- POZZOLI, Marilita. **Galera das almas**. 1957.
- PRADO, Dom Francisco. **Dom Emanuel Gomes de Oliveira**. GYN: Graf. O Popular, 1979.

Figura 16: Registro dos livros da biblioteca pessoal de Cora Coralina, preservado pela Fundação Frei Simão Dorvi.

- PRÉVOST, Marcel. **Maria das Angústias**. Rio: Empreza Gráfica Leuzinger S.A., 1944.
- PRUDENTE, Carmem Annes Dias. **Por ares muitas vezes navegados**. José Olympio, 1956.
- QADHAFI, Muammar Al. **O livro verde**. Trípoli/Líbia: SARL.
- QUARTIM, Yone. **Video Tape**. SP: Revista dos Tribunais, 1976.
- **Onde está o lago azul que você me prometeu?** SP: Revista dos Tribunais S.A., 1978.
- QUARZT, Michel. **Poemas para rezar**. 16ª ed. SP: Livraria Duas Cidades, 1958.
- QUEIROZ, Dinah Silveira de. **A Muralha**. 7ª ed. BSB: EBRASA, 1971.
- QUEIROZ, Eça de. **Últimas páginas**. 6ª ed. Porto: Lello e Irmão, 1937.
- **A cidade e as serras**. 2ª ed. SP: Brasiliense, 1973.
- QUEIROZ, Jerônimo Geraldo de. **Evolução cultural de Goiás**. GYN: Oriente, 1969.
- QUEIROZ, Luiz Alberto de. **Mostre-me um caminho suave**. Rio: Ed. Didática e Científica Ltda. – EDC, 1982.
- **Cristalina minha terra**. Goiânia: Ed. Rio Branco, 1983.
- QUEIROZ, Paulo de. **Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai**. Vol. 2. Rio: Biblioteca do Exército, 1983.
- QUEIROZ, Rachel de. **Dôra Doralina**. 2ª ed. RJ: José Olympio, 1975.
- QUENTAL, Daisy Soares. **Pecuária Folclórica: O Boi**. SP: Escola de Folclore Editorial Livramento, 1979.
- QUINAN, Issy. **Marcas**. GYN: 1982.
- QUINTA, Waldyr Castro. **O major e seus bigodes** (crônicas). GYN: O Popular, 1981.
- R. JÚNIOR, Theodoro. **Origens da Literatura. Vinte séculos de formação cultural**. RJ: 1944.
- RABELO, Laurindo. **Poesias completas**. Rio: Instituto Nacional do Livro, MEC, 1963.
- RAMOS, Anatole. **O planeta do silêncio**. I Série, Ficção Científica. GYN: Barão de Itararé, 1974.
- **Hoje a noite é mais longa**. GYN: Unigraf, 1982.
- RAMOS, José N. & BIGGL, José de C. **Um crime quase perfeito**. SP: Gráfica Bradesco, 1977.
- RAMOS, Manuel de Carvalho. **Goyaz** (poema épico). 2ª ed. Goyaz: 1896.
- RAMOS, Maria de Lourdes da Silva. **Menina de Cuiabá**. SP: T.A. Queiroz Editora Ltda. 1983.
- RAMOS, Maria. **Banhado em flor**. 3ª ed. RJ: Gráfica Editora do Livro, 1967.
- RAMOS, Ricardo. **Tempo de espera**. Rio: José Olympio, 1954.
- RAMOS, Victor de Carvalho. **O descobrimento de Goyaz e o seu Bi-Centenário**. Uberaba: Offs. Jardim, 1925.
- **Letras Goianas – Esboço Histórico**. GYN: DEC, 1968.
- RANGEL, José. **Elementos para a Educação Moral e Cívica**. Empreza Graphica Editora.
- RAWET, Samuel. **Contos do Imigrante**. RJ: José Olympio, 1956.
- REBELLO, Marques. **Três Caminhos**. Rio: ARIEL, 1933.
- RECINOS, (Trad.) Adecian. **El Popol Vuh – Las antiguas Historias del Quiche**. 5ª ed. Universitária Centroamericana, EDUCA, 1976.
- REGO, José Lins do. **Usina**. Rio: Livraria Olympio, 1936.
- RÊGO, Mauro. **Taça vazia** (poesias). Recife: Cia. Ed. de Pernambuco, 1982.
- REINALDO, Luiz. **Chão do Coração** (poesias). Goiânia: 1982.
- REIS, Maria Barbosa. **Meio século de Magistério**. GYN: Oriente, 1979.
- REIS, Nidoval. **Onze de antigamente** (sonetos). Bauru: Joarte, 1983.
- REZENDE, Jeová de Paula. **Cenas de Desemboque**. GYN: Cia. Ed. Social Ind. e Comércio, 1969.
- REZENDE, Maria José Aranha de. **Muita prosa, pouco verso**. Santos: A Tribuna de Santos – Jornal e Editora Ltda., 1983. 2 exemplares.
- RIBAS, J. **Verso e Reverso** (poesia). BSB.
- RIBEIRO, Aquilino. **Maria Benigna**. Lisboa: Imprensa Portugal – Brasil, 1933.
- **É a guerra**. Lisboa: Bektrand.
- RIBEIRO, José Antônio P. **Guilherme de Almeida – Poeta Modernista**. Traço Editora, 1983.
- RIBEIRO, Paes. **Um menino do mato que driblou a seca**. GYN: Ed. O Popular, 1983.
- RIBEIRO, Waldir. **Vida e Obra de Raimundo Correia**. Rio: MEC, Instituto Nacional do Livro, 1960.

Figura 17: Registro dos livros da biblioteca pessoal de Cora Coralina, preservado pela Fundação Frei Simão Dorvi.

- RICHTER, Nair Perillo. **Canto de Cigarra**. (crônicas) Goiânia: Líder, 1974.
- RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1975.
- RIOS, Arthur E. S. **Direito e Justiça (A missão social do jurista)**. GYN: UFG, 1976.
- **Americano do Brasil (Vultos da Hist. de Goiás I)**. GYN: Graf. O Popular, 1978.
- RIOS, Augusto. **O livro** (poemas). 1941.
- **Ramalhete**. 1957.
- RIZKALLA, Jamil. **Baú de Mascate** (crônicas). RJ: Tipografia Nogueira, 1982.
- ROBINSON, Henry Morton. **O Cardeal**. 2ª ed. SP: Mérito.
- RODRIGUES, Maria Décia A. **Vitrais em movimento**. GYN: Cultura Goiana, 1976. 2 exemplares.
- ROJAS, Sérgio & LÍRIO, Tor. **Arquitetura do perigo** (poemas). RJ: Civilização Brasileira, 1984.
- RONCATO, Marilândia. **Goiás**. RJ: Instituto Nacional do Livro, 1973.
- ROSA, Joaquim. **Por esse Goiás afora**. GYN: Cultura Goiana, 1974.
- ROSIN, Zilda Giunchetti. **Morte é Vida**. 4ª ed. SP: LAKE, 1983.
- ROSSETO, Paulo Sérgio. **O Sol-da-dor da Terra**. Graf. e Papeleria Brasília Ltda., 1981. 2 exemplares.
- **Rola arisca**. Três Lagos: 1981.
- **Memorinha** (poemas infantis). Três Lagoas/MS: 1982.
- ROSSITER, Frederico. **Guia Prático da Saúde**. SP: Casa Publicadora Brasileira.
- ROWAN. **Uma mensagem a Garcia**. Rio: Sul América.
- RÚTINA U. (Ruta). **Eu queria tanto ainda viver**. RJ: Biblioteca do Exército, 1983.
- SABINO JÚNIOR, Oscar. **Goiânia Global**. GYN: Oriente, 1980.
- SALÓ, Júlia. **Terra, água, ar, fogo – para uma oficina escola inicial**. SP: ECE, 1977.
- SAMPAIO, Adovaldo Fernandes. **Vocês Femeninas De la Poesia Brasileira**. GYN: Oriente, 1979.
- SANTANA, Gecyclan Rodrigues. **Até a flor** (poesia). 1980.
- SANTELMO, Amador. **Vida, aventuras e morte de Lampião e Maria Bonita**. Rio: Livraria Antunes Ltda., 1958.
- SANTILLO, Adhemar. **Da mesa farta à subnutrição**. BSB: 1978.
- SANTOS, Maria Lúcia Cardoso dos. **Moleque carapinha**. 2ª ed. SP: UF de São Carlos, 1984.
- SANTOS, Wendel. **Crítica, uma Ciência da Literatura**. Goiânia: UFG, 1983.
- SAYÃO, Lea. **Meu pai, Bernardo Sayão**. 3ª ed. BSB: Senado Federal, 1976. 2 exemplares.
- SCHIMIDT, Godofredo A. **Vida (70 anos de poesia)**. SP: Soma, 1981.
- SCHMALTZ, Yéda. **Caminhos de Mim**. Goiânia: ETG, 1964.
- **Tempo de semear**. GYN: CERNE, 1969.
- **A alquimia dos nós**. GYN: Unigraf, 1979. (2 exemplares).
- **Miserere**. Rio: Edições Antares, 1980.
- **Os procedimentos da arte**. GYN: UFG, 1983.
- SCHMIDT, Carlos Borges. **O milho e o monjolo**. RJ: IBGE, 1967.
- SEGUIER, Jayme De. **Dicionário Prático Ilustrado**. Porto: Lello & Irmão, 1947.
- SILVA E SOUZA, Pe. Luiz Antônio da. **O descobrimento da Capitania de Goyaz**. GYN: UFG, 1967. 2 exemplares.
- SILVA, Benedicto. **Administração & Medicina**. GYN: UFG, 1979.
- **O Estadista Leopoldo Bulhões**. GYN: UFG, 1979.
- SILVA, Diógenes Pereira da. **Ao sabor da Vida** (poemas). Petrópolis: Imprensa Vespertino Ltda., 1973.
- **Nas curvas do caminho**. GYN: Cultura Goiana, 1974.
- SILVA, Felipe Nery de S. e. **Os Siqueiras de Bragança Paulista**. SP: Edigraf, 1963.
- SILVA, Francisco Ayres da. **Caminhos de Outrora**. Edição Póstuma. Goiânia: Oriente, 1972.
- SILVA, H. Pereira da. **A megalomania literária de Machado de Assis**. RJ: Aurora, 1949.
- SILVA, Inácio X. da. **Vida e Obra de um Grande Mestre – Professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo**. GYN: AGL, 1975.
- SILVA, Jail Brasil da. **É preciso parar**. Bauru: Joarte Ltda, 1983.
- SILVA, João Costa e. **Pelos Caminhos da Vida**. GYN: Oriente, 1978.
- SILVA, Joaquim. **História da Civilização**.

Figura 18: Registro dos livros da biblioteca pessoal de Cora Coralina, preservado pela Fundação Frei Simão Dorvi.

- **História do Brasil.** Companhia Editora Nacional, 1943.
 SILVA, Luis Martins da. **Rua de Mim.** BSB: Tempo Brasileiro, INL, 1977.
 ----- **O assassinato das folhas.** BSB: Edições Caseiras, 1981.
 SILVA, Maria Abadia. **Espaços** (poesia). GYN: CERNE, 1980.
 SILVA, Maria. **Uma sombra no crepúsculo** (poemas). Edição da autora. GYN: Líder, 1982.
 SILVA, Martiniano José da. **A moça que ria muito.** GYN: 1964.
 ----- **Sombra dos Quilombos.** GYN: Barão de Itararé, 1974.
 SILVA, Nancy Ribeiro de Araújo e. **Tradição e renovação educacional em Goiás.** GYN: Oriente, 1975.
 SILVA, Sérgio Amaral. **Vida felina.** SP: 1981.
 SILVEIRA, Dep. Modesto da. **Luta comum.** BSB: Câmara dos Deputados, 1981.
 SILVEIRA, Lúcia R. P. da. **Verso e Vida.** GYN: Líder, 1981.
 SILVEIRA, Peixoto da. **A Nova Capital.** 2ª ed. GYN: Irmãos Pongetti Ed., 1957.
 ----- **Relembrando Augusto Rios.** GYN: 1974.
 ----- **Versos esquecidos e vários inéditos.** GYN: UNIGRAF, 1980.
 ----- **Wis.** Xerox do Brasil S.A.
 SILVEIRA, Valdomiro. **Leréias.** SP: Martins, 1945.
 SOARES, José. **Frauta Ruda.** BSB.
 SOARES, Moacir Bretas. **Dicionário de Legislação do Ensino.** RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1981.
 SÓROR MARIANA. **Cartas de Amor.** 3ª ed. Livraria Chardron.
 SOTER. **Início e Fim.**
 SOUSA, Cesário de. **Continentes Brasília (Poesia e outros bichos).** Brasília: Gráfica Americana, 1982.
 SOUSA, Salomão. **A moenda dos dias.** BSB: Coordenada Ed., 1979.
 SOUZA FILHO, Eduardo de. **Nos tempos de Goyaz (crônicas e poemets).** GYN: Unigraf, 1981.
 SOUZA, Siomar Rodrigues de. **Poemas para amar em Brasília.** BSB: 1971.
 STEINER, Zélia Rodrigues. **Canto e Desencanto.** 1984.
 STEVENSON, Willian. **90 minutos em Entelbe.** 4ª ed. Rio: Difel, 1977.
 SUASSUNA, Ariano. **A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai e Volta.** RJ: LJE, 1971.
 SUCASAS JÚNIOR, J. **Harpas e Carrilhões.**
 TAMER, Alberto. **Transamazônica – solução para 2001.** Rio: APEC, 1970.
 TANGANELLI, Santos Pedro. **Estatutos do Mediocre.** SP: Ed. Michalany.
 TARANTO, Sonia & ASSIS, Fernando. **Te conheço pelo cheiro.** SP: Depto. de Cultura da Pref. Mun. de São José dos Campos, 1979.
 TAUNAY, Visconde de. **Dias de guerra e de sertão.** 3ª ed. SP: Melhoramentos, 1927.
 ----- **A retirada da Laguna.** 18ª ed. SP: Melhoramentos, 1976.
 TAVARES, A. de Lyra. **Brasil França.** RJ: Biblioteca do Exército, 1978.
 TEIXEIRA, Amália Hemmano. **Reencontro.** GYN: 1981.
 TEIXEIRA, João G. e outros. **O primeiro impresso em Minas Gerais.** 10ª ed. Ouro Preto: Casa dos Contos, 1976.
 TEIXEIRA, José A. **Folclore Goiano.** 3ª ed. Instituto Nacional do Livro, 1979.
 TEIXEIRA, Maria Santos. **O escravo branco.** SP: 1961.
 ----- **O solar de D. Beija.** SP: 1965.
 ----- **Retalhos que o tempo deixou.** BH: Ed. Veja.
 TELES, Gilberto Mendonça. **Fábula de fogo.** GYN: Bolsa de Pub. da A.B.D.E./Goiás, 1960.
 ----- **Pássaro de Pedra.** GYN: ETG, 1962.
 ----- **O conto brasileiro em Goiás.** GYN: Departamento Estadual de Cultura, 1969.
 ----- **Arte de Armar.** 2ª ed. RJ: Imago Ed. Ltda, 1977.
 TELES, José Mendonça. **Fronteira.** GYN: Oriente, 1977. 2 exemplares.
 ----- **Um rio dentro de mim.** GYN: Oriente, 1979.
 ----- **Setembro nos reúne.** GYN: Gráfica do Livro Goiano, 1982.
 TELLES, Leandro. **Crônicas das ruas de Porto Alegre.** Vol. I. Porto Alegre: Pref. Mun., 1971.
 TEPE OFM, Valfredo. **O sentido da vida.** 3ª ed. Salvador: Mensageiro da Fé Ltda., 1960.

Figura 19: Registro dos livros da biblioteca pessoal de Cora Coralina, preservado pela Fundação Frei Simão Dorvi.

- THOMAZ, Joaquim. **Anchieta**. RJ: Biblioteca do Exército, 1981.
- THOMÉ, Flora Egídio. **Cirros**. 2ª ed. Lelio Gráfica, 1980.
- TOMPKINS, Peter & BIRD, Christopher. **A vida secreta das plantas**. 5ª ed. RJ: EXPED Expansão Territorial, 1978.
- TRINDADE, Cº J. **Lugares e Pessoas**. SP: Escolas Profissionais Salesianas, 1948.
- TRINDADE, Maria Zélia Damásio. **Tempo – tão pouco tempo / Amor – tão grande amor**. Ouro Preto: Gráfica Ouro Preto Ltda., 1973.
- **Momentos**. BH: Lemi S.A., 1977.
- UMBELINO, Alzira. **Vôo Rasante**. Edição independente. Editora Littera Maciel Ltda.
- VALLADARES, Luiz Fernando. **Ver de novo**. GYN: Oriente, 1977.
- VALLE, Geraldo. **O discurso de Satanás e uma aventura no inferno**.
- VALLE, Maria Cléa de Oliveira. **O de comer no Ceará**. Fortaleza: Cultura e Desporto, 1981.
- VARELLA, Martins. **Canto Perdido**. RJ: J. Di Giorgio.
- VASCONCELOS, José Mauro de. **...Longe da terra**. 5ª ed. SP: Melhoramentos, 1969.
- **Kuryala – Capitão e Carajá**. SP: Melhoramentos, 1979.
- VAZ, Coelho. **Mensagens Livres**. GYN: Oriente, 1971.
- VELOSO, Natercia Cunha. **Serenidade**. Porto Alegre: Livraria Globo, 1963.
- VERAS, Dalila Teles. **Inventário Precoce**. SP: Pannartz.
- **Lições do Tempo**. SP: Pannartz, 1982.
- VERÍSSIMO, Érico. **Um certo Capitão Rodrigo**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1970.
- VIANA, Wilton. **Síndrome de Migração**. SP: IPROSAM Ed., 1978.
- VIANNA, José. **Dentro da Noite** (poemas). GYN: Bolsa de Publ. “Hugo de Carvalho Ramos”, 1955.
- VICTOR, Antônio. **Cicatrizes da Alma**. SP: DAG, 1977.
- VIEIRA, Lúcio Salgado. **Da primavera ao outono**. Belém: FCAP, 1984.
- VIEIRA, Monsenhor Primo. **Hóspedes do Tempo**. GYN: 1978. 2 exemplares.
- VIJOYANANDA, Swani. **O eterno companheiro**. SP: ECE, 1981.
- VILAÇA, Marcos Vinícios. **Em torno da sociologia do caminhão**. Recife: M.E.C., 1961.
- WALTARI, Mika. **O egípcio**. 13ª ed. SP: Gráfica Ed. Brasileira, 1959.
- WANDERLEY, Vernaide. **Tatuagem**. Recife: Edições Pirata, 1980.
- WANKE, Eno Teodoro. **Via dolorosa**. 2ª proto edição Plaquete. Rio: 1976.
- WAXEMBERG, Jorge. **Da Mística e dos Estados da Consciência**. SP: ECE, 1976.
- WILLER, Cláudio. **Jardins da provocação**. SP: Massao e Roswitha Editores, 1981.
- WU, John. **Para além do Oriente e do Ocidente**. 2ª ed. SP: Flamboyant, 1960.
- XAVIER JÚNIOR. **A Canção do Planalto**. RJ: Emiel Ed. 1956.
- XAVIER, Francisco Cândido. **Boa Nova**. 11ª ed. RJ: Federação Espírita Brasileira, 1941.
- **Poetas redivivos**. Federação Espírita Brasileira, 1945.
- **Jesus no Lar**. 3ª ed. Rio: Federação Espírita Bras., 1949.
- **Vinha de Luz**. Rio: Federação Espírita Brasileira, 1952.
- **Fonte Viva**. 5ª ed. RJ: Federação Espírita Brasileira, 1972.
- **Há 200 anos**. RJ: Federação espírita Brasileira, 1976.
- **Luz Bendita**. SP: Editora André Luiz, 1977.
- **Maria Dolores**. SP: Ed. André Luiz, 1977.
- **Paulo e Estevão**. 15ª ed. Rio: Federação Espírita Brasileira. 2 exemplares.
- ZNAMENSKIY, Valerian. **Fertilidade do solo, problemas de erosão e práticas agropecuárias de Goiás**. GYN: Secretaria da Agricultura.
- ZOLA, Emílio. **O sonho**. SP: Clube do Livro, 1947.

Figura 20: Registro dos livros da biblioteca pessoal de Cora Coralina, preservado pela Fundação Frei Simão Dorvi.

- Autores diversos. **Antologia da Estância da Poesia Crioula**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1970.
- Autores diversos. **Cadernos Literários** (poesias). Ed. Caravela, 1983.
- Autores diversos. **Camilo Castelo Branco**. RJ: Agir, 1967.
- Autores diversos. **Chão de Flores - Francisco Cândido Xavier**. 3ª ed. SP: Ed. André Luiz, 1978.
- Autores diversos. **Fabulosas águas quentes de Caldas Novas (As)**. GYN: Oriente, 1971.
- Autores diversos. **Folclore da caixa (O)**. Contos. BSB: CEF, 1984.
- Autores diversos. **Fontes de alegria**. Lisboa: Martins Fontes.
- Autores diversos. **Momento de trovas – coletânea de trovas**. SP: Ademor – Publicações e Publicidade Ltda., 1979.
- Autores diversos. **Novo Manual de Língua Portuguesa**. 5ª ed. BH: Francisco Alves e Cia., 1918.
- Autores diversos. **Poesias e Contos Bacharéis**. GYN: UFG, 1966.
- Autores diversos. **Poetas brasileiros de hoje 1985**. Rio: Serogum Arte, 1985.
- Autores diversos. **Revista da Academia Goiana de Letras**. Nº 05. GYN: 1975.
- Autores diversos. **Revista da AGL**. Nº 06. GYN: 1978.
- Autores diversos. **Revista da AGL**. Nº 07. GYN: 1980.
- Autores diversos. **Revista de Educação**. GYN: IEG, 1959.
- Autores diversos. **Revista Goiana de Artes**. GYN: Instituto de Artes da UFG, 1983.
- Autores diversos. **Revista de História**. Vol. 53. SP: 1976.
- Autores diversos. **Revista do IHGG**. Nº 06. Gyn: 1977.
- Autores diversos. **Revista da UFG**. GYN: 1965.
- Autores diversos. **Poetisas do Pantanal**. Porto Alegre: Edições Caravela, 1984.
- Autores diversos. **Prosa presente**. SP: Editora Soma, 1983.
- Autores diversos. **Salada mista**. Catalão: Gráfica Santa Luzia.
- Autores diversos. **Seleções do Reader's Digest**. Abr/1943.
- Autores diversos. **Seleções do Reader's Digest**. Out/1951.
- Autores diversos. **Seleções do Reader's Digest**. Nº VI. Rio: Ypiranga, 1958.
- Autores diversos. **Seleções do Reader's Digest**. Abr/1964.
- Autores diversos. **Seleções do Reader's Digest**. Mai/1964.
- Autores diversos. **Seleções do Reader's Digest**. Jun/1964.
- Autores diversos. **Seleções do Reader's Digest**. Jul/1964.
- Autores diversos. **Seleções do Reader's Digest**. Ago/1964.
- Autores diversos. **Obras primas do conto brasileiro**. 7ª ed. SP: Martins, 1957.
-
- Antologia. Língua Portuguesa. Leituras variadíssimas**. São Paulo: FTD, 1922.
- Antologia de La Poesía Argentina**. Buenos Aires: Kapelusz S.A. 1975.
- Anuário da Academia Fem. de Letras e Artes de Goiás. 1970**. GYN: UFG, 1970.
- Anuário da Academia Fem. de Letras e Artes de Goiás. 1975/1976**. GYN: Líder.
- Anuário da Academia Fem. de Letras e Artes de Goiás. 1977/1978**. GYN: Líder.
- Autos de Devassa da Inconfidência Mineira**. 1º vol. BSB: Câmara dos Dep. Gov. do Estado de Minas. 1976.
- Autos de Devassa da Inconfidência Mineira**. 8º vol. BSB: Câmara dos Dep. Gov. do Estado de Minas. 1977.
- Autos de Devassa da Inconfidência Mineira**. 9º vol. BSB: Câmara dos Dep. Gov. do Estado de Minas. 1977.
-
- Beta**. (poesia, conto, crônica) Orleans: Acad. Orleanense de Letras, 1984.
- Bibliografia Brasileira Mensal**. Nº 11 e 12, vol. 2. RJ: nov/dez 1969.
- Bibliografia e Crítica de Agrippino Grieco**. RJ: Min. da Educação e Cultura, 1968. (2 exemplares)
- Biblioteca de Seleções do Reader's Digest: O Cavalo de Pau e outros**. RJ: Ypiranga, 1958.

Figura 21: Registro dos livros da biblioteca pessoal de Cora Coralina, preservado pela Fundação Frei Simão Dorvi.

Boletim 2. Comissão Goiana de Folclore. GYN: Fundação Nac. de Arte/Inst. Nac. do Folclore, 1980.
Brinquedos Tradicionais Brasileiros. S. Paulo: Sesc, 1983.

Catálogo de Publicações – 1981/82. Goiânia: UFG, 1981. (09 exemplares)
Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: 1978.

Decreto nº 5.547 – Remodelando as Secretarias de Estado. Cidade de Goiás: 1918.
Despertar do Nordeste Goiano (O).
Diocese de Goiás e o Plano de Emergência. Goiás: Tipografia Anhanguera.
Discursos Ernesto Geisel (vol. IV). RJ: Assessoria de Imprensa da Pres. da República, 1978.
Divisão Territorial e Administrativa do Estado de Goiás. Câmara dos Deputados. BSB: Senado Federal Centro Gráfico, 1978.

Energia elétrica no Brasil (A). Col. General Benício. Vol. 154. RJ: Biblioteca do Exército, 1977.

Fatos sobre os Estados Unidos. Serviço de Divulgação e Relações Culturais dos EUA.
Folclórica. Instituto Goiano de Folclore. Ano 2. Vol. 2. GYN: Oriente, 1973.
Folclórica. Instituto Goiano de Folclore. Ano 2. Vol. 3. GYN: Oriente, 1973.

Goânia documentada. Serviço de Documentação do Museu Estadual. SP: Edigraf, 1958.
Goías Cultura. Revista do Conselho Estadual de Cultura. GYN: 1982. 2 exemplares.
Goías Cultura. Revista do Conselho Estadual de Cultura. Nº 3. GYN: 1985.
Gravura – Exposição Didática. GYN: Museu Estadual, 1967.
Guia de Goiás. Nº 5. GYN: 1980.
Guimarães Rosa. Literatura Comentada. SP: Ed. Abril, 1982.

Hechos de Israel. Ministério das Relações Exteriores. 1971.
Hora de adoração. Obra da Adoração Perpétua, São Paulo.

Iguaçu. (livreto com textos e fotografias)
Interesses expansionistas do Sionismo (Os). Missão da Liga dos Estados Árabes no Brasil. BSB: Transbrasil.
Igreja e o Colégio dos Jesuítas de São Paulo (A). SP: Pref.Municipal, 1979.

Jaboticabal. Sesquicentenário. 1828 – 1978. SP: Edições Populares.
Jaula aberta. Informativo do Lions. Bauru: 1983.
Jorge da Silva Fagundes e Isaura Siqueira Fagundes. Bodas de Ouro. 1962.

Livro das Noivas (O). SP: 1929.

Memórias de Guerra – General de Gaulle. A vitória – 1944-1946. Vol. 3. Rio: Biblioteca do Exército, 1979.

No Cenáculo. Guia Devocional Diário. Nº 4. Jul/Ago 1982.

Obras completas de Dinorah Pacca (Jardim do sonho). 2ª ed. GYN: Oriente, 1973.
Obras completas de Ricardo Paranhos. GYN: CERNE, 1972. 2 exemplares.

Patrono Jarbas Jaime. Academia Goiana de Letras, 1984.
Picaré. Espaço Alternativo. Nº 05. Santos: 1982.
Poesias de Álvaro de Campos. Coleção Poesia. Editora Ática.

Figura 22: Registro dos livros da biblioteca pessoal de Cora Coralina, preservado pela Fundação Frei Simão Dorvi.

- Racismo israelense (O).** Publicações da Missão da Liga dos Estados Árabes no Brasil. BSB: Transbrasil.
- Realidade brasileira do menor (A).** Câmara dos Dep. BSB: Senado Federal Centro Gráfico, 1976.
- Recursos Humanos e Desenvolvimento.** Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra. GYN: ADESG, 1975.
- Relações entre Israel e África do Sul.** Relatório da Comissão da ONU contra o “apartheid”. BSB: Missão da Liga dos Estados Árabes no Brasil.
- Relatos de um Peregrino.** Tradução da equipe da ECE Editora. SP: ECE, 1978. 2 exemplares.
- Revista da Academia Goiana de Artes.** Instituto de Artes da UFG. Nº 01. GYN: UFG, 1980. 2 exemplares.
- Revista Goiana de Jurisprudência.** Edição Centenário. GYN: D. David Ed. Ltda., 1974.
- Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.** 1979.
- Revista do Livro.** Órgão do Instituto Nacional do Livro. Nº 31. Rio: MEC, 1956.
- Revista do Livro.** Órgão do Instituto Nacional do Livro. Nº 34. Rio: MEC, 1956.
- Revista do Livro.** Órgão do Instituto Nacional do Livro. Nº 33. Rio: MEC, 1968.
- Revista do Livro.** Órgão do Instituto Nacional do Livro. Nº 36. Rio: MEC, 1969.
- Rosacruz. Perguntas e Respostas.** Grande Loja do Brasil, 1975.
- Saúde depende da cozinha (A).** 9ª ed. Editora Missionária.
- Tratado das moléstias pelo Dr. Kaufmann.** Incompleto.
- 39ª Corrida do Fogo Simbólico da Pátria.** Liga da Defesa Nacional. BSB: Senado Federal, 1976.
- Um Tratado da Cozinha Portuguesa do séc. XV.** Guanabara: Instituto Nacional do Livro, 1963.
- Uruguayana – Sonho e Poesia.** Uruguayana: Câmara Mun. de Uruguayana. 2 exemplares.
- Verdade que conduz a Vida Eterna (A).** Edição Brasileira.
- 25 Cuentos Argentinos Magistrales Siglo XX.** Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1975.

Figura 23: Registro dos livros da biblioteca pessoal de Cora Coralina, preservado pela Fundação Frei Simão Dorvi.

LITERATURA DE CORDEL

- ATHAYDE, João Martins de. **A filha do bandoleiro**. 1º e 2º vol. Juazeiro: São Francisco, 1953.
 ----- **História da escrava Guiomar**. Juazeiro do Norte: Tip. São Francisco.
 ----- **As grandes aventuras de Armando e Rosa conhecidos pôr “Côco Verde e Melancia”**. Juazeiro: São Francisco.
 ----- **A órfã abandonada**. Juazeiro.
 ----- **A princesa Rosamunda ou a morte do gigante**. Juazeiro.
 ----- **História de Raquel e a fera encantada**. Juazeiro.
 ----- **O casamento do calango**. Juazeiro.
 ----- **O enfeitado de Orion**. Juazeiro.
 ----- **O premio do sacrificio ou os sofrimentos de Lindóia**. Juazeiro: São Francisco, 1957.
 ----- **O príncipe e a fada**. Juazeiro.
 ----- **Peleja de Riachão com o Diabo**. Juazeiro: São Francisco.
 ----- **Peleja de Serrador e Carneiro**. Juazeiro: São Francisco.
 ----- **Romance do pavão misterioso**. Juazeiro: São Francisco.
 BARROS, Leandro Gomes de. **A vida de canção de fogo e o seu testamento**. Juazeiro: São Francisco, 1970.
 BLACK O. P., Giles. **O rosário de Maria com São Martinho de Porres**. SP: Escola Tipográfica Dominicana, 1966.
 CÂMARA, Teodoro Ferraz da. **Os mártiros de Rosa de Milão**. Juazeiro.
 CASTRO, Nei Leandro de. **Viola de Desafio II**. Edição do 1º Congresso de Cultura Popular. Natal: 1963.
 LIMA, João Ferreira. **História de Mariquinha e José Leão**. Juazeiro do Norte: Tip. São Francisco.
 NORDESTINO, Franklin Maxado. **O bode subversivo que deu no Diabo**. Mundo Novo/BA: 1979.
 SANTOS, Manoel Camilo dos. **Viagem a São Saruê**. Campina Grande: 1965.
 SILVA, Expedito Sebastião da. **O homem Visão**. Juazeiro.
 ----- **Os milagres e os sermões de Frei Damião**. Juazeiro.
 SILVA, João José da. **Aladim e a Princesa de Bagdá**.
 ----- **A malassombrada peleja de Francisco Sales com o negro Visão**. Juazeiro.
 ----- **História de Ana Rosa e Banda Fôrra**. Juazeiro.
 SILVA, José Bernardo da. **História do cavalo misterioso e o boi mandingueiro**. Juazeiro: São Francisco.
 ----- **Entre o namoro e a dança nas festas dos Bastião**. Juazeiro, 1955.